



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DANIELE BARBOSA BEZERRA

**JOAQUIM NOGUEIRA: PERCURSO PROFISSIONAL,
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PROJETOS EDUCACIONAIS - (1904-1934)**

FORTALEZA

2015

DANIELE BARBOSA BEZERRA

**JOAQUIM NOGUEIRA: PERCURSO PROFISSIONAL,
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PROJETOS EDUCACIONAIS - (1904-1934)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de doutora em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- B469j Bezerra, Daniele Barbosa.
Joaquim Nogueira : percurso profissional, práticas pedagógicas e projetos educacionais - (1904-1934) / Daniele Barbosa Bezerra. – 2015.
183 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: História e memória da educação.
Orientação: Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior.
- 1.Nogueira,Joaquim da Costa,1866-1935 – Livros e leitura. 2.Educadores – Fortaleza(CE) – Biografia. 3.Educação – Fortaleza(CE) – 1904-1934. 4.Influência(Literária,artística,etc.). 5.Educação – Métodos biográficos. I. Título.

DANIELE BARBOSA BEZERRA

JOAQUIM NOGUEIRA: PERCURSO PROFISSIONAL,
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PROJETOS EDUCACIONAIS - (1904-1934)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. José Álbio Moreira de Sales
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dra. Lia Machado Fiúza Fialho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao “meu” Joaquim Nogueira (*in memoriam*), depositário das lembranças de uma época que não pode ser esquecida.

Ao meu pai, Francisco Alberto Nogueira Bezerra.

Aos meus tios paternos: José Sérgio Nogueira Bezerra (*in memoriam*); José Luciano Nogueira Bezerra (*in memoriam*), José Eduardo Nogueira Bezerra (*in memoriam*), que partiram sem saber a sua história.

Aos meus, também, tios, Francisco Roberto Nogueira Bezerra e Leila Ladeira.

Aos meus primos descendentes do Joaquim Nogueira.

À Francisquinha Bezerra de Pinho Melo.

À minha mãe, Maria do Socorro Barbosa Bezerra (*in memoriam*) e à minha avó, Maria Lirêda Nogueira (*in memoriam*) que partiram enquanto esta história estava sendo reconstituída.

AGRADECIMENTOS

À força criadora.

Ao meu querido pai, Alberto, por sua participação especial como colaborador na elaboração desta tese e por ser a primeiro a despertar o meu interesse sobre o meu objeto de estudo.

À minha querida mãe, Socorro (*in memoriam*) pelo estímulo e amor por toda a vida, quem me fez seguir o caminho que escolhi. Saudades todos os dias.

Aos meus filhos Lucas e Sophia, grandes aliados nos meus projetos, Luz e Sabedoria, eternamente, em minha vida.

Aos meus irmãos Cláudio Bezerra e família e Marcelo Bezerra e família pelo incentivo.

Aos meus tios Benilson Sanches Lopes e Maria das Graças Barros Lopes e família, pelo auxílio logístico e pela presença marcante na minha vida e na dos meus filhos.

À minha tia Leila Ladeira pelos momentos de descontração e depoimentos esclarecedores ou contraditórios que me auxiliaram na escrita deste trabalho.

À minha tia Marly Cordeiro pelo apoio logístico na última etapa da execução desse trabalho.

À minha tia, Ivone Cordeiro, pela leitura crítica e sugestões para o aperfeiçoamento desta escrita.

Aos amigos presentes nesta caminhada, sobretudo nos momentos de grandes dificuldades, Nilza Moura Andrade, Daniel e Carol Vieira.

Ao meu orientador, professor Dr. Elmo Vasconcelos que no decorrer desta pesquisa tornou-se um conselheiro amável, sempre prestativo, com discussões esclarecedoras sobre o aporte teórico e metodológico.

À UFC e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira.

À Geísa, Adalgisa e Sérgio pela colaboração nas horas mais burocráticas e difíceis desta caminhada.

Aos meus colegas de doutorado, em especial, à Ana Michele , Gildênia e Gracinha pela cumplicidade e seriedade nas discussões.

Aos professores do NHIME pela acolhida calorosa e contribuição acadêmica.

Ao pesquisador e Prof. Dr Sânzio de Azevedo, que me auxiliou com informações importantes sobre o biografado, além de ter me presenteado com fontes iconográficas e bibliográficas a respeito de Joaquim Nogueira.

Ao pesquisador Miguel Ângelo Nirez pela abertura dos seus arquivos que tanto me auxiliaram no entendimento de Fortaleza.

À Madalena Maria Monteiro Figueiredo por me ajudar a coletar fontes, ainda enquanto pesquisava a história da família.

Aos funcionários do Arquivo Público Estadual do Ceará pela colaboração e auxílio.

Aos Professores Dr. Francisco Ari Andrade, Dr. Rui Martinho Rodrigues. Dr. Romeu Duarte pela grandeza do conhecimento e generosidade intelectual.

Aos professores Dra. Lia Machado Fiúza Fialho, Dra. Lídia Eugênia Cavalcante, Dr. Luíz Távora Furtado Ribeiro, Dr. José Álbio Moreira Sales pelas sugestões que tanto me auxiliaram na execução do trabalho e pela disponibilidade em fazer parte da minha banca.

“Quase todo biógrafo, se ele respeita os fatos, pode nos dar bem mais que outro fato para adicionar na nossa coleção. Ele pode nos dar o fato criativo; o fato fértil; o fato que sugere e engendra” (Virgínia Woolf).

RESUMO

O professor Joaquim da Costa Nogueira dedicou-se à educação, em Fortaleza, no período de 1904-1934. Fundou o Instituto de Humanidades (1904) e o Collegio Nogueira (1918) que ficaram na história da educação cearense pela vanguarda de suas experiências pedagógicas. Esta pesquisa reconstitui o percurso profissional, os projetos escolares e educacionais fomentados por ele; identifica os teóricos que o alicerçaram em sua vida profissional, assim como as leituras que o balizaram na construção do saber. A somar com a sua atividade de educador apresenta-se, uma outra faceta de Joaquim Nogueira, a de editor de livros. Proprietário da Typhographia Escolar, junto ao seu filho, José Mendonça Nogueira, foram responsáveis por diversas publicações de caráter didático, além de outros gêneros, tais como: a Revista Escolar, o Anno Escolar, o Baralho Arithmetico, As Lições Progressivas das Primeiras Letras, Lições de Arithmetica, o Anuário Cearense; o jornal, Bandeirante; a Miscellanea, o Indicador Cearense, o periódico Bric à Brac. Além disso, identifica-se os personagens coadjuvantes da sua história, em sua Teia de Sociabilidades, que até então, permanece ignorada pela historiografia. O diálogo com autores do porte de Ricoeur, Le Goff, Dosse, Wolff, Veyne, foram fundamentais para a construção dessa pesquisa. A relevância desta biografia para a história da educação deve-se à possibilidade de compreensão de suas práticas educacionais, além da necessidade de situá-lo na sociedade das três primeiras décadas, no Ceará, a partir dos vínculos profissionais com educadores e intelectuais de outros estados e países. Conclui-se que o nome de Joaquim da Costa Nogueira é de extrema relevância para a história da educação no Ceará e não pode ser ignorado pelos investigadores da área.

Palavras-Chave: Biografia. Práticas pedagógicas. Joaquim da Costa Nogueira. Educação Cearense.

ABSTRACT

Joaquim da Costa Nogueira was dedicated to education in Fortaleza in the 1904-1934 period. He founded the Institute of Humanities (1904) and the Collegio Nogueira (1918) who were in the history of Ceará education by forefront of their educational experience. This research reconstructs his career, school and educational projects supported by it; identifies theorists that underpinned in your professional life as well as the readings as guidelines in the construction of knowledge. The sum with your educator activity presents itself, another facet of Joaquim Nogueira, the books editor. Owner of Typhographia School, next to his son, José Mendonça Nogueira, were responsible for several didactic publications, as well as other genres, such as the School Magazine, the Anno School, the Deck Aritmético, The Progressive Lessons from the First Letters, Lessons Aritmética, the Cearense Yearbook; the newspaper, Bandeirante; the Miscellanea, the Cearense Indicator, the journal Bric à Brac. In addition, it identifies the supporting characters of his story, in chain of sociability, until then, remain ignored by historiography. Dialogue with size of the authors of Ricoeur, Le Goff, Dosse, Wolff, Veyne, were instrumental in the construction of this research. The relevance of this biography to the history of education is due to the possibility of understanding of their educational practices, and the need to place him in the company of the first three decades, Ceará, from professional ties with educators and intellectuals from other states and countries. It concludes that the name of Joaquim da Costa Nogueira is extremely important for the history of education in Ceará and can not be ignored by researchers in the field.

Keywords: Biography of Joaquim da Costa Nogueira. Pedagogical practices. Cearense education. Chain of sociability.

RESUMÉ

Professeure Joaquim da Costa Nogueira a été consacrée à l'éducation à Fortaleza dans la période 1904-1934. Il a fondé l'Institut des sciences humaines (1904) et le Collegio Nogueira (1918) qui se trouvaient dans l'histoire de l'éducation par Ceará point de leur expérience éducative. Cette recherche reconstruit sa carrière, l'école et des projets éducatifs soutenus par elle; identifie les théoriciens qui ont soutenu dans votre vie professionnelle ainsi que les lectures que les lignes directrices de la construction de la connaissance. La somme avec votre activité de pédagogue se présente, une autre facette de Joaquim Nogueira, l'éditeur de livres. Propriétaire de Typhographia école, à côté de son fils, José Mendonça Nogueira, étaient responsables de plusieurs publications didactiques, ainsi que d'autres genres, comme le magazine, l'Ecole Anno, le pont arithmético, Les leçons progressives à partir des premières lettres, Leçons arithmetica, l'Annuaire Cearense; le journal, Bandeirante; l'Miscellanées, l'indicateur Cearense, le journal Bric à Brac. En outre, il identifie les personnages de soutien de son histoire, dans son toile des sociabilités, jusque-là, rester ignorée par l'historiographie. Dialogue avec la taille des auteurs de Ricœur, Le Goff, Dosse, Wolff, Veyne, ont contribué à la construction de cette recherche. La pertinence de cette biographie à l'histoire de l'éducation est due à la possibilité de compréhension de leurs pratiques éducatives, et la nécessité de le placer dans la société des trois premières décennies, Ceará, de liens professionnels avec des éducateurs et des intellectuels en provenance d'autres États et les pays. Il conclut que le nom de Joaquim da Costa Nogueira est extrêmement important pour l'histoire de l'éducation en Ceará et ne peut pas être ignorée par les chercheurs dans le domaine.

Mots-clés: Biographie de Joaquim da Costa Nogueira. Les pratiques pédagogiques. L'éducation Cearense. Toille des Sociabilités.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Fotografia do Prof. Joaquim da Costa Nogueira	43
Imagem 2: Passeio Público, ano de 1919	46
Imagem 3: Palacete Guarany.....	48
Imagem 4: Engenho Central Bembem, 1897.....	49
Imagem 5: Casa do presidente Nogueira Accioly depredada pela população de Fortaleza, na revolta de 1912.....	58
Imagem 6: Pouso do Graf Zeppelin, em Fortaleza 28 de maio de 1930 no litoral de Fortaleza.....	60
Imagem 7: Mapa da: Região Metropolitana de Fortaleza, 2010.....	61
Imagem 8: Faculdade de Direito de Recife, 1928.....	62
Imagem 9: Instituto de Humanidades, sede localizada à rua da Assembleia nº. 33.....	65
Imagem 10: Sala de aula do Instituto de Humanidades, aula de Geografia do Professor Theodorico da Costa, 1909.....	69
Imagem 11: Certificado de Joaquim Nogueira, como membro da Academie Latine dès Sciences, Arts et Belles Lettres situada em Paris, 1919.....	70
Imagem 12: Fotografia em estúdio do Corpo docente do Instituto de Humanidades.....	74
Imagem 13: Corpo docente do Instituto de Humanidades, 1908.....	75
Imagem 14: Horário Geral dos alunos internos e externos do Instituto de Humanidades, 1908.....	89
Imagem 15: Retrato dos Conquistadores dos Prêmios do Curso Primário do Instituto de Humanidades, em 17 de julho de 1910.....	91
Imagem 16: Parte interna da Typographia Escolar, propriedade do Prof. Joaquim Nogueira e José Mendonça Nogueira.....	93
Imagem 17: A imagem é da Estrada de Ferro de Baturité.....	94
Imagem 18: Fotografia do Quartel do 9º Batalhão de Infantaria, em Fortaleza, 18 de junho de 1908.....	95

Imagem 19: Exemplar do Anno Escolar, 1921. A referida edição é da Editora Leite Ribeiro & Maurillo, localizada à Rua Santo Antônio, 123, no Rio de Janeiro.....	98
Imagem 20: Revista Escolar do Collegio Nogueira (2 ^a . fase).....	100
Imagem 21: Quadro com a Teia de Sociabilidades de Joaquim Nogueira.....	105
Imagem 22: Fotografias feitas por José Nogueira, na casa do Professor Theodorico da Costa, por ocasião do aniversário do seu aniversário, em 15 de agosto de 1908.....	112
Imagem 23: Dr. Henrique Autran imortalizado em fotografia na sala de aula do Instituto de Humanidades- 1907.....	112
Imagem 24: Dr. Mattos Peixoto, em imagem imortalizada no Instituto de Humanidades, em 1907.....	126
Imagem 25: José Silveira em exercício profissional no Instituto de Humanidades- Fotografia de 1907.....	136
Imagem 26: Livro de Matrículas do Collegio Nogueira, 1930.....	138
Imagem 27: José Mendonça Nogueira, aos 22 anos de idade.....	141
Imagem 28: Retrato em pose de José Mendonça Nogueira, 1912.....	150
Imagem 29: Imagem 30: O Café Java localizado na Praça do Ferreira, 1915.....	152
Imagem 30: Ponto de Partida dos Bondes Elétricos na Capital Cearense, localizava-se na Praça do Ferreira.....	153
Imagem 31: Túmulo de José Mendonça Nogueira, localizado no Cemitério São João Baptista - Fortaleza, 1916.....	155
Imagem 32: Fachada da segunda sede do Club Iracema, onde, atualmente funciona, o Instituto do Ceará.....	158
Imagem 33: Colégio Nogueira fundado em 1937, sob a direção de João Hipolyto Campos de Oliveira.....	166
Imagem 34: Índice da Matrícula do Liceu.....	168

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O “MEU” JOAQUIM NOGUEIRA, TÃO PERTO E TÃO DISTANTE.....	15
1.1 Corpus Conceitual.....	19
1.2 Organização dos Capítulos.....	22
2 BIOGRAFAR: ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO.....	25
2.1 O Voyeurismo permitido entre o autor e o leitor.....	25
2.2 Biografia: entre o preconceito acadêmico e o sucesso editorial.....	31
2.3 Sobre narrativas: Ficcional e Histórica.....	34
3 A BIOGRAFIA.....	43
3.1 Fortaleza Belle Époque.....	43
3.2 De menino a mestre escola: o começo de tudo.....	61
3.3 O Instituto de Humanidades: arquitetura, infraestrutura e práticas pedagógicas.....	64
3.4 Diálogos com o contraditório: o “velho” e o “novo” nas práticas pedagógicas de Joaquim Nogueira.....	76
3.5 Espiritualismo Eclético: cores nacionais no Instituto de Humanidades.....	87
3.6 O educador e o editor.....	91
3.6.1 Sobre o livro “Anno Escolar”.....	96
3.6.2 Sobre a “Revista Escolar”.....	99
3.6.3 Sobre o livreto “Ceará Intelectual”.....	101
3.6.4 Sobre o Anuário Cearense para 1912.....	101
4 “DIZES-ME COM QUEM ANDAS”: A TEIA DE SOCIABILIDADES DE JOAQUIM DA COSTA NOGUEIRA.....	103
4.1 Sobre as teias: Pessoal (TP), Profissional (TPr) e Pessoal/Profissional (TPP).....	104
4.2 Atores coadjuvantes na história de Joaquim Nogueira.....	107
5 CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA.....	150
5.1 Assassinato de José Nogueira.....	150

5.2 O impacto da tragédia: o Instituto de Humanidades e a Typografia Escolar fecharam as portas.....160

6 O RECOMEÇO E O FIM DA VIDA: FUNDAÇÃO DO COLLEGIO NOGUEIRA E A APOSENTADORIA NO LICEU DO CEARÁ.....167

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU “O TEMPO QUE SE QUER NÃO É O TEMPO QUE SE TEM”.....173

REFERÊNCIAS.....176

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O “MEU” JOAQUIM NOGUEIRA, TÃO PERTO E TÃO DISTANTE

“Deveria ser suficiente, para responder, completar as leituras das obras com o exame da vida. Mas aí é que a dificuldade é maior”. (LE GOFF, 2012, p.49)

Durante a minha vida escutei por diversas vezes o nome do Professor Joaquim Nogueira, sobretudo porque este faz parte do meu universo familiar, posto que é avô do meu pai. Porém, tais comentários a seu respeito, muitas vezes foram resguardados pela família como um mistério advindo de um total desconhecimento sobre a sua história ou por algo que nunca fora revelado, por algum motivo que até então desconhecia.

Meu pai vez por outra narra com a saudade do que não viveu, a história do professor Nogueira contada por minha avó e sobre o que escutou em família, pois ele nem mesmo chegou a conhecê-lo; o mestre-escola morreu anos antes do nascimento do meu pai. Sua lembrança recorrente recai sobre a “Vovó Olívia”, a Sra. Olívia Pinto de Mendonça, esposa de Joaquim Nogueira, com quem meu pai morou até a morte dela e que enquanto lúcida, muito contava sobre a sua história.

O tal mistério, que passei a compreender apenas na maturidade se devia a um relacionamento íntimo do professor Joaquim Nogueira, à época, com uma empregada de sua casa, Dona Francisca Freitas, vindo daí a nascer minha avó paterna, Maria Lirêda Nogueira. Este foi o principal motivo de tanto silêncio e de histórias bem desencontradas.

Todavia, há alguns anos, como se quisesse se ver livre deste segredo que sufocara sua própria existência. Minha avó revelou à minha tia paterna, Leila Ladeira: “Agora eu vou contar. Papai já morreu mesmo! Ele era o meu pai mesmo, com mamãe que foi empregada da casa dele. Mas nunca pude contar. Cresci com este segredo!”.

Mesmo após o depoimento da Vovó Lirêda, o fato ainda hoje é considerado não esclarecido e permanece com as duas versões na família: a primeira de que ela é filha legítima como havia revelado; e a segunda de que fora adotada pelo casal Nogueira.

A desconfiança que ainda paira sobre a sua paternidade está associada a “vergonha” que ela impôs à família. Afinal, como dar crédito a alguém que abandonou os filhos e o marido, no começo dos anos 50? Meu avô, José Bezerra de Pinho Melo era gerente dos negócios do Sr. Pedro Machado da Ponte (Padrinho de Batismo do meu pai), um comerciante exportador de couro e cera de carnaúba falecido em 22 de setembro de 1950.

Acredito que por isso, certamente, minha avó jamais foi socialmente aceita como filha do mestre-escola, mesmo que tenha sido fruto de um suposto adultério por parte dele. Na sociedade de outrora, e ainda hoje, o homem branco, no poder, tudo pode. A ela foi tirado o posto de “filha do professor” e em seu lugar, lhe foi atribuído o de “adotada para todo o sempre” ou de “bastarda”; e após a sua “tresloucada” atitude para uma moça tão fina, ainda um outro, a de “mulher da vida” que abandonou o doce lar.

Liredinha como a família a chama carinhosamente ou debochadamente, viveu, cresceu e morreu sob esse estigma. As repercussões dessas atitudes, “não poder revelar sua identidade” e “fugir com outro homem”, deixando tudo para trás reverberam ainda na sua terceira geração. Sofreu com o seu silêncio, com a sua identidade escondida e fez muita gente sofrer também. Seus filhos que ficaram em Fortaleza, por diversas vezes foram apontados, em situações cotidianas, como o filho “daquela”, como meu pai relatou por diversas vezes com a mágoa de quem viveu e sofreu por estes momentos. Afora isso, Liredinha deu fim a toda a sua herança e a dos seus meninos. Vendeu o que podia e o que não podia com o apoio de empresários locais, que mesmo sabendo da ilegalidade da negociação, deram um “jeitinho” para comprar os seus bens. Esta atitude reforçou a mágoa e uma vida de muitas dificuldades dos que ficaram.

Após a sua partida, os meninos assumiram os trabalhos domésticos e se revezaram nos afazeres e no cuidado com o irmão mais novo, que ainda era um bebê. Anos depois da morte do meu avô, vitimado por um câncer, meu pai e meus tios foram criados na casa de uma tia paterna, Sra. Francisquinha Bezerra

de Pinho Melo, ainda viva, mas com a saúde bem fragilizada. Quando os meninos cresceram cada um seguiu o seu rumo.

Liredinha, a moça que não repetia vestidos, que usava perfumes importados, que foi interna do Colégio da Imaculada Conceição e foi professora nos colégios São José, Farias Brito e Lourenço Filho jogou tudo para o alto e se aventurou no desconhecido.

Independente de “ser ou não ser filha legítima, eis a questão”: Em minhas pesquisas descobri que o Anjo na Terra, sempre fora tratada com o mesmo cuidado e esmero que o dito filho único do Prof. Joaquim Nogueira, José de Mendonça Nogueira, como pude constatar por depoimentos na família e em fontes documentais; como o testamento do Mestre-escola e de sua mulher, Sra. Olívia Pinto Mendonça, em que a minha avó foi a herdeira dos seus bens, além da igreja católica.

Chamou-me atenção, o Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades em que José Mendonça Nogueira aparece como o primeiro aluno matriculado no Instituto e anos depois, após a sua morte, Maria Lirêda Freitas, ainda apenas com o nome materno, como a primeira aluna, no mesmo Livro de Matrículas, mas usado posteriormente pelo Collegio Nogueira. No registro do livro, o responsável pela Liredinha é o próprio Joaquim Nogueira. O lugar de filha foi simbolicamente representado por Joaquim Nogueira, como a aluna n.º.1 do externato.

Assim, durante o ano de 2010 circulei pelos arquivos públicos da cidade e bibliotecas intencionando decifrar este enigma familiar que foi silenciado pela minha avó paterna, durante sua lúcida existência, no final de sua vida, havia apenas fagulhas de consciência. O pouco que mencionava era sobre a moça da sociedade fortalezense e de uma vida de regalias que tivera. Liredinha faleceu aos 94 anos, em 27 de novembro de 2014, no hospital público Conde Modesto, na cidade de Maricá, no Rio de Janeiro.

Neste bisbilhotar familiar, acabei por ter contato com fontes documentais e com a vasta produção intelectual do Prof. Joaquim Nogueira. Assim perdi de vista a ideia inicial, a de resgatar a história do meu bisavô e vislumbrei uma pesquisa sobre a História da Educação no Ceará, consoante a representatividade do antes “meu” Joaquim Nogueira junto ao cenário intelectual

do seu tempo. Não só o homem, mas o educador renasceu em fontes documentais e iconográficas que chegaram a mim.

Assim, revelava-se a história de uma personagem que não poderia jamais ficar perdida entre as poeiras dos arquivos daqueles que pesquisam e fazem a Educação no Ceará, visto que, quantitativamente, são poucos os trabalhos que aludem ao mestre-escola e às instituições de ensino que ele fundou: O Instituto de Humanidades e o Collegio Nogueira; instituições privadas, consagradas pela sociedade cearense de então, como pude observar em fontes documentais da época.

Desta feita, a trajetória do mestre-escola Joaquim da Costa Nogueira, que construiu, se alicerça não só na vanguarda de suas experiências pedagógicas, mas ao entendimento de que por meio delas pode-se conhecer e compreender a ambiência, as características dos educadores do seu tempo, além de um melhor entendimento da sociedade e da cultura, para o enriquecimento da interpretação da educação brasileira no período em investigação. Acredito que, a relevância desta pesquisa para a história da educação deve-se à possibilidade de compreensão de práticas educacionais, além de situá-lo no espaço social, seus vínculos com educadores de outros estados e países, como constatei em diversos documentos pessoais.

A somar com a sua atividade de mestre-escola não pude perder de vista, uma outra faceta do Joaquim Nogueira, que souo de grande importância, a de editor de livros didáticos e outros gêneros. Da gráfica Typhographia Escolar, anexa ao Instituto de Humanidades, doada por ele ao seu filho, José de Mendonça Nogueira, saíram diversas publicações locais, dentre elas: a “Revista Escolar”, revista do próprio Instituto de Humanidades; o “Anno Escolar”, livro didático prefaciado por Clóvis Beviláqua, destinado ao ensino dos discentes do Instituto, e posteriormente sendo usado pelas escolas públicas de então; o “Anuário Cearense”, um livro de suma importância que trata da cultura cearense; o quinzenário jornal, “Bandeirante”; a “Miscellanea”, que circulava retardatariamente em pequenos fascículos de oito páginas; o “Indicador Cearense”, material que consistia em informes de toda natureza; o periódico “Bric à Brac”; os livros “Lições progressivas de Primeiras Letras” e “Lições de Aritmética”, além do seu “Baralho Aritmético”, sempre lembrado pelos alunos, que se constituía num instrumento pedagógico, criado pelo próprio Prof. Joaquim

Nogueira para as suas aulas de matemática. Assim, Joaquim Nogueira e seu filho, José Mendonça Nogueira, consagraram-se como precursores de iniciativas editoriais no Ceará no início do século XX.

Destarte, tendo por objeto o homem e o educador Joaquim da Costa Nogueira, esta pesquisa objetiva reconstruir o percurso profissional, os projetos escolares e educacionais fomentados por ele; identificar os teóricos que o alicerçaram em sua vida profissional, assim como as leituras que o balizaram na construção do saber, os grupos a que pertenceu, isto é, sua Teia de Sociabilidades, que até então, permaneceram ignoradas pela historiografia; identificar as ideias que defendeu, suas práticas pedagógicas peculiares, traços que o insere nos demais projetos em circulação no Brasil de então; confirmar os passos de sua intervenção como pensador, tanto no debate educacional de sua época, como na proposta pedagógica das instituições fundadas por ele. Além disso, permito-me reconstruir também sua trajetória pessoal, o homem Joaquim Nogueira, com todas as suas contradições e vulnerabilidades humanas.

Antes de me deter ao *corpus* conceitual que me deu base para a escrita deste trabalho, devo esclarecer: “Não sou propriamente uma “biógrafa contista”, mas uma “contista biógrafa.” O interesse em contar a história do “meu” Joaquim Nogueira, parte da minha própria formação. Sou graduada em Letras com mestrado em Literatura, contista com alguns prêmios recebidos na área, e com uma formação técnica em Roteiro para teatro e produtos audiovisuais.

O desafio em escrever esta biografia, ultrapassa as fronteiras da narrativa ficcional literatura e do cinema, minhas formações, e se alicerça em outro campo do saber, a história. Desta forma, encontrar o ponto de equilíbrio entre elas foi a minha maior peleja, e pelo que me parece, é o ponto nevrálgico dos biógrafos e também dos historiadores.

A crescente produção acadêmica relativa aos estudos biográficos tem oferecido valiosas contribuições à história da educação, permitindo assim, a leitura de obras significativas e autores que refletem e escrevem sobre a temática, o que me permite crer que a escrita da história de uma vida possibilita ao historiador o aprofundamento a respeito da narrativa biográfica e suas repercussões no campo de ação da educação.

O gênero biográfico, conceitualmente, híbrido e impuro, acaba por reunir elementos e estudos sobre memória, tais como as autobiografias, as trajetórias,

os depoimentos, a biografia romanceada ou jornalística, dentre outros. Desta forma, pretendo compreender as características presentes nesses estudos. E para tal é de fundamental importância, o diálogo com o historiador Jacques Le Goff, um dos grandes pensadores sobre o método biográfico.

Para Le Goff (2002), biógrafo de São Francisco de Assis e de São Luís, rei da França, o método biográfico intenciona a produzir “efeitos do real”, “o que o aproxima ainda mais do romancista”. É aí que entra minha experiência na literatura. Para o autor, “esses efeitos do real” não revelam apenas o estilo, sobretudo, o modo de escrever do historiador, que pode ser observado nos estudos dessa natureza.

O objeto com qual me deleito na pesquisa e análise, o educador cearense Joaquim Nogueira, tem por interesse uma influência pessoal, embora de forma subjetiva, pois na medida em que buscava construir e articular a história deste homem em minha família, encontrei o educador e toda a rede de articulação, com o qual este abria possibilidades em suas práticas educativas. Como contista e educadora, a possibilidade de trabalhar tanto a educação como a minha história familiar, fez do “meu” Joaquim Nogueira o ponto de partida para a produção, mas também de uma sempre presente preocupação da existência, na medida do possível, de uma passionalidade.

Neste processo, deparei-me com inúmeras imagens e informações sobre o meu biografado e outras correspondentes a ele, tanto no Arquivo Público do Estado do Ceará, como no Instituto Histórico e Geográfico do Ceará; além das bibliotecas públicas Menezes Pimentel, Dolor Barreira e da Academia Cearense de Letras. Julgo extremamente relevante ao processo de entendimento da vida do meu biografado e da sociedade a que ele fazia parte, partir, também, das fontes iconográficas que coletei nessas instituições e nos álbuns de família que, hoje, compõem o meu repositório digital sobre o assunto.

Sobre isso, em 1929, Marc Bloc e Lucien Febvre, os fundadores dos *Annales*, conclamaram os historiadores a saírem dos seus gabinetes e farejarem, tal como o ogre da lenda, “a carne humana” — em qualquer lugar onde pudesse ser encontrada por quaisquer meios.

Para a composição da história de Joaquim Nogueira e para o uso das imagens, foi oportuno dialogarmos com autores do porte de Certeau, Le Goff, Liaroutzos e Ducrot, reflexões necessárias na determinação de conhecimentos

sobre história, memória, fontes digitais, discurso e imagens e sua aplicabilidade na construção do saber.

A problemática desta pesquisa está alicerçada na quase ausência de pesquisas educacionais em que o nome do Prof. Joaquim Nogueira seja lembrado. Identifiquei, apenas, dois trabalhos referentes ao Prof. Joaquim Nogueira, tendo como objeto o Instituto de Humanidades ou sua produção intelectual. São eles: “Instituto de Humanidades: História de um Educandário Cearense na Belle Époque – 1904-1914” e “Joaquim Nogueira, práticas de leituras no Instituto de Humanidades de Fortaleza, edições escolares e a cultura cearense nas três primeiras décadas do século XX”. No primeiro, BINDÁ (2008) dá ênfase ao Instituto de Humanidades para assim, aproximar-se do Prof. Joaquim Nogueira. No segundo trabalho, SILVA (2010) tem como objeto de estudo o livro “Anno Escolar” e os demais livros editados pelo mestre-escola.

Os trabalhos aqui citados foram de grande relevância para que eu obtivesse algumas respostas às lacunas existentes na sua história, como também, para contrapor algumas delas. Assim, algumas indagações ainda esperam por respostas: Quem foi o homem e educador Joaquim da Costa Nogueira? Quais as tendências pedagógicas que fundamentaram a sua prática educativa? Quais os entraves enfrentados por ele no exercício do magistério? Quem foram os atores sociais que pertenceram a sua Teia de Sociabilidades? Outras problemáticas emergiram no desenrolar da pesquisa à medida que nos aproximamos do nosso objeto de estudo.

Metodologicamente é uma pesquisa de caráter histórico biográfico de natureza qualitativa com o uso de fontes escritas, iconográficas e orais. Os depoimentos aqui registrados são frutos da espontaneidade das relações cotidianas e familiares, seja em conversas com parentes, pessoalmente, ou pelo uso de outros meios, como a internet, através de videoconferências, telefone ou whatsapp.

Nessa perspectiva, procuro reconstruir a ambiência em que viveu o “meu” Joaquim Nogueira e transporto-me ao seu tempo, como a observar todos os movimentos do meu personagem. Projeto-me nessa biografia como um narrador onisciente, aquele que narra a história, mas que tudo sabe e que tudo vê. Como presencio, hipoteticamente, os seus passos, o tempo “presente” é a marca temporal do meu trabalho.

Em alguns momentos, sinto-me intimada a estancar o fluxo da narrativa, para introjetar ao texto referenciais da escrita acadêmica, como, citações, fontes ou outros elementos próprios do trabalho científico, o que contribui para o caráter de “verdade” ao percurso do meu biografado.

Esta tese está dividida em seis capítulos. No primeiro, as Considerações Iniciais apresentam o percurso pessoal e de pesquisa que fiz até chegar ao meu objeto de estudo e tecer os fios da minha narrativa. No segundo, apresento a fundamentação teórico-metodológica para esta pesquisa a partir do diálogo com Le Goff, Virgínia Woolf, François Dosse, Paul Veyne, Leonor Arfuch, Phillippe Lejeune e outros autores que fazem reflexões sobre o método biográfico. Também dialogamos com autores que tratam das fontes escritas e iconográficas como suporte para a escrita biográfica, como Peter Burke, Giovanni Levi, Marc Bloc e Lucien Fiebvre, além de Roger Chartier. Julgo oportuno também, uma reflexão sobre a narrativa ficcional (próprio da literatura) e da narrativa histórica, suas aproximações e afastamentos. Para tanto, foram de extrema importância as palavras de Antônio Cândido, do José Luiz Fiorin, Paul Ricoeur, Lukács dentre outros, que se apresentam indispensáveis a mim, no sentido de compreender e refletir sobre o que proponho no processo de escrita biográfica, as similaridades e diferenças entre a narrativa ficcional e a narrativa histórica, sobre a arte de narrar “histórias”. Ainda neste segundo capítulo problematizo alguns aspectos da pesquisa: Por que na Academia existe a distinção entre biógrafos e historiadores? Como utilizar os cânones da literatura e da história na escrita biográfica? Como o uso da subjetividade se relaciona com a escritura histórica? Quais as suas similaridades e diferenças?

No terceiro capítulo, A Biografia, inicia-se, propriamente, a história de Joaquim Nogueira. Para a reconstituição do período compreendido da pesquisa e da escrita biográfica foi necessário me remeter à Fortaleza, do começo do século XX. A compreensão da sociedade fortalezense, neste período, orientou-me a fazer um *portrait* do meu biografado, e a compreendê-lo como sujeito do seu tempo. Esta empreitada só foi possível a partir da leitura de: Sebastião Rogério Ponte, Raimundo Girão, Gustavo Barroso, Otacílio Colares, Mozart Soriano Aderaldo e Miguel Ângelo Nirez.

Algumas fontes foram determinantes para a escrita da narrativa, tais como: anotações pessoais dos sujeitos da história, livros escolares, artigos de jornais,

inquérito policial, testamentos e depoimentos de familiares. O livro “Meu Filho” publicado por Joaquim Nogueira narrando os pormenores da vida e da morte de seu querido José, com informações explícitas e implícitas sobre a sociedade local, foi de grande relevância para a reconstituição não só das paisagens, como dos seus sentimentos e da população fortalezense, mesmo tendo ciência de que o relato é de um pai amoroso profundamente abalado com o assassinato do filho; o que para a historiografia não se revela um problema desde que a leitura e a interpretação leve em consideração esse fato.

A biografia é constituída das seguintes partes: Fortaleza Belle Époque e a morte de Joaquim Nogueira; O começo da vida: De menino a mestre-escola; O Instituto de Humanidades: Infraestrutura e práticas pedagógicas; Diálogos com o contraditório: O “velho” e o “novo” nas práticas pedagógicas de Joaquim Nogueira; Espiritualismo Eclético: Cores nacionais no Instituto de Humanidades; O educador e editor; “Dizes-me com quem tu andas”: A teia de sociabilidades de Joaquim Nogueira; Crônica de uma morte anunciada; O recomeço e o fim da vida; Considerações Finais ou “O tempo que se quer não é o tempo que se tem”.

Sobre as Práticas Educacionais, a interferência benéfica de Pestalozzi e a sua Lição das Coisas ou Método Prático e Intuitivo, clarearam minha compreensão para o entendimento das práticas educacionais consagradas e perpetuadas pelo Prof. Nogueira à frente das instituições fundadas por ele. Também não pude perder de vista, os conceitos de Durkheim sobre a educação, além de Rousseau e sua prática pedagógica em Emílio ou da Educação. Os projetos escolares e práticas educacionais de Joaquim Nogueira foram no Instituto de Humanidades, no Colégio Nogueira e mais tarde no Liceu do Ceará, onde foi professor da cátedra de Desenho; a partir de documentação primária das instituições de ensino criadas e dirigidas por ele, como o “Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades” (1904-1932), “Livro das Partes” (1919-1923), os livros “Vida Escolar” (1931-1933) e a vasta documentação das referidas instituições; além de documentos pessoais e correspondências particulares.

Trouxe à baila o Espiritualismo Eclético, em parte intitulada “Espiritualismo Eclético: Cores nacionais no Instituto de Humanidades”, base filosófica que nos chegou como resposta a algumas crenças pessoais e práticas educacionais do homem-intelectual-educador Prof. Nogueira, pois percebo que através de fontes documentais que em suas práticas pedagógicas, no Instituto de

Humanidades e no Collegio Nogueira, o “velho e o novo”, encontram-se de mãos dadas sem, necessariamente, auferir uma prática conflituosa. Creio na necessidade de dialogar com as fontes para desconstruir certos anacronismos, para que não seja feito um julgamento de valor mediante práticas educacionais antagônicas, mas que se tenha uma compreensão do homem e intelectual do começo do século XX, numa província do nordeste brasileiro. Para isso, dialogo com as pesquisadoras cearenses, Ana Glória Silva e Thirza Bindá e sobretudo com Antônio Paim .

Na parte intitulada “De menino a mestre-escola”, retrato as circunstâncias nas quais Joaquim da Costa Nogueira desenvolveu a sua formação para o magistério, abrangendo desde os seus trabalhos como desenhista da Comissão de Desenhistas do Açude do Cedro, em Quixadá, até à fundação do Instituto de Humanidades, numa provinciana Fortaleza com ares de Belle Époque, e posteriormente, o seu Collegio Nogueira. Não esquecendo de contemplar os seus trabalhos editoriais, culturais e artísticos e certificações por ele recebida no Brasil e mesmo fora dele.

Enfatizo não só a sua formação intelectual, assim como as redes de relações pessoais, intelectuais e políticas que estabeleceu durante os seus 68 anos de vida, em parte intitulada: “Dizes me com quem tu andas”: “Teia de Sociabilidades de Joaquim Nogueira”, em que apresento cada um dos personagens coadjuvantes da sua história.

O homem Joaquim Nogueira não é omitido. É apresentado com todas as suas contradições humanas, com a força de um intelectual vigoroso e a fragilidade de um pai dilacerado pela perda inesperada do filho e braço direito nas atividades editoriais e do magistério, José Mendonça Nogueira. Esta passagem em sua biografia é contemplada em Crônica de uma morte anunciada: “Assassinato de José Mendonça”, cujo pai, o homem e o educador Joaquim Nogueira passou por grandes transformações psíquicas e físicas desde o evento. Como se existissem dois homens num só ser. Um antes e outro após o assassinato do filho. Julgo importante esta passagem triste na sua história, porque após o incidente houve uma lacuna significativa no seu trabalho de educador e de editor com o fechamento do Instituto e da Typographia Escolar.

Mesmo com tantas fontes históricas a respeito do “meu” biografado (o que para mim foi uma grata surpresa), perdidas e empoeiradas nos arquivos da

cidade, tenho a consciência de que nas pesquisas e escritas biográficas sempre existirá a possibilidade das lacunas que se perderam com o tempo. A biografia histórica é apenas um prisma dos diversos existentes numa trajetória, que no meu caso, equivale-se à trajetória educacional.

2 BIOGRAFAR: ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

“A biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado, possibilitando-lhe, por isso mesmo, comparar sua própria finitude à da personagem biografada” (DOSSE, 2009, p.13).

2.1 - O voyeurismo permitido entre o autor e o leitor

Escrever uma biografia não é tarefa fácil, de caráter híbrido, permeia-se pelo horizonte incerto, mesclado de sol e tempestade; sobretudo quando esta se depara com as normas acadêmicas; pois o que pode, por um lado, nos auxiliar na construção da narrativa, como as fontes documentais, por outro lado, acaba por aprisionar a imaginação e o desenrolar fluido da narrativa. Desta forma, achar o ponto de equilíbrio para que a narrativa histórica não perca o encantamento, que não se engesse nos métodos estabelecidos pela Academia ou se perca nos devaneios da imaginação, é tarefa árdua e sutil.

Sobre este processo, tão delicado, da escrita biográfica, o historiador francês François Dosse adverte:

O trabalho do biógrafo é muitas vezes identificado ao labor do beneditino, a tal ponto que o biógrafo precisa consagrar sua própria existência e esclarecer a vida de um estranho, ao preço de sacrifícios pessoais que transformam a sua escolha em sacerdócio. O biógrafo sabe que jamais concluirá a sua obra, não importa o número de fontes que consiga exumar. (DOSSE, 2009, p.15).

Como o autor afirma, o biógrafo não é parte de interesse na escrita e sim o biografado, todas as atenções da vida de quem a escreve precisa serem transportadas para o outro, o objeto biografado: “O corpo que acolhe é o meu. Experimento nessa fase, uma autêntica sensação de poder”. (DOSSE, 2009, p.15).

Sendo assim, a importância de uma biografia pode estar relacionada ao fato de algumas lacunas serem esclarecidas, e também pelo fato deste gênero narrativo ser um recurso privilegiado na reconstituição de uma determinada época. A partir do homem se conhece o todo, a partir do todo se conhece a vida, a partir da vida se conhece o homem.

Porém, vale perceber que, mesmo com o acesso às fontes documentais e com o rigor da escrita historiográfica, existem rachaduras na construção deste gênero textual que são vedadas a partir da licença poética ou a licença da própria vida. Desta maneira, pensamentos, fantasias, sentimentos e aspirações atribuídos ao biografado, que outrora eram consideradas impensáveis na história, hoje se faz presente, como um recurso estilístico de grande importância na escrita da história. Sem, necessariamente sair do campo histórico, nem muito menos, se distanciar do campo da arte.

A historiadora norte-americana Natale Davis admite a prática da ficção em seus trabalhos ao afirmar que, “o que ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado”. (DAVIS apud SCHIMDT, 1997). Isto é, mesmo com o apelo sedutor da invenção e da polifonia das vozes do passado, convém ressaltar que, a historiografia, mesmo que tenha passado por significativas transformações teóricas e metodológicas, recentes, manteve-se fiel à importância da documentação.

O biógrafo François Dosse afirma que o biógrafo deve usar, também, a intuição, além da imaginação que compensa as lacunas deixadas pela documentação e pelas falhas de arquivo, para obter um relato completo, estruturado e sem fissuras. Julga necessário também, levantar hipóteses daquilo que julga necessário, assemelhando-se aos cientistas. Não se acha, de modo algum, muito distante da postura do cientista. Sua ambição é recriar o relato de uma vida. (DOSSE, 2009).

A possível subjetividade, atribuída à intuição aliada ao texto científico (historiográfico) pelo recurso da criatividade não deve ser considerada demérito ao seu produtor, conforme afirma o crítico literário Antônio Cândido, em seu texto intitulado “Um Impressionismo Válido”, ao tratar da subjetividade como ferramenta ao ofício do crítico literário:

Ainda bastante em voga, na crítica, certo dogmatismo que procura desacreditar a eficácia das impressões pessoais, afirmando ser possível chegar

a um resultado preciso, universalmente válido, acessível a qualquer espírito armado de método. Há nisso muito de útil a algo verdadeiro, nem é a primeira vez que se procura, generosamente, suprimir a impressão pessoal em benefício de uma rigorosa objetividade. (CÂNDIDO; DANTAS, 2002. p.45).

Cândido trata da subjetividade como recurso, também, valoroso ao trabalho do crítico literário, mas reflete sobre a subjetividade, isto é, o “coeficiente humanístico” na história, na estilística, e na estética literária:

Em cada uma dessas, o chamado “coeficiente humanístico”, isto é, a cota do subjetivismo em toda investigação intelectual, pode esbater-se a favor dos rigores técnicos; no limite, poder-se-ia mesmo a admitir a redução total do arbítrio. (CÂNDIDO, DANTAS, 2002. p.46).

No século XIX com a História Metódica, as fontes só eram consideradas históricas se fossem consideradas autênticas. Com o debate, na França, a partir de 1920 e mais tarde com a Escola de Annales houve uma grande crítica à Escola Metódica, enfatizando que “tudo” pode vir a ser fonte histórica, dando margem à interpretação partindo da leitura, também, subjetiva, do historiador.

O desgaste do distanciamento entre a cientificidade histórica e a subjetividade da literatura, como uma forma de buscar autenticidade e qualidade ao texto, foi abrindo possibilidades para que houvesse a necessidade do retorno da narratividade literária como forma de escrita histórica. Assim, essa aproximação com a literatura define as novas biografias produzidas por historiadores.

Dentre esses, cito Le Goff, a maior inspiração para o meu trabalho, que afirma:

A biografia histórica deve se fazer ao menos em um certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos, uma biografia que não *événementielle* não tem sentido [...].” (LE GOFF, 1999, p.23).

O homem precisa ser apresentado como alguém inserido no seu meio, na sociedade em que vive, pois ele é, também, o resultado dessas relações sociais.

Para o editor francês Charles Dupêchez, livros bons são aqueles que tentam recriar uma época, apelando para a imaginação e acrescenta:

Temos manuscritos bem documentados, mas lamentáveis do ponto de vista do estilo, obrigando-nos a um esforço ingente para melhorá-los. A reconstituição do passado e a semelhança exata entre a escrita e o biografado morto são coisas improváveis; se o biografado ressuscitasse, não se reconheceria no livro escrito sobre ele. (DUPÉCHEZ *apud* DOSSE, 2009, p.42).

Parece-me que tal afirmação seja um fato, afinal, o olhar do outro sobre nós mesmos, sempre será distante do que julgamos ser; e mesmo que se tenha uma relação de proximidade com o objeto biografado e se tenha conhecimento de alguns pormenores do biografado, como é o meu caso. O olhar sobre o “meu” Joaquim Nogueira não retratará o Joaquim Nogueira que foi. Será sempre diferenciado, por mais que se queira próximo do real e por mais que a minha intenção seja em construí-lo de forma mais verossímil possível. Sobre o assunto Veyne (1998, p.18) esclarece que,

Esse limite é o seguinte: em nenhum caso, o que os historiadores chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por tekmeria, por indícios. Ainda que eu tivesse sido contemporâneo e testemunha de Waterloo, ainda que tivesse sido seu principal ator, Napoleão em pessoa, teria apenas uma perspectiva sobre o que os historiadores chamarão o evento Waterloo; só poderia deixar para a posteridade o meu depoimento que, se chegasse até ela, seria chamado indício. Mesmo que eu tivesse sido Bismark ao tomar a decisão de despachar o telegrama de Ems, minha própria interpretação dos acontecimentos não seria, talvez, a mesma que a de meus amigos, do meu confessor, do meu historiador e do meu psicanalista, que poderia ter suas próprias versões sobre a minha decisão e julgar saber melhor do que eu o que eu desejava.

Esse historiador exprime que as diversas versões sobre um evento, a visão caleidoscópica que cada sujeito tem do objeto do historiador faz a diferença na própria interpretação dos acontecimentos. Assim, essa busca por uma possível “realidade” na escrita historiográfica, acaba por esbarrar nas diferentes interpretações atribuídas a um mesmo evento.

Apreendo a importância dessa reflexão, quando resgato os diversos depoimentos de ex-alunos do Prof. Joaquim Nogueira. O educador é elaborado, por mim, a partir das várias versões que tenho em fontes, sobre ele. Isso equivale a dizer que, não só o estabelecimento das fontes são as pistas para a reconstrução de uma época, mas a interpretação de cada um dos sujeitos. Mesmo que o historiador seja personagem de um evento, sua versão será

diferenciada de outros atores do mesmo evento, pois este é antes, humano, depois, historiador.

A partir da experiência da escrita deste trabalho, percebo que escrever a biografia de um parente se constitui num desafio ainda maior, pois além do diálogo possível, mas tenso, entre a história e a literatura, existe a preocupação em não incorrer ao erro do que chamo de “bajulação consanguínea” e uma consequente perda na qualidade do texto biográfico. E esse foi um desafio em que, vez por outra, me fez parar e recomeçar.

Sobre o que chamo de bajulação consanguínea, em biografias escrita por parentes ou por eles encomendadas, a escritora e biógrafa inglesa Virgínia Woolf, em sua obra intitulada “A Arte da Biografia”, discorre também, do que ela trata como, “máscaras”, usada pelos biógrafos, com a finalidade de enaltecer (ou não) o morto ilustre, muitas vezes com o respaldo das famílias dos biografados, ao invés de reproduzirem ou pelo menos chegarem perto da alma e da vida dos biografados. Woolf (2012, p.) assevera que,

a maioria das biografias vitorianas é como as figuras de cera preservadas na Abadia de Westminster, que são carregadas em procissões de funerais pela rua – efígies que têm somente uma lisa e superficial semelhança com o corpo no caixão. Já no final do século XIX, houve uma mudança. De novo, por razões não fáceis de descobrir, viúvas passaram a ter a mente mais aberta, o público, com uma visão mais aguçada; a efígie já não mais carregava convicção e nem satisfazia a curiosidade. O biógrafo certamente conquistou mais liberdade.

Assim, ao pesquisar e escrever sobre o “meu” Joaquim Nogueira, sinto-me inquieta na tentativa de achar a dosagem nos laços afetivos consanguíneos, além de resolver o permanente conflito entre o anseio da veracidade e a sedução da criação; entre apresentar o homem “gente como a gente” e o educador e intelectual de conduta irrepreensível.

Como uma forma de resolver esta problematização neste trabalho, a criação artística biográfica baseia-se em fontes documentais, como testamentos, inquérito, artigos de jornais, livros escolares e fontes iconográficas, para que o homem e o intelectual Joaquim Nogueira sejam contemplados. Também serviram-me como fontes, as memórias do meu velho pai e dos meus tios. Encontrar os fios imaginários que ligam o homem Joaquim Nogueira no seu

espaço privado e o educador no seu espaço público, sem com isso rompê-los, é o grande desafio da minha escrita biográfica.

Um outro desafio começa pela própria história contada e, sobretudo, omitida, por minha avó durante muitas décadas, sobre o educador consagrado e o pai afetuoso, cujas fragilidades humanas foram pouco ou sequer mencionadas. A representação do profissional baseia-se no depoimento de alunos e a partir de anotações pessoais.

Logo, busco e reconstituo o Prof. Joaquim Nogueira, entre palavras e silêncios, sem incorrer ao equívoco de desconstruí-lo. Ressalto que o silêncio de minha avó paterna sobre esta história, não foi considerado, por mim, como uma falta, mas como mola propulsora que despertou a minha curiosidade e me levou a pesquisar a história do Prof. Joaquim Nogueira. Nas diversas leituras que o silêncio impõe, mais há possibilidades de sentidos. E aqui as procuro.

2.2 - Biografia: Entre o preconceito acadêmico e o sucesso editorial

“A biografia é reivindicada pela musa da história. Derrubado o muro, assistimos a uma verdadeira explosão biográfica que se apossa dos autores e do público num acesso de febre coletiva que dura até hoje”.
(DOSSE, 2009. p. 39).

Nos anos de 1980, do século passado, as ciências humanas e os historiadores redescobrem as biografias, quando o “Livres-Hebdo” dedicou uma sessão especializada às biografias, o que fez com que até os mais sérios editores fossem seduzidos pelo gênero biográfico. Neste mesmo ano, duzentas biografias foram publicadas por cinquenta editoras, em detrimento de outros gêneros textuais. Em 1996, 611 biografias haviam sido lançadas e em 1999 o número chegou a 1043, ocupando a lista de obras mais vendidas no mundo. (DOSSE, 2009).

No atual século XXI, com a expansão tecnológica, a narrativa (auto) biográfica encontra-se presente em vários meios midiáticos, dentre elas, a internet. O advento da modernidade além de ter dado uma ressignificação às noções de público e privado, com a publicação da intimidade própria e alheia, aos quatro ventos, muda a imagem do escritor ensimesmado no seu ofício e o leva também aos holofotes.

Na Academia e em campos de saber das ciências sociais: a história, a antropologia e a teoria literária, a reflexão acerca da presença e do uso de narrativas sobre ações e emoções de sujeitos individuais expandiu-se consideravelmente, todavia há de se ressaltar que nem sempre foi reconhecido. (AVELAR, 2010).

Durante muito tempo seguiu como um gênero apequenado pela Academia, devido ao apartamento que as intuições faziam do biógrafo e do historiador, em contrapartida, constituiu-se num sucesso entre o público geral, pois algumas das biografias escritas pelos biógrafos franceses André Castelot, Alain Decaux, Pierre Gaxotte, dentre outros, trouxeram fórmulas que lhe garantiram sucesso como, sangue, sexo, segredos de alcova e disputas de poder. Antes, consideradas como discurso moral, com o passar do tempo, passou a ser um discurso de autenticidade. O que outrora a desqualificava, seu caráter inclassificável, passou a dar uma maior visibilidade às ciências humanas e literárias (DOSSE, 2009).

Nos últimos anos, no Brasil, o sucesso editorial das biografias segue o mundo, igualando-se às vendas dos manuais de autoajuda. Todavia, os mais lidos não foram os historiadores e sim os jornalistas, que com suas pesquisas minuciosas e estilo envolvente, conquistaram o público e a crítica, como os jornalistas Alberto Dines, com Stefan Zweig, Lira Neto com Getúlio, sobre o presidente Getúlio Vargas; Fernando Morais com o best-seller Chatô, referente ao jornalista Assis Chateaubriand. (SCHMIDT, 1997).

Sobre a aceitação do público ao texto biográfico e a sua possível popularidade, reproduzo as seguintes palavras:

O vivo interesse por trabalhos biográficos – refletindo-se numa pluralidade de públicos, leitores e audiência – talvez exceda a simples lógica de mercado ou os apelos que sempre parecem exercer os personagens notáveis. A multiplicação de relatos autobiográficos, de entrevistas, perfis e escritas de vidas de personagens ilustres ou não

pode ser indicativa de uma “tonalidade particular da subjetividade contemporânea” (Arfuch, 2010, p. 17, tradução minha). O mercado editorial de obras biográficas atesta a vitalidade do gênero em nossos dias. Este fato não aponta somente para o sucesso comercial dos relatos de vida, das autobiografias e das diversas formas de textualização do eu. Trata-se também da reatualização da aposta biográfica que motivou sucessivas gerações a compreender o outro, utilizando os diversos instrumentos dos quais dispunham. As perguntas formuladas, as lacunas documentais e os novos questionamentos realizados, muitas vezes em direção a personagens já exaustivamente estudados, são sinais da inquietude própria que inscreve a biografia, em primeiro lugar, em nossa relação com o presente. (AVELAR, 2010. p.2).

Para apreender o fenômeno, as considerações de Daniel Madelénat, muito auxiliou-me a compreender a história da Biografia como gênero particular, distinto. No seu livro, “La Biographie”, o autor diferencia três paradigmas sucessivos: o período que abrange a Antiguidade Clássica ao século XVIII; a biografia romântica, entre o fim do século XVIII e o início do XX, cujo os segredos familiares e a necessidade de uma exposição da intimidade do biografado torna-se um traço característico desse período; e por fim, a biografia moderna, fruto da história e da contribuição das diversas ciências sociais.(MADELÉNAT, 1984).

Tal aproximação entre a Biografia e a História se deu a partir de 1999, nos encontros “Observatório da Biografia Histórica”, organizado pelo historiador, François Lebrun, com as contribuições significativas do pesquisador de história antiga, Georges Miroux em Blois, e da especialista em medievalismo, Françoise Michaud-Fréjaville, com patrocínio das Editions Fayard, que se tornou um modelo de sucesso para os outros editores. (DOSSE, 2009).

2.3 Sobre narrativas: Ficcional e Histórica

O processo de escrita da narrativa ficcional é fruto de uma liberdade de expressão definida como licença poética, isto é, a liberdade concedida a um artista para que se expresse de forma criativa, sem obedecer, necessariamente, a um cânone, o que faz com que o escritor de gêneros ficcionais se permita a devaneios criativos, não se comprometendo, apenas com a realidade. De caráter subjetivo e pessoal, o escritor reproduz a vida, através da observação de mundo.

No entanto, isto não significa que o autor possa dar asas à imaginação sem freios, pois mesmo com esta suposta liberdade, a existência de uma lógica interna do texto torna-se indispensável, é o que vai fazê-lo verossímil e conseqüentemente, aceito pelos seus receptores.

Assim, quando tratamos de narrativa ficcional, o aspecto do real cabível às reflexões aqui propostas é o conceito de verossimilhança, isto é, a lógica que o torna real, aceitável, ou não, para o leitor. Sobre este aspecto, Antônio Cândido intervém:

O que julgamos inverossímil, segundo padrões da vida corrente, é, na verdade, incoerente, em face da estrutura do livro. Se nos capacitarmos disto graças à análise literária, veremos que, embora o vínculo da vida, o desejo de representar o real, seja a chave mestra da eficácia dum romance, a condição do seu pleno funcionamento, e, portanto do funcionamento das personagens, depende dum critério estético de organização interna. Se esta funciona, aceitaremos inclusive o que é inverossímil em face das concepções correntes. (CÂNDIDO et al, 1970, p.76).

Apreende-se assim que, a inverossimilhança, na narrativa ficcional, afeta a coerência do texto ficcional, ou seja, a desarmonia entre os elementos constitutivos da realidade ficcional acaba por comprometer a sua estrutura e o entendimento do próprio enredo.

Para a construção da narrativa ficcional é considerável a existência de alguns elementos: personagens, espaço, tempo, narrador e enredo. Como um quebra-cabeça, tais “peças” precisam se encaixar em local apropriado; a perda ou a ausência de uma delas acaba por comprometer toda a estrutura do texto.

Tanto na narração literária quanto na narrativa histórica presume-se um processo e engenho de organização da realidade, a procura de uma coerência imaginada baseada na descoberta de laços e nexos, de relações e conexões entre os dados fornecidos pelo passado. Quando imaginada, fictícia, depende parcialmente dos próprios dados, mas também da plausibilidade de uma significação possível. Ainda sobre o verossímil na narrativa literária e historiográfica, Deca; Lemaire (2000, p.11) asseveram que

[...]o verossímil- o plausível - não constitui um ponto determinado, situado entre o verídico e o falso, é uma modalidade possível, quer dizer, imaginável, imaginária e imaginada do fato. É essa dimensão da história que lhe confere o caráter polissêmico, fictício: ao construir ou decifrar uma intriga, ao articular um discurso que se constrói fora da

experiência vivida, a historiografia transforma o passado em hipótese sobre o que aconteceu no passado. A história, sendo representação do real, constrói como a literatura e apesar das duas seguirem caminhos parcialmente divergentes, o seu discurso pelo viés do imaginário.

Com a citação acima, percebo que, num determinado momento o fazer ficcional e o fazer historiográfico convergem para o imaginário; o historiador renuncia às suas pretensões de verdade e veracidade e adquire novas exigências de cientificidade, fundadas na credibilidade e verossimilhança. Sendo assim, “[...] cada vez mais historiadores estão começando a perceber que seu trabalho não reproduz o que realmente aconteceu”. (BURKE, 1992, p.337).

Na narrativa ficcional, as personagens são “pessoas fictícias” ou a personificação delas, como os animais ou seres inanimados, comuns às fábulas; que praticam as ações e por consequência criam, com este movimento, o enredo da narrativa. Tais personagens são caracterizadas física e psicologicamente ao bel prazer do seu criador, e não precisam estar inseridos no contexto do real, mas é inegável, como já dito, a necessidade de serem percebidos verossímeis na trama para serem validados pelos leitores.

É fundamental ressaltar que, no universo ficcional, para uma boa caracterização dos personagens, não somente os aspectos físicos devam ser considerados, mas de sobremaneira, seus aspectos psicológicos. Podemos exemplificar com a personagem Capitu, de Machado de Assis, na obra Dom Casmurro com seus “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” que reforçam a construção desta personagem, supostamente adúltera, cujo narrador, Bentinho, o hipotético marido traído, planta dúvidas em relação à sua fidelidade, a partir da movimentação que a personagem tem na trama.

Quanto ao tempo, ainda na narrativa ficcional, este poderá vir a ser um dos grandes empecilhos ao entendimento do enredo, caso os acontecimentos não se articulem num determinado recorte temporal, como por exemplo: a) a época em que passa a história e que é o próprio pano de fundo do enredo; b) a duração da história que traz como pistas linguísticas, índices sobre o tempo; c) o tempo cronológico que transcorre, no enredo, de acordo com o tempo natural dos fatos; d) o tempo psicológico que altera a ordem natural dos acontecimentos e é determinado pelo desejo ou pela imaginação do narrador.

Já a construção da história pela memória, especificamente a memória coletiva, fundamenta-se na necessidade de se recorrer ao passado a partir do tempo presente visando servir ao futuro dentro de um jogo contínuo e descontínuo, de começo e recomeço. Neste momento, a história pode ser feita, desfeita e refeita a partir do ponto de vista do leitor e narrador. Dependerá do desprendimento e da hermenêutica empregada.

Caso o leitor ou narrador se prenda ao maniqueísmo cientificista das fontes históricas poderá haver aí uma desconstrução da história pretendida como ciência. Por outro lado, se esse mesmo leitor busca perceber que não existe ciência absoluta, apenas validada contextualmente, seu ângulo de compreensão perceberá que “a memória coletiva costuma estar repleta de heróis, mitos e ritos que dão forma a seus conteúdos e, portanto, possui também uma alta dose de diretivas éticas e prescrições morais. (CARRETERO, 2010.)

Outro elemento indispensável na construção da narrativa ficcional é o narrador; podendo ser classificado em primeira ou terceira pessoa, de acordo com o grau de consciência e participação na história. Não existe história sem este elemento no “quebra-cabeça da narrativa”, por ser o seu elemento estruturador.

A partir das personagens que praticam ações, num determinado tempo e espaço, constrói-se o último elemento aqui abordado, o enredo. Este movimento é que vai tecendo a história.

No texto ficcional é possível dois níveis de linguagem, a do narrador e a dos personagens. A dos personagens caracterizadas pelo meio em que vivem, idade, região, condição socioeconômica norteiam os seus aspectos linguísticos. A esses níveis de linguagem, a teoria literária denomina de discurso direto e indireto. No primeiro, há o registro integral da fala das personagens; já no segundo, o registro indireto da fala das personagens é pontuado pelo narrador. E não raro, na narrativa ficcional, o discurso, ora direto poderá vir a ser indireto. Vejamos um exemplo do discurso direto:

- Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.
- Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.

- Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 25).

E em relação ao discurso indireto:

Herdeiro já era muito: mas universal...Esta palavra inchava as bochechas à herança. Herdeiro de tudo, nem uma colherinha a menos. E quanto seria tudo? Ia ele pensando. Casas, apólices, ações, escravos, roupa, louça, alguns quadros, que ele teria na corte, porque era homem de muito gosto, tratava de coisas de arte com grande saber. E livros? Devia ter muitos livros, citava muitos deles. Mas em quanto andaria tudo? Cem contos? Talvez duzentos. Era possível; trezentos mesmo não havia que admirar. Trezentos contos! Trezentos! (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.12).

No discurso indireto, percebe-se que nos fios que compõem a trama do texto, a voz do narrador entremeia-se à fala da personagem. Assim, no texto ficcional todos estes elementos já citados são indispensáveis à escrita literária. Para tratar da narrativa histórica, acredita-se que a sua natureza busque, inicialmente, a restauração do passado ou uma maior aproximação deste. Porém, é necessário ter um maior desvelo com esta interpretação preconcebida, porque mesmo na narrativa histórica há uma intenção de retratar o fato histórico e esta narrativa, nunca será o próprio fato e sim a reconstrução dele, numa determinada fagulha de tempo; enquanto na narrativa literária, a ficção basta-se por ela mesma.

Ainda sobre a narrativa histórica, Ricouer (1986, p.27) afirma que: “A vida é vivida e a história é contada.” Nas palavras do filósofo francês, apreendo que há um distanciamento entre o vivido e o narrado. Numa perspectiva linguística, médium/meio/mediação, é bastante apropriada para pensar na produção do conhecimento histórico, em que temos um “texto” que marca este distanciamento. Tem-se assim, a história não “como realmente aconteceu”, mas como uma interpretação do ser no mundo revelado por um texto.

Antes de me deter aos aspectos historiográficos propriamente ditos, acredito necessário pontuar as relações que a linguagem mantém com a ideologia, isto é, pensarmos que a linguagem veicula a ideologia, seja na narrativa ficcional ou histórica, posto que a escrita, assim como a fala é rigorosamente individual, pois há sempre um eu quem toma a palavra e realiza

o ato de exteriorizar o discurso, todavia no discurso há o campo da manipulação consciente ou da determinação inconsciente, ou não. (FIORIN, 2001).

E esta manipulação construção supõe uma ideologia, um discurso próprio, um sistema de convicções filosóficas, sociais e políticas. Assim sendo, percebe-se que o ato de narrar, do literato ou do historiador, não é um exercício ingênuo a serviço da estética ou da história, existem suas razões de ser.

É sabido que nas últimas décadas houve uma produção historiográfica com o intuito de dar a vez e escutar a voz, daqueles que historicamente foram calados, omitidos e negligenciados pelos historiadores; dentre eles, operários, mulheres, crianças, prisioneiros e outras categorias sociais. Michelle Perrot, historiadora francesa é uma das precursoras da exposição “do avesso, do avesso” da história. Em entrevista ao Caderno Pagu, a historiadora nos remete às dificuldades de fazer uma História das Mulheres, sobretudo pela falta de fontes e de deferência dada a elas, e assim revela:

Meu interesse pelos excluídos é ideológico e político. No início de minha vida tive uma formação católica, eu era muito convicta e muito preocupada com os problemas da pobreza. Não existe a possibilidade de um historiador mostrar-se alheio ao que está relatando, não sendo guiado por fatos que lhe são interessantes, em detrimento de outros, e também não podemos deixar de mencionar que o historiador não parte dos fatos, e sim dos materiais históricos, sobretudo das fontes. (SCHVARZM, 1995,p.32)

Esta aproximação e escolha não são apenas do historiador que a declara publicamente nos ossos do seu ofício, como também daqueles que pensam se esconder nas palavras e nos objetos que se propõem a historicizar. Sobre a aproximação entre literatura e história, Peter Burke, nos sugere que esta seja indispensável, pois tal proximidade pode ser a centelha para a resolução de alguns problemas pertinentes aos historiadores, como a “heteroglossia”. Sobre essa questão, Oliveira (2003, p.88) informa que:

Para compreendermos a relação entre Literatura e História e suas várias perspectivas de leitura, é necessário, portanto, que a reflexão sobre a noção que damos à História seja feita, primeiramente. Para qualquer trabalho com linguagens que o historiador realizar, ou mais, em qualquer pesquisa que o historiador intente fazer, é necessário que ele tenha a clareza do que entende sobre seu próprio ofício. A História não é um dado. E o historiador, como um produtor de inteligibilidade do passado, é quem lhe confere significação.

Apreende-se assim, que não se pode perder de vista que a escrita da História não pode ser pensada como uma atividade puramente estética, posto que o trabalho do historiador não possa ser reduzido à interpretação de textos em detrimento a dos acontecimentos, além disso, nem todas as práticas literárias se adequam ao historiador, como por exemplo, o fluxo de consciência e o discurso inventado.

Na escrita da narrativa histórica, apreende-se, inicialmente, que a história, também, possui seus elementos constitutivos que se assemelham aos da narrativa ficcional. História é ação, se é ação tem sujeito; se tem sujeito, tem personagens ou atores históricos e se tem história, tem alguém que a narre.

Percebe-se que neste caso o historiador se confunde com o narrador, seguindo suas aspirações e percepções da vida, além do conhecimento de mundo, o que lhe confere a criação de uma narrativa ímpar. No caso da narrativa ficcional, o narrador não se confunde com o autor, que pertence à realidade, pois ele é mais um recurso estilístico e ficcional utilizado pelo autor. Sobre o assunto, Ricoeur (1986, p. 118) afirma que,

(...) não se distingue muito do gênero de explicação que se pratica na vida de todos os dias ou em qualquer romance onde se conte essa vida; ela não é mais do que a clareza que emana duma narrativa suficientemente documentada; ela oferece-se de si própria ao historiador na narração e não é uma operação distinta desta, não mais do que o é para o romancista. Tudo o que se conta é compreensível, visto que o podemos contar.

Para o arqueólogo e historiador, Paul Veyne, a estrutura narrativa pressupõe uma explicação histórica. Ainda sobre o ato de narrar do historiador, Peter Burke, afirma que os historiadores não são livres para inventar seus personagens, ou mesmo as palavras e os pensamentos de seus personagens, além de julgar improvável que sejam capazes de condensar os problemas de uma época na narrativa sobre uma família, como frequentemente fazem os romancistas. Todavia, para o biógrafo, autor de Nietzsche e a Música,

(...) o principal mérito do texto biográfico é a capacidade de gerar empatia, a qual cumpre acrescentar os dons estilísticos do verdadeiro escritor. Acha também que a biografia exige tanto imaginação quanto o romance. Por isso, seus autores são mais literatos que professores universitários.

Tanto para a literatura, como para a história, o conceito de tempo se assemelha e estão profundamente relacionados, visto que é um elemento que auxilia na compreensão das histórias vividas pela História; pelas sociedades que já existiram ou existem no mundo e nesta narrativa são utilizadas diferentes medidas de tempo para situar os acontecimentos, tal qual na narrativa ficcional. Todavia, para se pensar no trabalho do historiador e no conhecimento por ele produzido, a experiência vivida ou narrativa tem uma base comum que é essencial a ambas: o caráter temporal. A narrativa histórica como construção de um enredo, não “cria” o tempo, como a narrativa ficcional, mas apreende a temporalidade que a experiência registra como tensões e rupturas. Sobre este assunto, a historiadora Barbosa (1997, p.297) elucida:

A apreensão perceptiva, o sentimento de mudança são vividos e interpretados pelos sujeitos concretos e elevados à inteligibilidade pela consciência. Consciência que tem um sentido fora de si mesma, pois que forjada no interior das *estruturas das experiências*, como diz Ricoeur, nas estruturas *pré-reflexivas*, como diz Habermas, ou na *experiência vivida*, como coloca Thompson.

Ainda sobre as questões pertinentes a esta problemática, Ricoeur (1986) ajuda-me a refletir como os significados de se pensar na relação entre o mundo vivido e sua interpretação, trazendo à discussão a relação entre a experiência humana e o ato de narrar, isto é, fluxo da narração; o diálogo possível entre o presente e o passado, remetendo à discussão do relativismo e perspectivismo como atitudes concernentes ao historiador, a sua relação com o mundo, como se insere na realidade e a interpreta, e finalmente, os significados dessa reflexão e da sua contribuição para a produção do conhecimento histórico.

O espaço é outro elemento indispensável na narrativa histórica e conceitualmente se assemelha ao espaço da narrativa ficcional, isto é, ambientes públicos ou privados em que há o desenrolar da história. Porém, o espaço para o historiador não é inventado, é construído a partir da memória, das representações, é “testemunha” do desenrolar do enredo.

Mediante essas reflexões, compreendo algumas intersecções entre esses dois campos do saber, Literatura e História, mesmo que tenham “corpus” de análise distinto, percebo os mesmos propósitos na elaboração das narrativas: ser inteligíveis e “tocar” os seus pretensos leitores. Mesmo com tais similaridades,

Burke avalia que o trabalho do historiador não pode ser reduzido a um exercício puramente retórico, que interprete os textos e não os acontecimentos, caso contrário, os historiadores teriam de desenvolver suas próprias 'técnicas ficcionais' para suas 'obras factuais'. Entre essas técnicas estaria a "micronarrativa".¹ (BURKE, 1991).

Outra concepção da literatura que pode ser de grande valia para os historiadores é o de "herói medíocre", da teoria lukácsiana, isto é, um personagem de traços medianos e de atuação sutil em diversas passagens da trama, abrindo espaço, inclusive, para que outras figuras do enredo alcancem maior expressividade. (LUKACS, 2000).

Esta teoria do campo da literatura pode auxiliar a passar a narrativa do campo particular para o estrutural, apesar da dificuldade que pode vir a existir em explicar para o leitor a divergência entre o tempo privado dos agentes da narrativa e do tempo público da sociedade a qual se busca elucidar. Apesar disso, acredita-se que a aproximação entre literatura e história possa ser benéfica na resolução dos problemas, já citados, comuns aos historiadores.

Ao considerar história e literatura como campos distintos do saber, é impossível ignorar o diálogo possível entre eles. Além de se aproximarem pela escrita da narrativa, a história e a ficção estabelecem uma intimidade que ultrapassa a formalidade da escrita. Basta perceber como tem sido contínua a utilização de obras literárias como fontes para estudos no campo da história, pois o uso de fontes literárias pode permitir ao historiador ter um acesso privilegiado do imaginário de várias épocas, encontrando, assim, as verdades do mundo ficcional.

Assim, acredito que a narrativa histórica e narrativa literária são saberes em que há uma total possibilidade de diálogo, desde que não sejam consolidados de forma maniqueísta, em que ciência e arte se encontram em oposição. Na escrita biográfica, há a necessidade de enxergar a literatura e a história como discursos de uma realidade em comum, pois ambas participam do processo histórico, político, social.

¹Para Burke, micronarrativa é a narração da história de populares no tempo e no espaço, observando a presença das estruturas; utiliza-se várias vozes afim de captar os conflitos e as permanências; redigi-se de trás para frente, mostrando o peso do passado; e, finalmente, encontra-se o relacionamento dialético entre acontecimento e estrutura.

3 A BIOGRAFIA



Imagem1. Fotografia do Prof. Joaquim Nogueira em close- s/d. Fonte: Livro: Apontamentos Biográficos de Joaquim Nogueira nascido em 28 de dezembro de 1866 e falecido em 20 de julho de 1935- Arquivo Público do Estado do Ceará.

3.1– Fortaleza Belle Époque: Morte de Joaquim Nogueira

(...) contudo em 21 de julho de 1935, o professor Joaquim Nogueira morre. Décadas antes, formou muitas gerações de estudantes numa provinciana e ensolarada Fortaleza, nas primeiras décadas do século XX. Após ser velado em sua residência, o percurso do féretro foi acompanhado pelo silêncio intimidador da morte, por sua esposa, Sra. Olívia Pinto Mendonça, por sua filha, Maria Lirêda, além de uma multidão de anônimos, amigos, ex-alunos e autoridades locais. Vários jornais do Ceará enviaram seus representantes à última homenagem ao Prof. Joaquim Nogueira. Dentre eles, “A Gazeta” que se fez representar por dois de seus redatores, inclusive o seu gerente, Sr. Camerino Teixeira, que em nome da família Drummond, depositou sobre o féretro uma coroa de flores naturais.

Após a sua morte, por muitos meses, a sua trajetória foi resgatada em vários editoriais jornalísticos. Num deles, o então deputado federal, Fernandes Távora, em ata, faz um pedido de votos de pesar pelo seu falecimento e o escolhido para justificar o argumento foi o jornalista Demócrito Rocha.

A cidade que lamentou a sua partida, no começo do século XX, com um pouco mais de quarenta mil habitantes possuía um perímetro central que lembrava a capital francesa, em algumas construções arquitetônicas e numa uma meia dúzia de ruas. A reprodução dos seus costumes pelos moradores da capital revigorava a vontade civilizatória das elites republicanas. (PONTE, 1993).

O comércio, neste perímetro Belle Époque, utilizava-se do léxico da língua francesa para nomear os seus estabelecimentos: Rendez-vous de Dames, Paris n'América, Bon Marché, a Pharmacia Pasteur, o Hotel de France, La Maison Chic, os Cafés, dentre eles, o Riche, o Avenida e o Java, este último que entrou para a história literária como abrigo da Padaria Espiritual, onde se reuniam intelectuais e os boêmios da cidade. Sobre outro café, o Avenida, local frequentado por Joaquim Nogueira, Girão (1959, p.305-306) relata que:

Diariamente no Avenida se encontravam os *gros bonnets* da política e os maiores da literatura, nas mesas distribuídas entre pequenas palmeiras que viviam em latas de côres berrantes. Raramente mudavam os personagens, comparecendo com assiduidade o professor Raimundo Arruda, mestre de português, a decifrar etimologias e criticar ferozmente a regência dos verbos; o deputado Francisco Jorge de Sousa, com o busto apertado num colete branco de madrepérola e chupando, voluptuosamente, o seu infalível charuto; o Dr. Francisco Gomes Parente, citando, comentando Ferri e Lombroso, ou repetindo, em carretilha, os parágrafos e alíneas do Código Penal Militar; o mestre-escola Joaquim da Costa Nogueira, todo de luto, com um espectro de sofrimento, tentando sorrir para esquecer a imensa mágoa da morte do filho; o Dr. José Frota, risonho e bondoso; e o Dr. César Cals, a discorrer, gesticulante, sobre os últimos partos que fizera, dando às mãos a forma de fórceps, para explicá-los mais claramente.

Ao relatar os hábitos da intelectualidade frequentadora do Café Avenida, acaba por evidenciar como os personagens locais são influenciados pelos costumes do Velho Continente e como a sociedade, dita erudita, ocupava os espaços públicos e quais espaços foram esses. Os Cafés da capital cearense se configuraram como ambientes adequados para os debates e lazer. Sobre essa passagem, no texto de Girão (1959), ressalto que, foi a primeira referência ao Joaquim Nogueira, nos espaços públicos, em atividades que não a do

magistério. Durante todos esses anos de pesquisa sobre a trajetória do professor, não consegui situá-lo em nenhuma agremiação, roda de amigos ou festividades sociais, o que certamente deverá ser contemplado em pesquisas posteriores.

A alegria forçada do meu biografado reflete a moral do meu biografado nos últimos anos. A dor profunda de ter perdido um filho assassinado, em plena flor da idade e o que é pior, a absolvição do assassino foi o seu golpe de misericórdia. Todavia, indiferente às dores individuais, a cidade evoluía e almejava passar a página de suas mazelas. Apesar da pretensão em assemelhar-se à capital francesa, mesmo que em três ou quatro quarteirões, a maioria das construções em Fortaleza, nesse período, eram bem rústicas. A elite intelectual ensaiava hábitos que se aproximavam aos parisienses, apenas ensaiavam. Já a temperatura atmosférica de Fortaleza, em nada lembrava o clima oceânico de transição de Paris, em que os verões são frios e os invernos amenos. Por aqui, mesmo que a orla ainda não estivesse tomada por altas construções que interrompem a passagem do vento, predominava o clima quente dos trópicos.

Entretanto, a sina climática de Fortaleza não era empecilho para que as pessoas não se vestissem e usassem os acessórios à moda francesa; as mulheres com luvas no seu dia a dia, buscavam o que havia de mais elegante nos figurinos parisienses; deixando, por vezes, encostadas as rendas de almofadas confeccionadas por artesãos locais para aderirem às rendas francesas; os homens, chapéus, indispensáveis ao sol forte da cidade litorânea, paletós de linho brancos, casimira inglesa ou tecidos rústicos. Fortaleza era “moça pobre, mas vaidosa”(AZEVEDO, 1978, p.82).

A França não só foi inspiração para a cidade, como também uma obsessão para muitos do seus moradores. Também não era para menos! A Belle Époque trouxe para Paris uma expansão econômica, onde várias empresas, cinemas, lojas de departamento, além da cultura local, fizeram com que o mundo a percebesse como o modelo ideal de civilização.



Imagem 2: Passeio Público, ano de 1919. O espaço era frequentado, sobretudo, pela elite local. Observa-se famílias com suas crianças, bem comportadas. Elas usam roupas claras e parecem posar para a fotografia. (Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Ceará)

Por aqui, mesmo tão distante de lá, não foi diferente. Parece que o progresso ainda engatinhava, mas apressadamente. O progresso da Fortaleza “vaidosa” foi consequência, sobretudo, da produção rural. A capital cearense como centro econômico, também, foi um centro de poder, o que possibilitava privilégios para alguns em detrimento de outros. Ponte em introdução da obra “Fortaleza Belle Époque” científica que,

Em Fortaleza, o movimento de remodelação urbana impulsionou-se com o Mercado de Ferro (1897), o *aformoseamento* das principais praças (1902-3) e a construção do requintado Theatro José de Alencar (1910). A onda remodeladora acabou por conferir à zona central da cidade um harmonioso conjunto urbano, complementada com a edificação de mansões, prédios públicos e dois grandes cinemas - em sua maioria marcadas pelo ecletismo arquitetônico, estilo então em voga no país. (PONTE, 1993, p 04).

Mais até do que a urbanização, o “aformoseamento” de alguns trechos da cidade, sobretudo os frequentados pela elite, a busca pelo belo foi uma preocupação constante dos engenheiros e arquitetos da cidade.

Economicamente, a produção algodoeira cearense, a partir de 1860, teve Fortaleza como o principal centro coletor e distribuidor do produto, o que, conseqüentemente, gerou um forte acúmulo de capital financeiro, possibilitando aos novos atores do poder econômico da cidade, gerando novas demandas de

consumo e perspectivas sociais e, ainda, a incorporação de hábitos culturais e de lazer (BINDÁ, 2008).

A luta da independência dos Estados Unidos interrompeu a exportação norte-americana, ao mesmo tempo em que a revolução industrial europeia tinha o algodão como produto indispensável para o seu crescimento industrial. Assim, a Inglaterra não demorou a consumir o algodão brasileiro. No Ceará instalaram-se as Casas de Inspeção, inauguradas no século XIX, que lhe conferiam a limpeza e qualidade final do produto. O porto do Mucuripe tornou-se inapropriado para o grande número de navios, muitos deles britânicos, em busca do nosso algodão, preferido entre eles, por ser de excelente qualidade, além de muito branco (GIRÃO, 1959).

Com tamanha demanda, a necessidade de melhorias estruturais na cidade firmava-se como imprescindível ao progresso local. Assim, o porto sofreu grande revitalização; a implantação da estrada de ferro entre Fortaleza e Baturité, além da multiplicação de firmas estrangeiras formaram o retrato do crescimento comercial, reforçando os segmentos sociais ligados ao comércio e ampliando o seu poder econômico. Conseqüentemente, a paisagem urbana de Fortaleza foi sendo modificada, ganhando seus primeiros sobrados, casas belas, prédios públicos e calçamentos nas vias principais, bondes à tração animal e rede de iluminação a gás carbônico.



Imagem 3: Exemplo de arquitetura eclética, inspirada nos moldes europeus e na Belle Époque. Encontra-se na confluência das ruas Senador Alencar e Barão do Rio Branco (Rua Formosa). Foi o antigo Palacete Guarany. (Fonte: Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades- Arquivo Público do Estado do Ceará.)

Pelas ruas e conversas, o sonho de muitos fortalezenses era conhecer e sentir os ares gelados e a vida supostamente glamorosa de Paris, além de possuir a postura dita refinada dos seus habitantes. O garapeiro Bembem, proprietário do quiosque Engenho Central Bembem, na antiga Praça José de Alencar, foi assumidamente um apaixonado pela França, ao ponto deste amor se tornar alvo de pilhérias. “De tostão em tostão juntou uma bela quantia e um dia realizou o seu sonho dourado, conhecer a Cidade das Luzes”. Com toda a rudeza e exagero que lhe eram bem peculiares relatou a sua experiência em Paris:

“Aquilo é que é cidade!- Dizia entusiasmado- No hotel em que me hospedei fui obrigado a escrever o meu nome. Como a língua era outra, escrevi “Bien-Bien” e, mais abaixo: “Garapiére”. E completava: “Olhe, lá eu só andava com um homem .(AZEVEDO, 1978, p.23)

Após a narrativa do seu passeio e o deslumbre pela viagem, seguiu o conselho de um debochado intelectual cearense, imprimiu um cartão e distribuiu com amigos e fregueses: “ Bien-Bien- Garapière”(AZEVEDO, 1978).

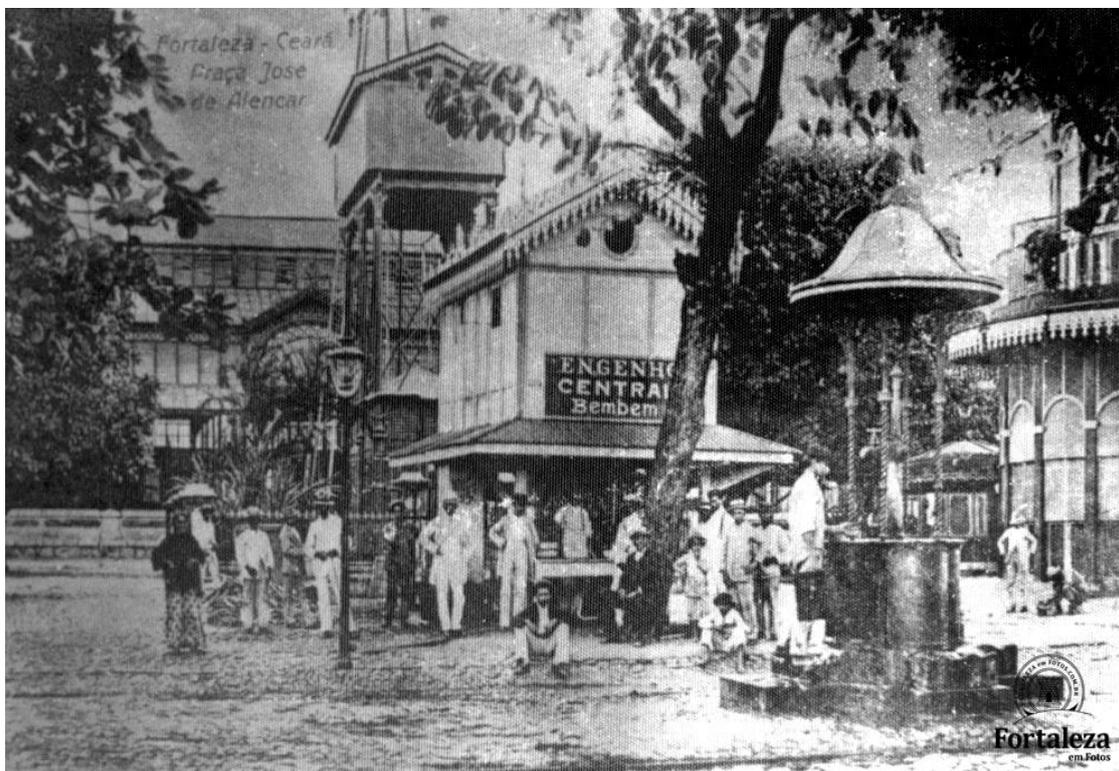


Imagem 4: Engenho Central Bembem" era um quiosque de madeira, na região central de Fortaleza. Seu proprietário era o Bembem, cidadão que ali vendia garapa feita na hora e garapa do dia anterior, que era conhecida como “garapa doida”, que embebedava, 1897. Fonte: www.fortalezaemfotos.com.br. (Acesso em 23 de março de 2015)

Para entender toda esta idolatria à França que predominava no mundo, é preciso entender aquele momento, compreender o que foi a Belle Époque e quais as repercussões em nossos trópicos.

O arquiteto e professor de arquitetura urbanismo do Ceará, Liberal de Castro observou que o engenheiro da Província do Ceará e da Câmara Municipal de Fortaleza, Adolfo Herbster, incluiu três boulevards na planta da cidade, com o intuito de imitar as reformas realizadas pelo Barão de Haussmann, em Paris, em meados do século XIX, projeto este que estabelecia um sistema de grandes avenidas e que resultou na devastação de áreas ocupadas por casas pequenas e mal conservadas, com o objetivo de não só embelezar a cidade, mas de criar um sistema seguro contra a organização de barricadas. (PONTE, 1993).

Todavia, mesmo com os arroubos da modernidade e com a reprodução de um plano piloto do dito primeiro mundo, muito da infraestrutura desorganizada e da “alma” da cidade de Fortaleza, como suas calçadas irregulares, não só foram como são elementos característicos da identidade local, em que os transeuntes equilibravam-se ou andavam inadvertidamente pelas ruas e avenidas, como discorre o poeta Otacílio de Azevedo:

Minha mãe e meu irmão Abílio ficaram no hotel e eu saí com Júlio para visitar a província. Na ânsia de mostrar-me tudo, Júlio entrava aqui e acolá, saltava imensas soleiras de calçadas desiguais. (...) (AZEVEDO, 1978,p.23)

As ruas pavimentadas por um calçamento de pedra tosca, chamado pelos fortalezenses de “cearalepípedo” foram trocados, inicialmente, por uma solução provisória de trilho de pedra para ônibus e mais tarde, por concreto e, finalmente por asfalto. Com as ruas pavimentadas para o progresso em rodas, Fortaleza, tem o seu primeiro automóvel, importado pela Empresa de Auto-Transporte Cearense, de Meton de Alencar e Júlio Pinto. (ADERALDO, 1998).

Esse período, já alcunhado como o Período de Ouro da economia, propicia que a América do Norte, a Europa, e até mesmo o Brasil vislumbrem o progresso a partir do aumento da produção industrial, do avanço tecnológico, da urbanização das cidades e da proliferação de novas tendências nas artes, educação e costumes. É a consagração da Belle Époque mundial.

Em Fortaleza, assistiu-se a partir da metade do século XIX e começo do século XX, várias tentativas de regê-la sob o advento da modernidade com a sua reorganização urbana e social. A necessidade de civilizá-la não foi esquecida pelo Estado, posta em ação através de medidas embelezadoras e higienistas, isto é, ordenar seu espaço e disciplinar sua população, tendo como principal agente desse investimento, além do Estado, grupos sociais ligados ao setor comercial, profissionais liberais, engenheiros, médicos influenciados pela racionalidade científica na Europa. O saneamento da capital e higienização da população deu-se através do abastecimento d’água e esgotos, a vacinação obrigatória, inspeções sanitárias a domicílio e o controle do crescimento de pobres, erradicação da mendicância, organização de policiamento específico e

colônias penais para a recuperação dos delinquentes adultos e juvenis. (PONTE,1993).

Sob a égide desse desenvolvimento econômico e urbano e com a presença de estrangeiros na cidade, Fortaleza, de província do nordeste brasileiro, tomou ares cosmopolitas e a elite local, dita novas regras de condutas de acordo com os padrões da sociabilidade urbana.

As relações inseridas pela economia tiveram uma força maior com a chegada de empresas estrangeiras à capital, ainda no século XIX. Dentre elas, destacaram-se a Gradvhol & Filhos, a Exportadora Cearense, Boris Frères & Cia que tinha sede em Paris e não tardou a alcançar prestígio local. A firma colaborou com o Estado, tanto no período monárquico, quanto no republicano, recebendo diversas incumbências, dentre elas, presidir a comissão organizadora da mostra de produtos cearenses na Exposição Internacional de Chicago.(PONTE,1993).

O jovem desenhista e ainda promissor educador, Joaquim Nogueira, expôs 36 fotografias na grande Exposição de Chicago de 1892 que homenageava os 400 anos da Descoberta da América. Já nos final dos anos de 1920, 19 das 36 fotografias são doadas pelo professor ao Museu do Ceará como afirma o impresso:

(...) Pouco a pouco vão sendo recolhidas a esse órgão publico estadual preciosidades, as mais interessantes e curiosas existentes em mãos de particulares, sem serventia algumas, as quais, doravante, expostas ao publico, pelo órgão da novel repartição, darão, decerto, vivo atestado do nosso gráo de cultura. (...) A estas vem juntar-se agora, a que lhe foi enviada recentemente: 19 fotografias de aspectos do Ceará de há quarenta anos atraz, habilmente desenhadas por mão de mestre, a esse renomado desenhista e, nos dias atuais, um dos mais competentes educadores cearenses depositario de uma cátedra no Liceu, o Sr. Professor Joaquim da Costa Nogueira. (...) O gesto do Professor Joaquim Nogueira merece francos aplausos. (CEARÁ, s/d,s/p)

Durante muitos anos procurei nos museus e arquivos do Ceará esse material doado por Joaquim Nogueira ao Museu do Ceará, mas não obtive sequer uma pista de onde estivessem ou se as obras ainda existem. Nenhuma das pessoas encarregadas pelas instituições por que passei souberam do que se tratava ou qual o paradeiro das obras.

Voltemos à narrativa.

Mesmo que Fortaleza estivesse no imaginário de progresso trazido pela Belle Époque, Boudet (1973) esclarece que, a grande maioria dos jornalistas, escritores e historiadores ignoram as turbulências e contradições que marcam o período em prol da imagem do período de ouro da economia, tais como: a agitação nacionalista e anarquista, as rivalidades coloniais, as lutas clericais e anticlericais, além da resistência das camadas populares às reformas urbanas.

A resistência das camadas populares ao modelo burguês foi um sério obstáculo à instauração do progresso na capital cearense. Coube tentar atenuá-la a partir de um novo ordenamento urbano e social. Porém, não havia, ainda, um planejamento para tal procedimento, ora era feito pelo poder público, ora por particulares.

Indiferente às tais contradições havia uma construção da modernidade brasileira, em que arquitetura, cultura e imaginários foram moldados e a capital alencarina, como uma maneira de abrir os horizontes para um tempo de prosperidade e modernidade se incluiu nesta dinâmica mundial.

Todavia, mesmo com a aura do progresso contornando a cidade, a resistência das camadas populares antes os variados mecanismos disciplinadores se mostraram de diversas formas, das quais se destacaram: a conservação de certos ritos e posturas, o desapego ao trabalho sistematizado, a fuga, “se fazer de louco para melhor passar”, o escárnio, a irreverência, o riso e a vaia. Uma verdadeira compulsão dos populares ao deboche e à ironia eram tão notórios que tal prática foi chamada de “Ceará Moleque”, alcunha utilizada na obra, *A Normalista*, de Adolfo Caminha, para caracterizar tal prática dos habitantes locais. (PONTE, 1993). Todavia, mesmo com irreverência, rebeldia, deslumbre, crescimento econômico e progresso social, os dramas coletivos e individuais existiam e não escolhiam os momentos em que viriam à tona.

Com Joaquim Nogueira não foi diferente. Há muito lutava contra os altos e baixos da vida desde a perda trágica do seu filho, José Mendonça Nogueira, como já foi dito anteriormente, que o contista Moreira Campos (1969, p.73-75) num lapso de realidade o relata na ficção, em “Uma história antiga ou a Serpente:”

O velho, calçado de meias grossas e chinelas, suspendia com a mão os testículos sob as calças pretas e puídas, e insistia em contar pela vizinhança – pelas janelas da vizinhança – a tragédia do filho único. Os olhos magoados da velha, com enormes bôlsas, assomavam na janela

da varanda do casarão, onde o vento tilintava a sinêta do portão e rodopiava fôlhas sêcas na fonte esquecida do jardim:

_ Entra, Quincas!

_ Hem?

_ O sereno lhe faz mal.

Entrava. Rodava por dentro de casa. Queria sair mais uma vez. Era preciso esconder a chave atrás do velho livro na prateleira da velha estante.

Êle insistia em dizer que o filho não agredira o outro (sabia-se que o esbofeteara na cara) em defesa da honra do pai dêle, pai , a quem o assassino havia chamado velhaco por causa do débito antigo na livraria: a fatura e o recibo já muito manuseados dentro da pasta. O velho acreditava na peçonha , na virulência da víbora, particularmente nos seus olhos vessos , que os óculos grossos não disfarçavam. O filho único era belo, querido das mocas do Clube Elegante.

_ A serpente!

Aceitava-lhe a peçonha, Muitas vêzes fizera o seu ninho ali em casa, no mesmo quarto com o filho único, como dois irmãos no café da manhã. Ia ao clube com a camisa delindo do amigo, usava as abotoaduras de ouro, que examinava sob a lâmpada. Muitas outras serpentes tinham envenenada a serpente maior, engrossaram-lhe o veneno. Uma delas se esticava sobre o balcão da livraria:

_ Em cara de homem não se bate.

A velha quisera chamar a serpente, quando ela passara à tarde, virulenta, pela outra calçada da rua. Haveria de evitar violências. Sua voz seria mansa, com a mão trêmula pousada sôbre o braço do outro, tão amigos sempre, como irmãos dentro de casa, assomos de gente môça:

_ Está me ouvindo, meu filho?

Talvez lhe servisse a xícara de café no sofá da sala. Desistira. Pedira que o filho não fosse a grande festa do clube naquela noite. Êle a tomara nos braços, surpreendendo-a. Beijara-a na cabeça:

_ Não vai haver nada.

A serpente o atacara pelas costas. Êle rolara do alto da escada atapetada do clube elegante, o peito varada pela única bala. Os dedos tentaram agarrar-se ao corrimão. A enorme mancha de sangue empapara-lhe a pureza da camisa de linho. A branca flor da lapela desfolhara-se, pisada, no último degrau. A orquestra interrompera-se no salão. O sereno crescera à porta do clube: cabeças que se debruçavam sôbre os ombros , nas pontas dos pés. As moças de leques e lencinhos de renda (que esta história é antiga), choraram-no. Outra mancha de sangue ficara no mosaico da calçada, que o povo parava para olhar:

_ Foi aqui.

O velho acompanhara o entêrro do filho único de cabeça baixa, o lenço na mão, e encomendaram-lhe o túmulo sob desenho: esculpidos no mármore branco, dois corações, que sangravam atravessados pela espada, e um raio, que feria a cabeça da serpente. Ali, êle e a mulher, em eterno luto, depositavam a coroa de flôres e debulhavam os seus longos têrços.

Fechara também o antigo colégio, por onde passaram gerações. Restaram em casa as altas e escuras estantes do gabinete, com o busto de Rui Barbosa sôbre a escrivaninha de jacarandá. Recebia o ex-aluno vitorioso, que de passagem, viera para uma visita necessária ao mestre. Ficavam calados, pesava o silêncio entre as altas estantes. A velha ainda enrolava no dedo a ponta do casaco. Êle, o velho, examinava os sapatos, que começavam a ficar rotos. O ex-aluno ilustre estalava os dedos.

O velho não admitia a idéia de que o sacrifício do filho se fizera na defesa de sua honra. Isso lhe era terrivelmente incômodo. Acreditava

na peçonha, na virulência da víbora, que tantas vezes fizera o seu ninho ali em casa:

_A serpente!

Insistia em afirmá-lo pela vizinhança-pelas janelas da vizinhança-já agora calçado de meias e chinelas, a mão ajeitando sob as calças os testículos:

_ A víbora!

Os olhos magoados da velha, com suas grandes bôlsas, assomavam na janela de casa, onde o vento tilintava a sinêta do portão:

_Entra Quincas!

_Hem?

_O sereno lhe faz mal.

Era preciso trancar a grande porta, meter-lhe o enorme fêrrolho de cima, esconder a chave atrás do livro na prateleira da estante.

_Vá se deitar um pouco.

Hem? Hem?

Rodava por dentro da casa [...]

O conto de Moreira Campos, narra o episódio que causara tanta angústia ao Prof. Nogueira e o descreve, com a agudeza da sua escrita, o homem deprimido.

Afora o luto, Joaquim Nogueira sentiu o peso daqueles que trabalhavam e pensavam a educação numa província brasileira, no começo do século; e que, muitas vezes, ao assumir uma postura de vanguarda eram ridicularizados por àqueles que pouco conhecimento tinham sobre o assunto. Afinal, essa discussão acerca da Educação Brasileira foi privilégio de alguns poucos habitantes da cidade, os que tinham acesso aos bancos escolares ou aos conhecedores do assunto. Em artigo do político Faustino Nascimento, publicado na Revista Escolar do Collegio Nogueira, em maio de 1926, exemplifico como a Educação, na província, foi mote para discussões acaloradas:

Gustave Le Bon, o admirável psicólogo francês, por toda parte conhecido e justamente apreciado, sentenciou algures ser muito difícil, entre os povos latinos, o problema da reforma da educação. Referia-se o douto escriptor especialmente ao ensino publico na França. Se tal se pode dizer em relação à terra culta de Conte e Victor Hugo, que dizêrmos, nós, então, da pobre nação brasileira que conta ainda com a elevada proporção de 80% de analphabetos entre os seus filhos?! É claro que estamos em muito peor situação.

Paiz novo, sem uma orientação científica segura, o Brasil ainda soffrerá por muito tempo as tristíssimas consequencias da incuria dos governos pela alphabetização do seu povo. Não somente a educação popular está ainda em máo estado, mas tambem o próprio secundario e superior. Parece que a causa precipua de tudo isto vem a ser de pouca importância que dispensam os governos às coisas do ensino entre nós. (REVISTA ESCOLAR, 1926, p. 4)

Para o autor do artigo, o Brasil de então não possuía sequer, ainda uma orientação científica e os governos poucos se importavam com a educação formal do povo brasileiro, não só com a alfabetização, como também com o ensino secundário e superior.

Mesmo num cenário aflitivo como esse, os louros ao exercício das práticas pedagógicas do professor Joaquim Nogueira ultrapassaram territórios, como constatei em minhas pesquisas. O nome do educador foi referência não só no Ceará, como no país. Em publicação no conceituado órgão carioca de imprensa, “O Paiz”, constato esse reconhecimento:

Sob a direcção do educador senhor Joaquim da Costa Nogueira, funciona há muitos annos, na capital cearense, o Collegio Nogueira, outrora Instituto de Humanidades. Pelos bancos da conhecida e acreditada casa de educação tem passados a fina flor da nossa geração cearense, contando-se entre os seus antigos alumnos as mais puras intelligencias do progressista estado do nordeste brasileiro. Sob os auspícios da direcção do mesmo collegio é publicada mensalmente, a “Revista Escolar, cujo summario acusa materia de vasto interesse para a mocidade estudiosa. Temos à vista os seus últimos numeros, repletos de artigos lançados em linguagem cuidadosa, enquadrados no interessante programma a que e destinou a excellente publicação ao ingressar na arena nacional. (REVISTA ESCOLAR, Abril, 1926. p. 21-22)

Já no jornal cearense “A Rua”, de 12 de dezembro de 1933, o jornalista Murilo Mota escreveu um artigo intitulado “Um velho precursor” e num tom saudosista, não poupou elogios ao trabalho do Prof. Nogueira:

Não sou eu a relembrar, publicamente, a gloria de precursor do Prof. Nogueira. Num artigo a seu respeito, inserto no número quarto da “Educação Nova”, um dos mais respeitados pedagogos lhe conferia a certidão dessa preeminência de inovador dos processos escolares do Ceará. Mas quantos baldões, quantas ironias choveram sobre o colégio! Uns acoimavam no de maluco, de caduco e quejandas amabilidades. Sempre inalterável, consciente do seu valor e de seus métodos, o velho professor, não cedeu, no entanto, uma linha do terreno a que traçara, no amanho carinhoso das intelligências infantis. E hoje, o órgão official da Escola Nova no Ceará, dá-lhe o título de precursor neste metodo de ensino, entre nós, e diz, textualmente: “Quando se escrever a história do ensino no Ceará, o velho e glorioso professor terá o seu logar de honra”. (MOTA, 1933, s/p)

Não são raros depoimentos de ex-alunos e não foram raras fotografias oferecidas ao Prof. Nogueira pelos alunos que, crescidos, seguiam a sua senda pessoal, deixando para trás as lembranças do ineditismo das práticas do mestre-

escola no Instituto de Humanidades ou no Collegio Nogueira. Girão em sua obra “Educandários de Fortaleza”, propaga a didática inovadora do professor:

O mestre-escola apurou os dons e vocações e consagrou-se. Os seus métodos de transmitir conhecimento revolucionaram o didatismo local, superando formas e noções obsoletas que a inércia conservadora persistia em aplicar. A fértil imaginação do reformador não parava de encontrar maneiras e meios de atrair o real interesse do aluno e prendê-lo ao estudo, habituando-o prazerosamente, à execução dos deveres escolares. (GIRÃO, 1956, p. 27).

A Fortaleza dos anos 30 é uma capital que já possuía 143.277 habitantes e algumas escolas particulares. Nesta década foi criado o Colégio Farias Brito do professor Aualdo Batista de Araújo. Abriu-se, também, em Fortaleza, o Recreatório Infantil, obedecendo à orientação das professoras Zilda Martins Rodrigues e Teolinda Olímpio e foi talvez a primeira creche na cidade; o Externato General Eudoro Correia, fundado pela associação dos funcionários do Colégio Militar do Ceará; o Colégio São João, sob a direção de Adolfo Campelo; o Colégio Maria Auxiliadora, dirigido pelas salesianas, dentre outros. (NIREZ, 2001).

Entretanto, mesmo com todas essas instituições na educação privada, poucos eram os que podiam pagar para estudar nelas, ficando assim, muitos à margem da educação, posto que, mesmo a educação pública no Ceará, ainda era privilégio de alguns. O Instituto de Humanidades, no começo do século XX, acabou por se firmar como uma instituição para os filhos da elite econômica e intelectual cearense e após o seu fechamento, o Collegio Nogueira deu continuidade à escolarização dessas crianças.

Apesar da baixa escolaridade da população fortalezense, seus habitantes sempre foram propícios aos debates, às manifestações, sobretudo quando o assunto é política. Até o mais inculto cidadão dava “pitaco” sobre a situação política local e nacional, além de defenderem seu ponto de vista, intransigentemente, em discussões acaloradas nas esquinas da cidade, nos cafés e nas conversas cotidianas. Esses embates ideológicos, não raramente, acabavam em grandes conflitos. E a Fortaleza, do começo do século passado foi palco para muitas dessas manifestações.

Em 1912, A Liga Feminista Pró-Rabelo promoveu uma passeata a favor da candidatura do coronel Marcos Franco Rabelo à Presidência do Estado,

saindo o préstito do Passeio Público às 16h. É realizada a "Passeata das Crianças" pró-candidatura Franco Rabelo ao Governo Estadual. Já haviam acontecido duas outras, a "das moças" e a "das Senhoras", promovidas pela Liga Feminina Pró-Rabelo. A das crianças foi dissolvida pela cavalaria do governo de Accioly, resultando em mortos e feridos.

Após muita confusão nas ruas de Fortaleza, quando da realização de passeata pró-candidatura de Franco Rabelo, é deposto o então presidente do Estado, Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, sendo incendiadas, pela população, a sua casa, na esquina da Travessa Municipal (Rua Guilherme Rocha) com Rua 24 de Maio, e a do intendente coronel Guilherme César da Rocha (Guilherme Rocha), que fechava a Travessa Municipal. Também foi incendiada a Fábrica Progresso, do comendador Accioly. Este foi substituído interinamente no governo, pelo coronel Antônio Frederico de Carvalho Mota, e a Intendência, por João Marinho de Albuquerque. (NIREZ, 2001). Fortaleza era pobre, vaidosa, "aformoseada", inculta, mas atuante.



Imagem 5: Casa do presidente Nogueira Accioly depredada pela população de Fortaleza, na revolta de 1912. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Ceará (Instituto Histórico e Geográfico do Ceará)

Joaquim Nogueira não ficou à parte destas manifestações públicas; republicano convicto, abolicionista, despertou a admiração e o ódio de muitos por conta de suas escolhas políticas. Em matérias abordadas que fizeram parte do livro “Anno Escolar”, provenientes de colunas jornalísticas de variados autores, com ênfase na política, na educação, no mercantilismo e na “justiça” no Ceará governado por Nogueira Accioly a crítica e insatisfação em relação ao governo foram constantes, por isso foi alvo de inúmeras polêmicas no “Jornal do Ceará”, um dos meios de comunicação que defendia a oligarquia aciologista. Nas respectivas matérias jornalísticas foram discutidas a fragilidade dos métodos

empregados pelo professor no Instituto de Humanidades, assim como, o seu caráter.

Segundo a pesquisadora Silva (2010, p. 147) foram encontradas 9 matérias entre agosto e outubro de 1908 prolongando-se até 1909, conhecidas como o “Caso Nogueira”. Segundo a pesquisadora as matérias são:

Crônica, de Cariné Jussara, matéria da capa de 27 de agosto de 1908; Crônica, de Cariné Jussara, matéria da capa de 31 de agosto de 1908; Crônica, de Cariné Jussara, matéria da capa de 11 de setembro de 1908; Psicologia de um infatuado I, no Jornal do Ceará de 18 de setembro de 1908; Psicologia de um infatuado II, no Jornal do Ceará de 21 de setembro de 1908; Pescadores de Águas Turvas. Sempre a mentira e a calúnia, no Jornal do Ceará, em matéria de capa de 03 de outubro de 1908; O Jornal do Ceará e o artigo 383 do código, matéria da capa, no Jornal do Ceará de 07 de outubro de 1908; Jornal do Ceará em Juízo. A questão Nogueira. Ignorância e má-fé, em Matéria da Capa, em 10 de outubro de 1908; Disparate Processual, Jornal do Ceará, em 23 de outubro de 1908.

O profissional da educação, Prof. Joaquim Nogueira, foi mote para polêmicas nos textos acima referidos, com o nítido propósito de desestabilizar o trabalho do educador e forçar uma ação dos órgãos reguladores, contra Joaquim Nogueira. Porém, tal estratégia não foi alcançada. Não só o Instituto de Humanidades, como o Collegio Nogueira seguiram o seu caminho, em busca de um aperfeiçoamento na qualidade do ensino.

Em 1930, o Collegio Nogueira mudou-se para prédio na Rua 24 de Maio nº 139, o curso de aulas primárias e preparatório para exames admissionais, funcionava desde 1918, numa das residências do Professor, à rua General Sampaio, 280. Já não dava para coabitar num mesmo espaço, o homem público e o homem privado, além disso, o seu ideal de estrutura escolar correspondia aos tempos áureos do Instituto de Humanidades, espaço que não havia nada de improvisado, em que tudo era pensado de acordo com a proposta pedagógica da instituição. Assim, o colégio mudou-se para um espaço mais adequado ao ensino proposto pelo externato. Sobre a residência do professor que serviu de sede ao colégio, meu pai relata:

Nasci na casa da General Sampaio e frequentei ela muitas vezes, durante a minha infância. Vovó Olívia, após a morte do vovô, morou lá com a D. Teresa, empregada da casa, depois foi morar conosco. A casa era muito grande e igualzinha, igualzinha a do Juvenal Galeno; a mesma planta. Lembro que algumas vezes eu brincava, entrando e

saindo de uma casa para outra. Outra vez lembro que entrou o prego da cadeira que estava na calçada na minha coxa, a Vovó Olívia deu um grito aflito e umas palmadas muito fortes na minha perna, para que o sangue pisado não me contaminasse (Informação verbal)².

A linguagem da citação acima revela alguém com uma extraordinária memória, revelando pormenores da sua própria história, apesar de tão pouca idade na ocasião, aproximadamente uns 4 anos de idade ou 5 anos. Quem sabe a aflição de sua avó e a surra tenham lhe marcado profundamente.

Os anos 30, em Fortaleza, foi um período marcado não só pelo crescimento econômico, pelas idiossincrasias sociais, como também por acontecimentos que a insere num contexto mundial, como a passagem do Graf Zeppelin pelo céu, sem nuvens, da cidade. A cor prata do alumínio reluzia ao sol.



Imagem 6: Pouso do Graf Zeppelin, em Fortaleza 28 de maio de 1930 no litoral de Fortaleza. A paisagem, em oposição ao perímetro central da Belle Époque, mostra-se sem as intervenções urbanas do período. (Fonte: www.fortalezaemfotos.com.br- Acesso em 15 de março de 2015)

O prof. Joaquim Nogueira depois que soube que o famoso Zeppelin iria passar nos céus de Fortaleza, não mais descansou, sempre em busca de mais informações sobre o aparelho. Além de sua própria inquietude e curiosidade a respeito do dirigível, teve que responder às perguntas dos seus alunos, antes,

²Informação fornecida por Francisco Alberto Nogueira Bezerra, em conversa informal, em fevereiro de 2015.

durante e após a sua passagem. Não só aqueles que faziam o Collegio Nogueira parou para vê-lo majestoso, flutuante e cambaleante a refletir sob o sol e céu de Fortaleza, mas a população da capital cearense, também, encerrou todas as suas atividades para recebê-lo.

Há muitos anos não se viu o mestre-escola tão entusiasmado com algo. Sua filha, Lirêda e D. Olívia Mendonça, o acompanharam rumo à multidão. A menina, então com nove anos de idade, acenou para o objeto prateado com a euforia na alma e um lenço branco na mão. Foi um daqueles dias que ficou para a história da capital. Enfim, o símbolo da tecnologia mundial surgiu nos ares dos mares bravios. Fortaleza era pobre, vaidosa, inculta, atuante, “aformoseada” e agora, moderna.

3.2 De menino a mestre escola: O começo de tudo

Joaquim da Costa Nogueira, filho do Major Joaquim da Costa Nogueira e de Dona Mariana de Freitas Nogueira, nasceu na Villa de Aquiraz, no Ceará, em 1866. Neste momento, a Villa de Aquiraz foi uma das cidades do interior cearense mais desenvolvidas da região, constituindo-se como importante núcleo populacional do Ceará.

Constituiu-se como a primeira vila da Capitania criada por despacho datado de 13 de fevereiro de 1699, por ordem de El-rei de Portugal e consta que, uma das fortes razões pela qual se criou o primeiro município do Ceará foi a de que, com ela e com suas autoridades constituídas, El-rei mantinha o seu propósito de por termo às insolências e aos desmandos que, aqui, são perpetrados pelos capitães-mores, senhores absolutos.



Imagem 7: Mapa da: Região Metropolitana de Fortaleza, 2010, O círculo mostra a localização de Aquiraz. Fonte: Arquivo IPECE – Governo do Estado do Ceará.

Ainda indiferente à história que está por vir, o menino Joaquim Nogueira cresceu perto da brisa do mar, com fôlego para grandes aspirações, sob os olhares atentos de pais severos e afetuosos. O mestre-escola teve como primeira preceptora sua mãe, que lhe ensinou as primeiras lições. Com a ida da família, anos depois, para o município de Pacatuba, fez o exame das primeiras letras, em 1877.

Matriculou-se em 07 de fevereiro de 1881, no Instituto Cearense de Humanidades, dirigido pelos padres Bruno Figueiredo e Cruz Saldanha. Concluiu os preparatórios no Liceu do Ceará em 1885, e no ano seguinte, partiu para a Escola de Direito de Recife.



Imagem 8: Faculdade de Direito de Recife, 1928. Local onde o Prof. Joaquim Nogueira deu início aos estudos jurídicos, não podendo prosseguir, por ocasião do falecimento do seu pai, no Ceará. Fonte no sítio: [http: www. pernambuco.gov.br/faculdade de Direito](http://www.pernambuco.gov.br/faculdade%20de%20Direito). Consulta realizada em 18/03/2015.

A Escola de Direito de Recife, inicialmente instalada em Olinda, surgiu a partir da necessidade de marcar a independência do Brasil de Portugal, em 1822, e de formar uma elite intelectual no país, mais autônoma possível das escolas francesas e portuguesas. Anos mais tarde, 1854, mudou-se para Recife, com produção acadêmica inovadora e professores engajados com o país. Todo o corpo da Faculdade acreditava que a instituição estava na vanguarda do país. Entre os célebres graduados pela Faculdade estava Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Raul Pompeia, Epitácio Pessoa, Graça Aranha, Nilo Peçanha, João Pessoa, Pontes de Miranda, Assis Chateaubriand, José Lins do Rego. Todavia, Joaquim Nogueira não pode prosseguir com os seus estudos na capital pernambucana. Após dois anos no curso, a responsabilidade súbita com a família exigiu o seu retorno ao Ceará. Seu pai faleceu e o jovem Joaquim Nogueira assumiu os rumos da família, não mais voltando à instituição para concluir o curso. Neste mesmo ano, já no Ceará, Joaquim da Costa Nogueira, foi nomeado Fiel do Almojarifado dos Gêneros do Governo do Estado do Ceará. (STUDART, 1915).

A seca já sinalizava a sua chegada. Seu ápice, em 1877, perdurou até 1879. As pessoas tentaram se refugiar em locais menos afetados pelo sol e pela miséria, como em Fortaleza, Baturité e Aracati. Alguns sequer conseguiam chegar à terra prometida. Morriam na travessia. Quando surgiam à capital da província, famílias maltrapilhas e famintas batiam de porta em porta rogando a deus e aos homens, água, comida, roupas e esperança. Algumas moças, no desespero da fome, ofereciam seus corpos em troca de comida e os saques aos depósitos de mantimentos do governo foram práticas comuns e causa de grandes conflitos. A população do Ceará estava sendo vencida pela fome e pela doença.

Com o impacto da seca, o Governo Imperial, no ano de 1880, solicitou ao Engenheiro Jules Revy o estudo das melhores áreas e respectivos boqueirões para a construção de açudes. Muitas soluções foram pensadas para que o povo do interior sofresse menos com a estiagem.

Uma das áreas escolhidas ficava no município de Quixadá, assim a Barragem do Cedro teve seu primeiro projeto executado no ano de 1882 pelo

mesmo engenheiro e no ano de 1889, já sob a direção do Engenheiro Ulrico Mursa, da Comissão de Açudes e Irrigação, após cuidadosos estudos locais, foram realizadas modificações no projeto original, que obtém a aprovação oficial do governo. O jovem Joaquim Nogueira, aos 24 anos, já despontando como desenhista projetista é nomeado em 27 de agosto de 1890, desenhista da Comissão de Açudes de Quixadá. Então, a 15 de novembro de 1890 iniciam-se os trabalhos de construção da barragem, os quais só foram concluídos no ano de 1906, já então sob a direção do Engenheiro Bernardo Piquet Carneiro. Em Quixadá, também, foram os seus primeiros passos no magistério, quando em janeiro de 1897 fundou o Colégio de São Luís de Gonzaga e, em Baturité, o Ginásio Baturiteense no ano seguinte (STUDART, 1915).

A partir daí, o Joaquim Nogueira tocado pelo exercício do magistério se dedica inteiramente ao pensar e ao fazer a educação no Ceará. Assim, o menino Joaquim Nogueira se vai e nasce o mestre-escola.

3.3 - O Instituto de Humanidades: Arquitetura, Infraestrutura e práticas pedagógicas

Em 07 de janeiro de 1904, o mestre-escola fundou em Fortaleza, o Instituto de Humanidades e no dia 15 do mesmo mês inaugurou suas atividades escolares. A instituição funcionou, primeiramente, à Rua da Assembleia, nº33, e depois, à Rua Formosa, atual Barão do Rio Branco e mais tarde (1910), transferiu-se para a Rua Sena Madureira, nº113/113-A, onde permaneceu até o ano de 1914. (BINDÁ, 2008).

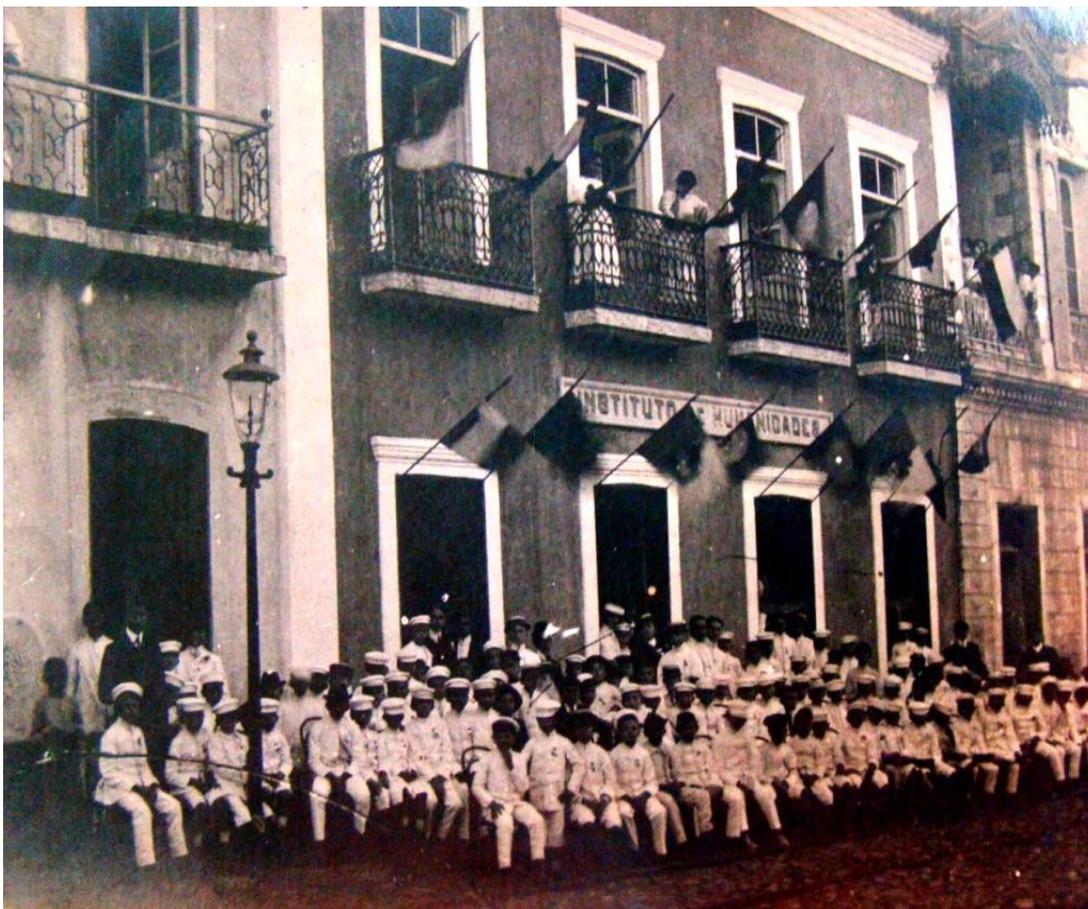


Imagem 9: : Instituto de Humanidades, sede localizada à rua da Assembleia no. 33, atual. Fotografia da festividade em comemoração ao lançamento da revista Ano Escolar, 1907. A fotografia revela o ideal republicano do Instituto de Humanidades, levar a escola para os espaços públicos. Na imagem, as crianças estão devidamente uniformizadas para a festividade. O corpo docente encontra-se nas portas do estabelecimento e o Prof. Joaquim Nogueira é figura central, em pé, rodeado por alunos. (Fonte: Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades- Arquivo Público do Estado do Ceará).

Joaquim Nogueira à frente do Instituto de Humanidades mostrou-se um educador criterioso e severo que acreditava na necessidade de um ambiente adequado para o desenvolvimento das atividades humanas. Desta forma, adquiriu um mobiliário e recursos pedagógicos que condiziam com o que almejava como educador, uma escola estruturada com o Método Intuitivo e Prático. Sua preocupação passava, também, pelo prédio escolar, por acreditar que tais locais abrigam diversas pessoas que buscam adquirir conhecimento e cultura. Portanto, a arquitetura e infraestrutura destes locais deveriam estar plenamente adequadas para a não somente acolhida do corpo escolar, como também deveria lhes dar a possibilidade de condições de aprendizagem.

O Instituto de Humanidades passou a se tornar apto a oferecer condições satisfatórias de infraestrutura para uma boa aplicação do método Intuitivo e

Prático ou Lição das Coisas adotado pelo Prof. Nogueira na instituição. O professor, não alheio ao que se propôs, não se intimidou e nem mediu esforços para adequar o seu Instituto aos melhores padrões de ensino de então. Assim, a instituição de ensino foi sofrendo as modificações pertinentes aos seus ideais republicanos, cujos direitos e deveres cívicos, além de disciplinas de base humanística, eram consideradas soluções para o crescimento moral e intelectual da sociedade (SOUZA, 1998).

A cidade de Fortaleza buscou melhores condições citadinas e vivenciou políticas de saúde e outras ações políticas ligadas às questões sociais. Intervenções urbanas foram realizadas com a intencionalidade de propor e impor determinados hábitos aos seus habitantes, como por exemplo, definir quais tipos de roupas as pessoas deveriam utilizar, preocupações que foram das ruas ao indivíduo, atividades que tinham como propósito o despertar da consciência sanitária do povo (PONTE, 1993).

Os colégios foram o foco dessas intervenções urbanas por se tratarem de estabelecimentos, que em sua maioria, apresentavam péssimas condições sanitárias. A escola, enquanto espaço para onde convergiam e se aglomeravam crianças e jovens, não possuía, naquele período, condições sanitárias, hoje conhecidas como básicas. O mesmo se reproduziu em quase todos os espaços públicos da Cidade. Este quadro foi propício à proliferação de moléstias, assim como era um meio distante do ideal para o desenvolvimento e articulação de novas ideias pedagógicas, que estavam sendo implementadas em outros lugares, no início do século XX.

Salvo sua preocupação com a ambiência escolar, o educador em sua tarefa de propiciar um ensino de qualidade e imortalizar suas práticas escolares para futuras gerações, registrou todas as atividades do seu Instituto a partir de vasta documentação e registros fotográficos.

Há muito tempo buscava-se um lugar ideal para se ministrar aulas. A necessidade de um lugar específico para esse fim sempre foi uma preocupação constante àqueles que pensavam e discutiam a Educação. Com Joaquim Nogueira e o seu Instituto de Humanidades, a teoria e a prática almejadas ao exercício do magistério tornou-se uma realidade.

Com o incremento dos estudos relacionados a essas práticas pedagógicas, houve a necessidade de se refletir sobre a arquitetura e

infraestrutura aplicadas aos fins educacionais. A consonância entre usuário-ambiente-função propiciou uma atmosfera física e educacional ideal para o bom andamento dos projetos pedagógicos. (BELTRAME; MOURA, 2009).

Nessa perspectiva, Jacques Le Goff abre a possibilidade de que fonte, para a história, pode ser qualquer tipo de documento existente, qualquer realidade que possa representar um testemunho, vestígio ou relíquia, não importando a linguagem. Seguindo essas novas abordagens é que os historiadores da Educação, investigando a história das instituições e a cultura escolar, passaram a considerar a arquitetura e a infraestrutura escolar como parte de seus interesses de pesquisa.

Assim, a edificação e a infraestrutura do Instituto de Humanidades, representou a veemência do ideal republicano de Educação no Ceará; e, além disso, do ponto vista emblemático, a modernização das práticas pedagógicas e um redimensionamento da cultura escolar numa Fortaleza que aspirava a modernização.

Com a exaltação da República, em 1891, o grande mote das discussões de intelectuais e políticos é a influência dos ideais franceses, idealizado pelo aperfeiçoamento da civilização pela educação. A criação de uma escola moderna, sinônimo de republicana, passa a estar vinculada à esperança de progresso nacional (OLIVEIRA; SALES, 2013).

As modificações históricas advindas junto às modificações políticas trouxeram consigo certa valorização da educação, em especial, com relação a escola e o professor em si, pois, deveriam sim haver, modificações urgentes nas edificações existentes, ou podemos dizer até inexistentes da perspectiva arquitetônica escolar.

Neste contexto, surgiram debates em torno não só da escolarização das crianças, mas da formação dos docentes, na defesa de uma maior preparação e apontamentos profissionais que desencadeassem reformulações no ensino normal e, por conseguinte, no ensino primário de modo geral (NAGLE, 2001).

As escolas não mais funcionariam, apenas, nas residências das professoras, como deveriam, cada vez mais, passar a funcionar em locais estruturados para o ensino, e as discussões sobre a sistematização pedagógica eram recorrentes entre os educadores do período.

Esta tomada de fôlego na educação local fez com que, em novembro de 1909, fosse fundada a Escola de Aprendizes Artífices do Ceará pelo Decreto de nº 7.649.

Inicialmente, instalada à rua da Praia, mais tarde, deslocada para imóvel localizado no entorno da Praça Marquês de Herval, atual praça José de Alencar. Posteriormente, se transformou na Escola Industrial de Fortaleza, depois em Escola Técnica Federal do Ceará, posteriormente em Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará e, atualmente em Instituto Federal de Educação Tecnológica do Ceará. (GIRÃO, 1959).

O uso de suportes pedagógicos como, globo terrestre e mapas, recursos didáticos bastante utilizados pelo Método Intuitivo e Prático foram objetos comuns utilizados por alunos e professores no Instituto de Humanidades e mais tarde, no Collegio Nogueira. Num tempo de grandes transformações políticas, sociais e culturais e com toda essa agitação premente no mundo e por aqui, a educação não poderia ficar inerte aos acontecimentos.

O século anterior, já prenunciou tais discussões educacionais e pedagógicas, como uma forma de adequar uma prática educacional que repensasse o tempo escolar e os espaços escolares e, facilitassem o bem-estar e a aprendizagem dos alunos, além de refletir sobre as disciplinas; as crianças não mais estariam agrupadas em qualquer lugar e os professores e os recursos pedagógicos, agora seriam criados e repensados como um estímulo à prática docente e ao aprendizado discente.

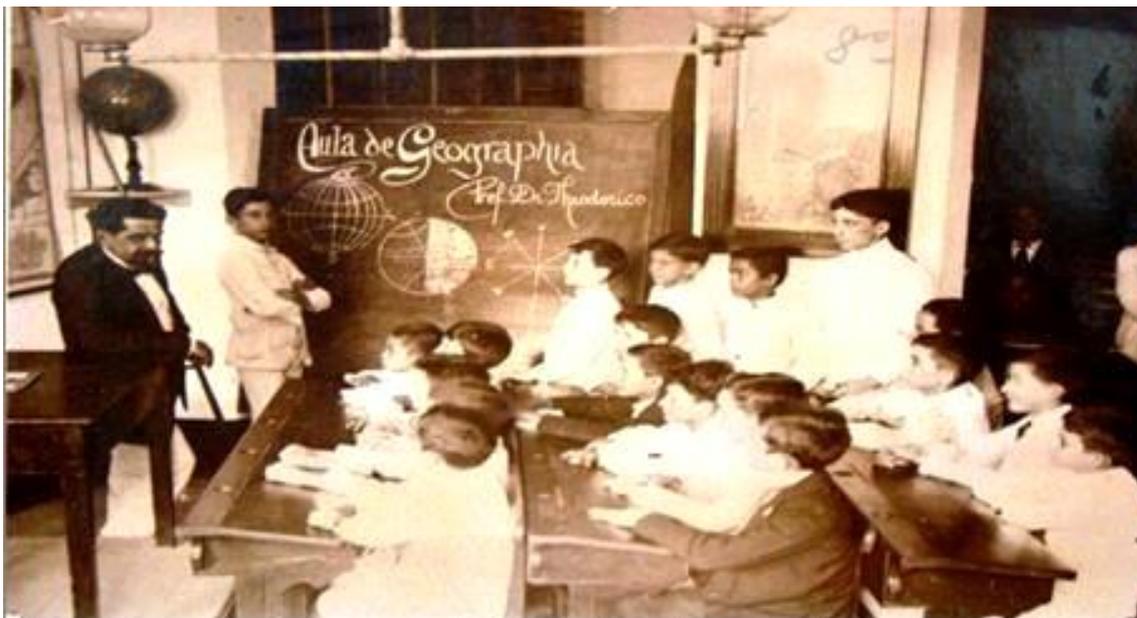


Imagem 10: Sala de aula do Instituto de Humanidades, aula de Geografia do Professor Theodorico da Costa, 1909. Retrato da sala de aula no Instituto de Humanidades. O mobiliário escolar e os recursos didáticos, tais como, globos terrestres, mapas, quadro a giz estão em consonância ao Método Prático e Intuitivo adotado pelo Instituto de Humanidades. Os alunos estão uniformizados e atentos ao Prof. Theodorico. O rapaz ao lado do professor é o assistente Pedro Pinto de Mendonça, sobrinho do Prof. Joaquim Nogueira. Fonte: Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades-Arquivo Público do Estado do Ceará.

O Prof. Joaquim Nogueira, ciente de sua responsabilidade como educador bebeu da fonte desses novos métodos através de viagens, da leitura e do intercâmbio com educadores do Brasil e do exterior através de correspondências, além de sua participação em instituições de estudo e pesquisas relacionadas à educação e as ciências em geral, como atesto em diversas certificações recebidas por ele. (Imagem 11).

É válido ressaltar que, na História da Educação Brasileira, quando se pensa em novos métodos e abordagens de vanguarda em relação ao ensino e à escola, o movimento da Escola Nova, implantado a partir de 1920, é o primeiro a ser pensado. Geralmente, a literatura da área apresenta este movimento como o que marcou a ruptura entre a Escola Tradicional (denominação dada pelos precursores da Escola Nova) e a Escola Nova, cuja Escola Tradicional era relacionada ao uso de métodos em que a memória e a repetição eram a base para a aprendizagem.

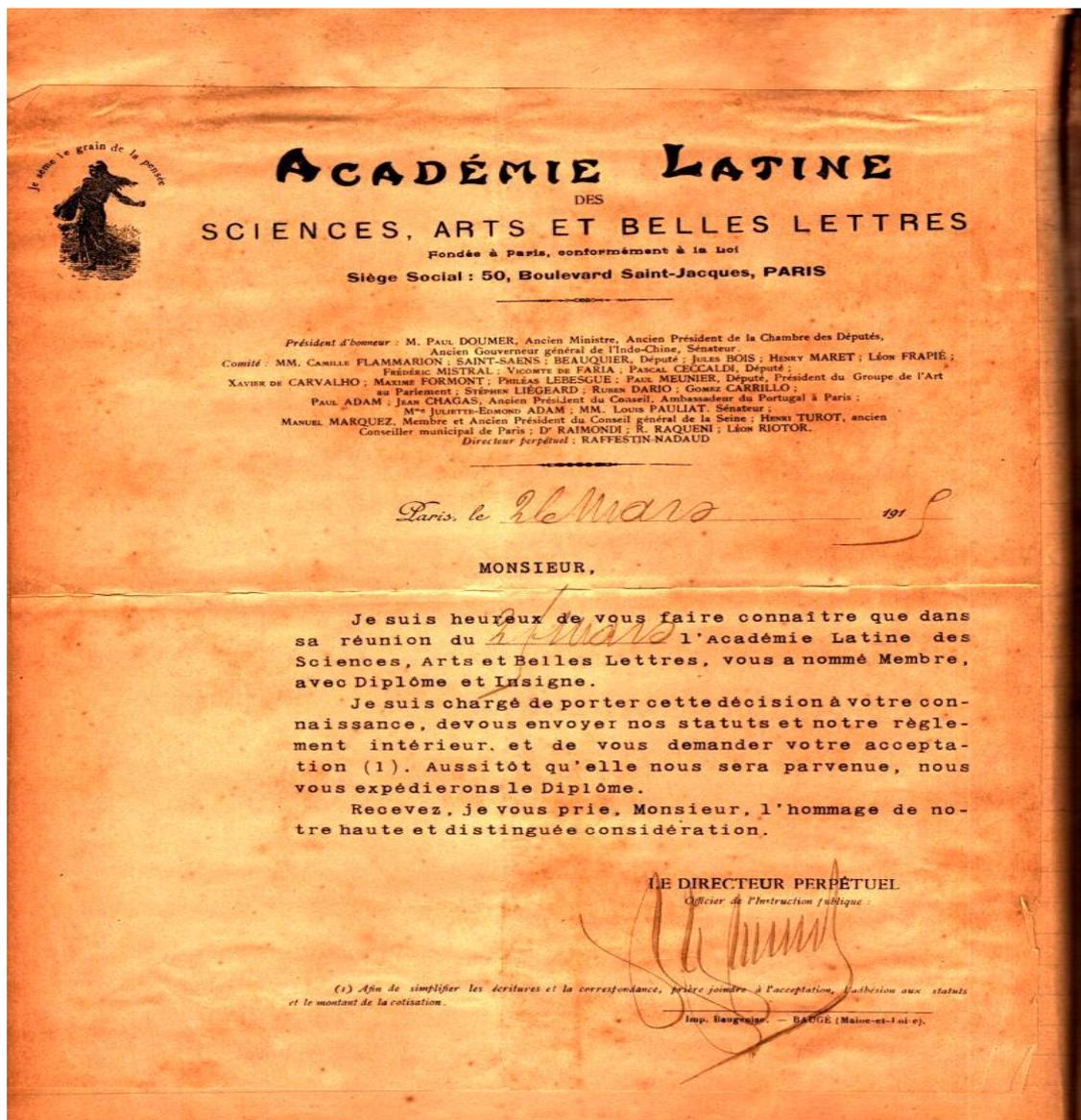


Imagem 11: Certificado de Joaquim Nogueira, como membro da Academie Latine des Sciences, Arts et Belles Lettres situada em Paris, 1919. Segue a tradução: " Paris, 21 de março de 1914. Senhor, Estou feliz em saber que vós estais desde o dia 21 de março, na Academia Latina de Ciências, Artes e Belas Letras, principalmente, que vós fostes nomeado membro , com diploma e insígnia . Trago essa decisão para o seu conhecimento, enviaremos o nosso status e nossas regras de procedimento, além de pedir a sua aceitação. Assim que ela chegar até nós , enviaremos o Diploma . Aceita, peço-lhe , Senhor, a honra e a nossa consideração." Fonte: Livro de Correspondências recebidas pelo Prof. Joaquim Nogueira- Arquivo Público do Estado do Ceará (Livre tradução).

Todavia, antes da Escola Nova, o método mais utilizado na Europa, chegou ao Brasil no final do século XIX, e tinha como objetivo a racionalização do ensino, fundamentando-se na ideia dos processos naturais. Quando este novo "pensar educacional" chegou ao Ceará, a partir das obras que aqui chegavam pelo Cais do Porto, como também pelo intercâmbio e

correspondências entre os educadores; os pedagogos locais, dentre eles, o Prof. Joaquim Nogueira, acreditaram que os novos métodos modificariam a ineficiência do ensino escolar, todavia, muito da sua ineficiência, também, estava relacionada aos diversos equívocos nas Reformas de Ensino e seus efeitos na educação, muitas delas polemizadas em números da Revista Escolar. A respeito desta temática, a “Revista Escolar” do Collegio Nogueira, de abril de 1926, traz uma polêmica entre o diretor do colégio, e o Sr. Rocha Vaz, Diretor Geral do Departamento Nacional de Ensino. Assim, inicia-se o texto da revista:

A malsinada reforma do ensino, opprimindo com rigor a juventude nacional, trouxe no bojo muita injustiça e iniquidade, pondo em revolta muitos espíritos no Brasil. Seus effeitos desastrosos, prejudiciaes à mocidade, fizeram explodir em todo o paiz o grito energico de protestos dos que se viam espezinhados. Em terras cearenses, como nas outras, tambem se viu assomar a iniquidade, mãos dadas à injustiça mais deplorável (NOGUEIRA, 1926, p. 01).

O Prof. Joaquim Nogueira, reflexivo e indignado com os rumos em que a educação deveria seguir a partir daquela Reforma de Ensino, e mais que isso, sobre a relação estreita entre a educação e o mercantilismo “proposta” pelo Estado esclareceu aos alunos e seus pais o que estava acontecendo. Assim, reproduziu na “Revista Escolar”, um texto já veiculado no jornal “O Ceará”, em que revelou todo o seu descontentamento e ponto de vista sobre a questão.

O texto está dividido em várias partes. São elas: “O Caso do Collegio Nogueira”; “Quanto paga cada alumno”; “A solicitação dos collegios particulares ao Sr. Rocha Vaz”; “O exame das provas no Rio” ; “A bica aberta pelo inspetor do ensino; O mercantilismo da instrução”. Sobre o “Caso do Collegio Nogueira” eis um trecho:

O diretor do Collegio Nogueira foi intimado, por telegrama de 8 de março, de ordem do Sr. Rocha Vaz, a recolher ao Banco Mercantil da Capital Federal, por via telegraphica e nota urgente, a avultada quantia de um conto setecentos e vinte e sete mil réis (1:727\$000), concernente à quota de inspecção e outras despesas nos exames de admissão de nove (9) alumnos, candidatos ao curso seriado. Aqui, porém, palpitou repugnante a indecência da reforma: no mesmo dia, o collegio sob a direcção do Dr. Menezes Pimentel recebeu ordem de recolher ao citado Banco, a importância de um conto oitocentos e dois mil réis (1:802\$000) relativa a 33 alumnos que se iam submeter a exames de admissão. E o Dr. Scylla Ribeiro, director do Collegio Castelo Branco, foi igualmente intimado a entrar com a quantia de um

conto oitocentos e quarenta e dois mil réis (1:842\$000), importância relativa às despesas com exames de admissão de 26 alunos. [...]

O princípio da equidade foi descumprido pelo Estado, ao diferenciar, de forma pouco criteriosa, as cobranças feitas pelo governo ao Collegio Nogueira e às demais escolas cearenses. Em parte do texto intitulada “Quanto paga cada aluno”, o Prof. Joaquim Nogueira apontou o custo, “na ponta do lápis”, por cada aluno na sua instituição e nos outros colégios citados:

No educandário do Dr. Menezes Pimentel, a importância de apenas 54\$600; no estabelecimento do Dr. Scylla Ribeiro cada examinado entraria com 70\$800; e no Collegio Nogueira, por uma determinação arbitrária que repulsa energica e indignada, cada aluno era forçado a arrancar da bolsa, numa atitude pacífica de cordeiro soffredor, a elevada quantia de 191\$000! (NOGUEIRA, 1926, p.02)

Sobre a “Solicitação dos collegios particulares ao Sr. Rocha Vaz” e o “Exame das Provas no Rio”, o Prof. Joaquim Nogueira esclareceu que os diretores dos colégios particulares Pimentel, Scylla e ele próprio, telegrafaram para o Rio de Janeiro, pedindo que o inspector de exames nos colégios fossem do próprio Ceará, como um Hermínio Barroso, um José Sombra, um Padre Rodolpho, pois a vinda de um inspetor do Rio de Janeiro sairia muito oneroso para os educandários cearenses. Os professores obtiveram uma resposta afirmativa do Departamento às suas reivindicações, todavia o acordo foi descumprido, o que causou uma profunda indignação dos educadores cearenses.

Após a decisão do Diretor Geral do Departamento Nacional de Ensino, o Prof. Nogueira, numa conduta honesta e sincera, instruiu os pais dos seus alunos a inscreverem seus filhos nos colégios de Scylla e Menezes Pimentel, não se dobrando a decisão arbitrária.

Voltemos ao Instituto de Humanidades.

O Instituto de Humanidades fundado em 1904 teve um rápido progresso e conseguiu se tornar referência escolar na cidade. Plácido Castelo o considerou o melhor educandário de Fortaleza no dado período. O mestre-escola Joaquim Nogueira com seu método revolucionou o ensino privado local, prendendo a

atenção do alunado das mais diversas maneiras aos deveres escolares. Castelo (1966. p.32), relembra, em discurso, como chegou ao Instituto de Humanidades:

Soubemos que no colégio particular do saudoso professor Joaquim Nogueira, precisava-se de um auxiliar. Não hesitei junto aos parentes: não voltarei, vou conseguir o lugar. A declaração foi recebida quase com hostilidade, ao mesmo tempo que se feriam os brios do moço. Procurei o professor Joaquim Nogueira, conversamos, acertei comparecer dia e hora. E o Diretor, após a aula que ministrava, convidou o jovem candidato a ocupar o posto. Pus em prática o que assimilei naquele momento: “que analogia há entre as palavras pão, mão, são? – Palavras monossilábicas. – Outra analogia? – ditongos nasais. E continuei: que analogia, entre as palavras: Fortaleza, Natal, Belém? – São substantivos próprios locativos. Outra analogia que não seja gramatical? – São capitais de Estado”. E assim, intercalando conhecimentos gerais, terminei a aula. Fui aceito, ganharia 25% do que pagavam os alunos. Mais de setenta mil réis, importância que me livrava de regressar ao sertão. Trabalhando, ensinando, concluí o curso, pedi permissão para viajar para Ouro Preto, queria ser engenheiro. Pela primeira vez, teimeei com meu pai, que me queria bacharel em Direito. Digo a primeira, a maior, a única malcriação, pois fui categórico: meu pai, não me formando em Ouro Preto, não me formarei em nada, não vive somente o homem formado. Mas o sonho do pai, nascido do amor ao filho, era insubstituível.

O corpo de professores do Instituto foi constituído por renomados nomes de grandes educadores cearenses afinados à pedagogia intuitiva da instituição, o que demonstrou mais uma vez o destaque da instituição no seu dado período de funcionamento. O quadro docente, algumas vezes foi modificado, com a permuta de um ou outro professor, o que não influenciou na qualidade do ensino e muito menos no compromisso com a instituição.

Em imagem do corpo docente de 1906, identificamos os seguintes professores: Pe. José Arimatéia Cisne, professor de Religião e Moral; José Carlos de Mattos Peixoto, com a disciplina de Línguas, para o curso secundário; Francisco de Assis Bezerra Filho, Aritmética, para o primeiro e segundo ano do curso secundário; Joaquim Fabrício de Barros, ministrando Álgebra, para o segundo ano do curso secundário; Joaquim Pimenta, Geografia, para o curso secundário, Aritmética e Geometria, para o curso médio e terceira classe do curso primário; José Lopes de Aguiar foi responsável pela disciplina de Civismo, tanto para o primeiro ano do curso secundário e Línguas, quanto para o curso médio, lecionando a disciplina de Matemática; José Carlos de Mattos Peixoto ministrou Línguas; Joaquim Pimenta, Geografia; Meira Filho, Pedro Pinto de

Mendonça e Moisés Leite eram auxiliares, na quarta classe e no internato; Custódio Meneleu de Pontes lecionou Música; e, Moisés Leite auxiliou no Internato.



Imagem 12: Fotografia em estúdio do Corpo docente do Instituto de Humanidades para o ano de 1906- O professor Joaquim Nogueira encontra-se no centro da fotografia, em pé. Os paletós, em tons escuros, revelam simbolicamente a sobriedade e a credibilidade do corpo docente. Na imagem encontram-se Pe. José Arimatéia Cisne, José Carlos de Mattos Peixoto, Francisco de Assis Bezerra Filho, Joaquim Fabrício de Barros, Joaquim Pimenta, José Lopes de Aguiar, José Carlos de Mattos Peixoto, Meira Filho, Pedro Pinto de Mendonça (assistente), Moisés Leite (assistente no Internato) . Fonte: Livro de Matrículas do Instituto de Humnidades-Arquivo Público do Estado do Ceará.

No ano escolar de 1907 fizeram parte do quadro docente: Boanerges Facó e José Lopes de Aguiar, auxiliares do curso médio; Odorico Castelo Branco lecionou a disciplina de Matemática; Padre José Arimatéia Cisne ensinou Religião e Moral; José Carlos de Mattos Peixoto ministrou Línguas; Joaquim Pimenta lecionou Geografia; Meira Filho auxiliou na quarta classe; Pedro Pinto

de Mendonça, cunhado do Prof. Nogueira, auxiliou no Internato; Custódio Meneleu de Pontes lecionou Música; e, Moisés Leite auxiliou no Internato.

E para a formação do ano de 1908, foram docentes: José Carlos de Mattos Peixoto, responsável pela disciplina de Português; Antonio Theodorico da Costa Filho lecionou Geografia; Francisco de Assis Bezerra de Menezes ministrou Civismo; Padre José de Arimatéia Cisne lecionou Religião e Moral; Henrique de Alencastro Autran ensinou Matemática e capitão Heráclio Hélio Lima aplicou Instrução Militar; José Silveira lecionou Francês; Custódio Meneleu de Pontes ensinou Música; Boanerges Facó, auxiliar da segunda classe do curso primário e Meira Filho auxiliar da segunda classe do curso primário.



Imagem 13: Corpo docente do Instituto de Humanidades, 1908 - Da esquerda para a direita, sentados: Dr. José. Peixoto, Theodorico da Costa Filho, Dr. Francisco de Assis Bezerra, Prof. Joaquim da Costa Nogueira, Pe. Cysne, Dr. Henrique Alencastro Autran e Maj. Heráclio Hélio Lima. Em pé: José Silveira, Custódio Meneleu de Pontes ;Boanerges Facó; Meira Filho. Fonte: Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades- Arquivo Público do Estado do Ceará.

A referida imagem que ilustra o corpo docente no Instituto, me faz refletir sobre os modelos republicanos que ali se apresentavam, onde o Humanismo, o Positivismo, os brasões da pátria e a fé coabitavam um mesmo espaço. Com a figura imponente dos professores, do clero, na figura do Pe. Cysne e da República, com o Maj. Heráclio Hélio Lima.

A intencionalidade na disposição das salas de aula, a preocupação do Prof. Joaquim Nogueira e do corpo docente no uso dos recursos pedagógicos e métodos propostos, e principalmente, na arquitetura de forma geral apresentada pela dada instituição, se aliou ao Método que se propôs aplicar, o Intuitivo ou Lição das Coisas.

O edifício escolar, assim como, a infraestrutura não foram, portanto, fruto do acaso ou do amadorismo, e sim resultado da evolução cultural da linguagem arquitetônica e suas necessidades. Desta forma, acabou por reverberar padrões, ideologias, funcionalidades, interesses, pois pensar a importância da arquitetura e da infraestrutura dos edifícios escolares é apreender sobre sua contribuição na prática educativa.

As relações entre arquitetura, história e educação brasileira, foram parte de um projeto de modernização que também estava sendo materializado na cidade de Fortaleza. Para os pensadores da educação, do período, tal projeto foi imprescindível para se desenvolver novas práticas pedagógicas e viabilizar uma nova sociedade para o país.

3.4 Diálogos com o Contraditório: O “velho” e o “novo” nas práticas pedagógicas de Joaquim Nogueira

“Ensinar não muito, mas ensinar bem, ensinar certo, levando o alunos por processos naturais e ensinamentos concretos, a formar um juízo perfeito do objecto e cada uma das disciplinas professadas na escola”. (NOGUEIRA, 1926).

Como precursor, em Fortaleza, do Método do Ensino Intuitivo ou Lição das Coisas no ensino privado, o mestre-escola em muitos momentos teve sua credibilidade de educador questionada, ao mesmo tempo, em que foi incensado por àqueles que entendiam e acompanhavam o progresso das teorias educacionais.

O Método Intuitivo e Prático ou Lição das Coisas foi inserido na escola brasileira, no final do século XIX, intencionando se opor ao Método Lancaster ou Monitoral. De acordo com a proposta lancasteriana, o professor ensinava a lição a um grupo de crianças mais “tarimbadas” e “inteligentes”. Então, essas crianças ficavam responsáveis por ensinar aos outros alunos, “os menos inteligentes”, que eram divididos em grupo. Desta maneira, um professor conseguia instruir um grande número de alunos, mesmo que indiretamente. À medida que a criança fosse progredindo, fazia parte do grupo que “auxiliava” o professor. O método, criado por Andrew Bell e Joseph Lancaster, teve o aval do Brasil Império, que objetivava diminuir as despesas com a instrução, facilitar o trabalho do professor e escolarizar as camadas populares (MANACORDA, 2004).

Já o Método intuitivo e Prático tinha diretrizes metodológicas bastante claras: a reflexão e a exposição de ideias por parte dos alunos. Para isso, o ensino deve partir da observação, da intuição, da experimentação. Os materiais didáticos também foram contemplados no método e foram difundidos em exposições mundiais, realizadas na segunda metade do século XIX. O método foi bastante difundido na Primeira República. (SAVIANI, 2007).

Johann Basedow, Fröebel, Pestalozzi e Herbart foram inspiração aos que simpatizavam com o Método Intuitivo e Prático. Basedow influenciado pelas ideias educacionais de Rousseau julgava de extrema relevância, os jogos, os trabalhos manuais e os exercícios físicos, visto que dava grande importância à saúde e à educação física. Em 1774 fundou uma escola e foi o primeiro a delimitar no programa educativo da escola primária, a atividade física, onde a ginástica e as disciplinas intelectuais eram igualmente relevantes na educação escolar (MARINHO, 1986).

Para Pestalozzi e Fröebel, a educação precisava ser baseada no respeito à natureza humana, às suas necessidades e interesses, e enfatizavam a importância do desenvolvimento da sensibilidade para se chegar à razão. Ambos defendiam um ensino baseado em métodos intuitivos, como também a necessidade, na escola, das diversas expressões artísticas, como o canto, poesia, desenho, pintura, escultura, que deveriam ser cultivadas nos alunos desde a mais tenra idade (LOUREIRO, 2003).

O antirromântico Johann Friedrich Herbart (1776-1841), empenhou-se em constituir a Pedagogia como ciência. O outro caráter de sua concepção

educativa relaciona-se ao profundo humanismo que a inspira. O objetivo de sua Pedagogia é de formar o homem com totalidade harmônica e responsável, mostrando a importância da educação moral. (CAMBI, 1993).

Os métodos da educação tiveram importância histórica pelas alterações que provocaram e pela influência exercida nas práticas educativas escolares, mesmo que tenham suscitado desconfianças, resistências e críticas entre os educadores ou mesmo entre a população. Acredito que qualquer que seja a “novidade”, o sentimento de estranhamento é o mesmo, mas que com o tempo acaba por ser mais bem aceita. Em Fortaleza, com tanta inovação no Instituto de Humanidades, não foi diferente. Em texto na imprensa local, o jornalista Murilo Mota trouxe à luz, as críticas enfrentadas por Joaquim Nogueira, como também, tratou do seu reconhecimento no exercício do magistério.

(...) não sou o primeiro a lembrar publicamente a glória de precursor de Prof. Nogueira. Num artigo a seu respeito, inserto no número quarto da “Educação Nova”, um dos mais respeitados pedagogos lhe conferia a certidão dessa preeminência de inovador dos processos escolares do Ceará. Mas quantos baldões, quantas ironias choveram sobre colégio! Uns acoimavam-no de maluco, de caduco e quejandas amabilidades. Sempre inalterável, consciente do valor dos seus métodos, o velho professor, não cedeu, no entanto uma linha do terreno a que traçara no amanhã carinhoso das inteligências infantis. E hoje, o órgão oficial da Escola Nova no Ceará dá-lhe o título de precursor deste método de ensino entre nós e diz textualmente: ‘Quando se escrever a história do Ensino no Ceará o velho e glorioso professor terá o seu lugar de honra’. (MOTA, 1993, s/p).

O Instituto de Humanidades, como outras instituições de ensino, acreditavam que a escola era o percurso certo a ser seguido pelas pessoas que almejavam ascender socialmente e suas práticas educacionais simbolizavam a ideologia da salvação do homem pela instrução, oriunda de uma concepção Humanista da Educação, além de uma visão bem próxima ao pensamento educacional de Émile Durkheim, que mesmo numa instituição de vanguarda, como foi o Instituto do Prof. Nogueira acabou sendo, também, uma referência às práticas na instituição.

O sociólogo foi um pensador do Século XIX, época de grandes contradições da humanidade; uma delas se devia ao fato de que, ao mesmo tempo em que o sistema agenciava pessoas para o trabalho, havia cinturões de miséria e pobreza. Mesmo vivendo tais contradições, pensando e refletindo

nesta ambiência, o autor de “Educação e Sociologia”, deixou grandes contribuições para se refletir sobre a Educação.

Durkheim situou a Educação no centro do processo de discussão, no final do século XIX, e segundo ele, era o elemento fundamental na construção da “harmonia” da sociedade moderna. Para o autor, no homem existe uma necessidade intrínseca em aprender e ensinar. Sendo assim, a educação produz os indivíduos para o mundo social, ganhando um sentido mais pragmático. Ainda no início do século XX, existia a crença que sem a educação o homem não ascenderia socialmente, isto é, a educação serviria como a salvação, sobretudo daqueles que nada (material) possuíam.

Este pensamento se refletiu no comportamento profissional de Joaquim Nogueira, pois a disciplina, a autoridade do professor, a moral e cívica foram importantes no seu fazer educacional, tanto no Instituto de Humanidades, quanto, mais tarde, no Collegio Nogueira. Todavia, para um melhor entendimento, julgo imprescindíveis essas palavras:

[...] pode-se perceber que a concepção de Durkheim sobre a autoridade do educador é vista como um requisito básico do mesmo. Que a autoridade nada tem de violento e compressor, muito pelo contrário, a autoridade é um aspecto legítimo e necessário para o sucesso do trabalho pedagógico. Nesse caso a autoridade não pode ser confundida com autoritarismo, pois na autoridade não pode haver orgulho, nem vaidade, nem pedanteria. Ela é feita do respeito que o educador tem por suas funções e responsabilidades. Na perspectiva durkheimiana, a autoridade não é mais do que um aspecto do dever e da razão. Através dela, o educando saberá que o dever é o dever e mais tarde encontrará nela os ditames da sua própria consciência. (SILVA; ARAÚJO; SILVA, 2013. p.2).

Para um melhor entendimento do seu pensamento, julgo necessário compreender o que Durkheim chama de fato social: acontecimentos humanos; as formas de sentir, agir e pensar de uma sociedade. Os indivíduos já nascem dentro de uma base familiar independente deles mesmos. Para crescer o indivíduo não renuncia a esses elementos. Sendo assim, a Educação é um fato social, pois pesa o fator moral e jurídico sobre ela.

O professor Joaquim Nogueira, atento a todas essas questões, incorporou as Humanidades Científicas no currículo escolar no Instituto de Humanidades e no Collegio Nogueira: “A leitura e a moral expressavam-se como aglutinadoras das demais noções a serem configuradas nas séries de disciplinas que

orientavam os estudos e o cotidiano escolar.” (SILVA, 2010, p. 33) Tal concepção de ensino, era típica dos moldes republicanos de educação, cujas leituras, horários de estudo, fardamentos, festividades, entoação dos hinos, eram organizados pela ótica da civilização ocidental moderna.

No cotidiano das aulas, o corpo discente do Instituto de Humanidades e mais tarde, do Collegio Nogueira eram estimulados a pensar sobre essa ótica da Moral e Cívica, baseada em textos ou exercícios sobre o assunto. No livro “Anno Escolar”, na sessão intitulada MORAL, ofereço como exemplo:

Tomai a resolução de trabalhar com ardor. Aquelle que, na sua mocidade não contráe o habito do trabalho, arrisca-se muitissimo a passar sua vida inteira na preguiça, pois o futuro depende muitas vezes dos primeiros annos. A ociosidade é ma mãe de todos os vicios. Noite e dia vossa mãe vela por vós. É ella quem, de noite, protege o vosso berço; é ainda ella que sorri ao vosso despertar; ella que, de dia, vos ensina a sabedoria, ella que pensa sempre em vós. Seja o vosso reconhecimento às suas bondades. Não existe ninguém mais vigilante que uma mãe.

O reconhecimento impõe-vos o dever de restituir aos vossos paes, na sua velhice, os cuidados que delles tiverdes recebido na vossa infancia. O amor filial ordena-vos fazer mais do que isso; pois nunca tereis para com os vosso paes tanta ternura em paga da que elles vos demonstraram. O reconhecimento é a lembrança do coração.

Vosso pae entra-se aos trabalhos mais penosos e expõe-se a todas as sortes de perigos para ganhar o pão que vos dá. Nos seus momentos de descanso elle brinca convosco para vos distrahir. Devei-lhes, pois, reconhecimento e amor. O amor filial é o primeiro dos deveres.

Gostai muito das casas onde cresceis sob as vistas dos vossos paes. Mais tarde, quando as necessidades da vida vos tiverem obrigado a afastar-vos della, este sentimento tornar-se-á mais profundo ainda. A lembrança da vossa meninice ligar-vos-á ainda mais a esse pedacinho de terra, para o qual vos sentirei sempre attrahidos. Como a pátria é querida por todos os corações bem formados. [...] (NOGUEIRA, 1925-26, p.26-27).

Em uma outra atividade com trinta questões, intitulada, “Definições”, na sessão de Cívica, os alunos são inquiridos a:

Em ordem alfabetica, pelo conceito que encerra cada definição, devem os alumnos formar um vocabulário, dizendo a palavra da qual se dá a definição: Acto pelo qual um chefe de Estado renuncia a sua autoridade? Fôrma de governo cujo chefe tem em suas mãos todos os poderes sem subordinação de especie alguma? Sentença ou resolução proferida por um corpo de juizes em tribunal superior? Direito de ser promovido a um cargo superior no mesmo quadro ou repartição? Acto pelo qual o Congresso transfere suas sessões para outro tempo? Auxílio pecuniário que tem os membros do Congresso para gastos de viagem e primeiro estabelecimento?

Estações de arrecadação de imposto de importação, de navegação, e quaesquer outros que se estabelecam e dependam de

lançamentos? Acto de clemencia practicado pelo poder soberano com o fim de impôr eterno esquecimento aos crimes políticos?
 Estado de inactividade do funcionario publico, concedida como premio do tempo de exercicio ou de bons serviços. Governo administrado por nobres, ricos e potentados? [...](NOGUEIRA, 1925-25, p.28-29)

Estes exercícos faziam com que os alunos internalizassem regras morais que tanto foram reivindicadas pelo ensino republicano. Para complementar todo o afã da Primeira República no Instituto de Humanidades, o educandário tinha o seu próprio hino, com poesia de Álvaro Bomílcar e melodia de Custódio Meneleu de Pontes, cantado pelo corpo docente e discente nas festividades da instituição. Segue a poesia:

Não de glória, enfunai vossas vélas
 Antes os almos clarões do Porvir...
 Neste tempo de flores tão bellas,
 Eia, pois, um degráo a subir.
 Há mais luz nestas aras singelas
 Do que em astros nos céos a luzir!
 Estribilho
 Vamos, hoje, encetar Nova Era,
 Para os manes, honrar dos avós,
 A vontade, os escolhos supera...
Sursum corda, eis o grito de heróes!
 Aspirar não é sonho ou chiméra:
 Pode a Pátria escutar vossa vóz.
 Si a Vontade e o Esforço à porfia
 Podem, magos, domar e vencer
 Viajoras, na treva erradia,
 Nossas almas a luz querem ver...
 Possam mestres, mentores, um dia,
 Nos mostrar os degráos do Saber!

Vamos, hoje, encetar Nova Era...
 Nossas lidas são flôres...o arguto,
 Que o segredo das flôres buscar,
 Pondo as rosas na luz...um minuto
 Há de ver é bastante sonhar
 Os triumphos reaes do Instituto
 E os laureis da Revista Escolar!

A poesia do hino do Instituto de Humanidades reforça a ideia de que a escola e o saber são os caminhos para a luz, para a concretização de sonhos. A retidão, a moral e cívica, propagadas pelo Instituto, constituíam, também, o seu ideal. Porém, aliado a ele o Método Prático e Intuitivo é quem ditou suas práticas pedagógicas. Como é possível que reflexões sobre educação tão distintas

coabitaram um mesmo espaço educacional? Para compreender esta possível contradição, Silva esclarece:

No enquadramento do sistema das mentalidades de longa duração, é possível encontrar reflexões sobre os aspectos controversos e estranhos dos discursos pedagógicos na modernidade e suas possíveis exequibilidades no Ceará, nas primeiras décadas do século XX. No plasma das temporalidades específicas, cruzadas é que atravessam culturas diversas, elementos conservadores fundem-se a mentalidades modernizantes e matizam práticas escolares que, embora contemporizando com especificidades supostamente progressivas, não se libertam dos ruídos arcaicos em que a imagem da infância é o espelho do outro (SILVA, 2010, p.41).

Convém assinalar que a autora citada, ao mesmo tempo em que, tem consciência daquilo que denomina de “fusão de mentalidades modernizantes com práticas arcaicas”; no caso da educação no Ceará, “imbricada aos modelos jesuíticos de carácter emulativo e pestalozziano do ensino intuitivo”, o que compreendo como fruto das próprias contradições do começo do século, a mesma autora aponta o intelectual cearense, sujeito ativo no contexto educacional cearense, como alguém que manifesta as incertezas da aplicação dos instrumentos de educação, alguém que titubeia entre a crença em técnicas e as características selvagens do receptor, cuja fenda se abre às dificuldades de organização das personalidades dos indivíduos, em ambientes escolares, na Modernidade.(SILVA, 2010).

Há de se saber que, as reflexões sobre Educação no Brasil de outrora, mesmo quantitativamente, eram muito tímidas, apesar de presentes nas rodas dos intelectuais cearenses. O que reflito e apreendo, contrário ao que foi apresentado por Silva, é a imagem de um educador consciente de suas práticas pedagógicas, mesmo que talvez contraditórias, como se percebe no texto intitulado, O Educador, do poeta simbolista cearense, Cabral de Alencar:

Digno dos maiores encomios é, pois, o Sr. Joaquim Nogueira, que, inspirado por um superior critério e admiravelmente compenetrado, do que deve ser a educação, instituiu entre nós um methodo de ensino racional e pratico cujos surprehendentes resultados muito o recommendam a todos que se interessam pelo destino de nossa mocidade. Consagrando-se a essa faina laboriosa e ardua devotadamente, trazendo para ella o denodo de um lutador e a firmesa dos que exercem um sacerdocio. (CABRAL ALENCAR, s/d, p.12)

O escritor e intelectual Cabral de Alencar ressaltou os resultados surpreendentes do Método Prático e Intuitivo ou Lição das Coisas como procedimento pedagógico do Prof. Nogueira. A jornalista, contista e memorialista Alba Valdez, em artigo para a Revista Escolar, intitulado “A Sempre Nova Questão do Ensino”, tratou dos grandes percalços por que passavam os professores no Brasil de então:

No Brasil, maxime no Ceará, o mestre primário, ou antes a mestra, é victima de quanta historia mal contada corre a respeito da instrução. A accusação generaliza-se, desde a Secretaria competente até aos paes que, para se livrarem das travessuras dos filhos, os remetem à aula.(...) O preceptor, pelo impulso dos acontecimentos, entala-se entre dois fogos accesos: o governo que o censura e o pae de família que não o gaba.(VALDEZ. 1921. p. 304).

E quanto ao Ensino Intuitivo e Prático declarou:

E fora de duvida que o ensino deve harmonizar-se com a natureza, com o meio ambiente. Por experiencias e exercicios de observação direta dos objectos e dos factos, a criança vae pouco a pouco habituando-se ao mister de raciocinar, analysar e criticar, desenvolvendo-se dest'arte seus sentidos e sua intelligencia que, norteadada, se internará victoriosa e perseverante nos largos dominios da verdadeira sciencia. Porque sciencia não abrange, apenas a aquisição de conhecimentos ministrados por um diagnostico e puramente literario. É mais alguma cousa: aquella em virtude da qual se aprende a viver qualquer que seja a especialidade das circumstancias que se apresentem (VALDEZ. 1921. p. 304).

A jornalista e professora, Alba Valdez, destacou a importância do método intuitivo e prático que foi construído a partir das observações da natureza, além da própria experiência particular de cada aluno. A educadora, também, não se eximiu em informar sobre os problemas pelos quais a educação brasileira passava.

Assim, tanto o Instituto de Humanidades, como o Collegio Nogueira ganharam notoriedade perante a sociedade cearense, por ter como lema: “ensinar não muito, mas ensinar bem, ensinar certo, levando o alumno por processos naturaes e ensinamentos concretos, a formar juízo perfeito do objecto de cada uma das disciplinas professadas na escola”. Sobre o procedimento pedagógico Saviani informa que:

Este procedimento pedagógico, conhecido como método intuitivo ou lição das coisas, foi concebido com o intuito de resolver o problema da ineficiência do ensino, diante da inadequação às exigências sociais decorrentes da revolução industrial que se processara entre o final do século XVIII e meados do século XIX; e , ao mesmo tempo , essa mesma revolução industrial viabilizou a produção de novos materiais didáticos como suporte físico de ensino. Esses materiais, difundidos nas exposições universais, realizadas na segunda metade do século XIX, com a participação de diversos países, entre eles o Brasil, compreendiam peças de mobiliário escolar, quadros negros parietais; caixas para ensino de cores e formas, quadros do reino vegetal, gravuras, objetos de madeira, cartas de cores para a instrução primária, aros, mapas, linhas, diagramas, caixas com pedras e metais, madeiras, louças e vidros, iluminação e aquecimento (SAVIANI, 2007, p. 138-139).

Os materiais que serviram como suporte físico ao novo método foram de uso constante nas instituições do Prof. Joaquim Nogueira, como algumas imagens das salas de aula sugerem. Ainda sobre as inovações presentes no Instituto de Humanidades e no Collegio Nogueira suscito o depoimento de um ex-aluno sobre as aulas de Português e de Matemática, em que foram usados livros e recursos didáticos, o “Anno Escolar” e o “Baralho Aritmético”, criações do próprio Joaquim Nogueira, que estiveram marcados na memória afetiva deste seu ex-aluno:

Aprendizagem de português, além dos sistemas rotineiros de leitura, interpretação e análise, se fazia de um modo muito prático, procura, no dicionário, pelos próprios alunos, das palavras que eles desconheciam, escrita, no quadro negro, dos vocábulos mais difíceis; redação de telegramas em papel oficial, etc. Na Aritmética, havia o baralho, em cujas cartas, começadas pelo número correspondente, os professores formulavam as mais variadas perguntas, as quais deviam ser respondidas com a maior rapidez possível. Adquiri presteza de cálculos mentais graças ao Baralho Aritmético, de que, infelizmente, não possuo mais nenhum exemplar, mas que posso reconstituir [...] (OLLIVEIRA, 1966, p.221-223).

A paixão pelo que fazia e o seu espírito inventivo foram uma constante no seu fazer pedagógico. No Collegio Nogueira, ele criou uma “organização bancária” fictícia a quem deu o nome de “Banco Escolar José Mendonça Nogueira”, em homenagem póstuma ao filho, assassinado na década anterior. No pagamento das mensalidades, os alunos recebiam um certo número de moedas escolares, em papel (chapas) ou em metal (medalhas), que variavam de valor de acordo com a época do pagamento da mensalidade da escola. Caso

fosse efetuada até o décimo dia de cada mês, o aluno recebia 150 chapas; se fosse do décimo primeiro dia ao vigésimo, este receberia 100 chapas; do vigésimo primeiro ao trigésimo dia, 50 chapas; e se fosse pago com atraso maior, nada receberia. Recebendo o máximo de moedas por mês, o aluno as movimentaria com folga, caso tirasse boas notas cotidianamente (OLLIVEIRA, 1966).

O mestre-escola planejou de tal forma o dinheiro escolar, que o aluno que obtivesse notas ruins entrava em colapso financeiro rapidamente, para isso, bastava tirar nota inferior a quatro todos os dias, pois ele teria de restituir ao “Banco”, cujo o gerente na classe era o professor, as chapas que faltassem para completar o 10. Assim, durante 25 dias, contando com os sábados que havia aulas, normalmente, ele iria para o chamado batalhão Antônio Mathias. Na gíria colegial da época,

Batalhão Antônio Mathias foi o “nome dado ao batalhão formado de alunos que não cumpriam os seus deveres faltando ao pagamento das multas escolares, por más lições de frequência, mau comportamento, falta de asseio e má conservação dos livros e cadernos. (NOGUEIRA, NOV.1925, p.19)

O Banco Escolar José Nogueira foi também uma instituição de fins caritativos, tendo contribuído, diversas vezes, para levar auxílio às sociedades no Ceará. O Collegio Nogueira realizava, todos os finais de ano, leilões, com objetos que eram fruto da arrecadação dos estudantes. Durante o ano de 1925, o “Banco” distribuiu, por ocasião do aniversário de nascimento e do falecimento de José Nogueira, as seguintes importâncias:

5 de maio
 Santa Casa de Misericórdia- 150\$000;
 Assistência à infância-150\$000;
 Escola Pio X- 100\$000;
 Escola Pio X- 100\$000
 28 de outubro
 Santa Casa de Misericórdia- 100\$000
 Assistência à Infância- 100\$000
 Escola Pio X- 100\$000
 Conferência de S. Luiz- 50\$000 (NOGUEIRA ,1925, p.25).

No último dia da semana realizavam-se as famosas sabinas, quando os alunos pagavam pelos corretivos dados pelos colegas. Dessa forma, o professor,

engenhosamente, evitava as colas. Caso o aluno devesse aos colegas e aos professores, tinham sua saída retardada, proporcionalmente à sua dívida com o Banco José Nogueira (OLLIVEIRA, 1966). Sobre as medalhas que serviram como moeda do Banco Escolar, no Collegio Nogueira, meu pai relembra:

Eu devia ter uns cinco ou seis anos (...) morava numa casa, que tinha dois andares, um bangalô que ficava na Rua Monsenhor Bruno, perto da praia, com minha mãe (Lirêda), meu pai, meus irmãos e com a Vovó Olívia, que foi morar conosco pouco tempo depois da morte do vovô (Prof. Joaquim Nogueira). Lembro-me perfeitamente, que nesta casa havia o que parecia um penico ou um vaso branco, grande, de ágata, não usado, cheio de medalhas, inclusive um pouco mofadas; que soube mais tarde que foram usadas nas escolas do vovô, mas eu não sabia ao certo para quê. Diziam que eram de prata e que mais tarde a mamãe havia derretido e mandado fazer talheres; mas eu acho que não eram não. Porque me lembro que brincava com elas e elas eram muito leves, hoje eu acho que pareciam feitas de alumínio. (INFORMAÇÃO VERBAL)³.

A memória do meu velho pai, com todo o seu teor afetivo, levou-me a vivenciar o seu passado, embarcando nos seus afetos, nas suas mais remotas lembranças e a uma compreensão histórica do momento, além de um entendimento sobre um tempo e sobre uma sociedade. Sua narrativa, sobre estes objetos em particular, as medalhas, puseram-me a pensar nas razões porque ainda existiam tantas medalhas, provavelmente em 1944, uma década após o fechamento do Collegio Nogueira. Será que os alunos premiados foram em número menor do que os previstos pelo professor? Ou foram compradas em excesso? Ao refletir sobre tais questionamentos, abro a possibilidade de que narrativas como essas, proporcionam diversas maneiras de interpretação.

3.5 Espiritualismo Eclético: Cores nacionais no Instituto de Humanidades

Para um melhor entendimento sobre as práticas educacionais do Prof. Joaquim Nogueira, creio ser oportuno refletir sobre a corrente filosófica chamada Espiritualismo Eclético ou Ecletismo, que tanto influenciou os intelectuais brasileiros, entre meados do século XIX e o começo do século XX.

³Informação fornecida por Francisco Alberto Nogueira Bezerra, conversa informal, em Fevereiro de 2015).

O Eclesiastismo foi a primeira escola de Filosofia desenvolvida no Brasil norteadora do pensamento brasileiro. Sua nomenclatura indica a conciliação, filosoficamente, entre o moderno e o antigo, a razão laica e a razão religiosa.

Originalmente, essa corrente surgiu na França com seus primeiros expoentes Victor Cousin e Maine de Biran. Tal corrente se opôs ao positivismo, ao materialismo e a qualquer espécie de monismo; ela se desenvolveu em círculos cristãos em geral, mesmo católicos, por isso foi também considerado um movimento espiritualista.

A Filosofia de Cousin tinha como característica o eclesiatismo espiritualista. Por espiritualismo compreende-se como a doutrina que pratique a Filosofia como análise interior da consciência, capaz de enfatizar as verdades incontestáveis, assim como, as boas causas políticas e religiosas. A análise da consciência ou espiritualidade, permite entender o mundo, a natureza e a história em seu caráter finalista ou providencial, pois, “além dos limites deste mundo, há um Deus”, que cria a humanidade e lhe dá um fim nobre e “não a abandonará no desenrolar misterioso de seu destino.” (COUSIN, 1853, apud, 2000, p.356). É importante ressaltar que a compreensão do mundo, da natureza e da história está ajustada à tradição teológica do cristianismo.

O Eclesiastismo, como primeira corrente filosófica configurada no país, a partir do Segundo Reinado, foi tomado como pressuposto filosófico por grande parte da inteligência brasileira, mostrando força, ao encantar intelectuais valorosos, no cenário intelectual e político brasileiro, que ao interpretarem a corrente, deram-lhe “cor nacional”.

Um dos espaços em que o espiritualismo eclético se fez presente foi nas escolas e nas práticas educacionais, com ideias avançadas e republicanas que apareceram no final do século XIX e começo do século XX. Assim, creio que a partir do conhecimento desta Corrente Filosófica, obtenho respostas às práticas educacionais no Instituto de Humanidades e a suposta contradição nas práticas educativas do Prof. Joaquim Nogueira, em que o considerado “antigo” e o “moderno” em termos educacionais, estariam presentes num mesmo contexto. Isto é, como as respostas às buscas humanas, não mais respondiam aos anseios dos intelectuais, naturalmente, houve a busca por algo novo. Para Barroso, o Espiritualismo Eclético não foi:

(...) mera cópia do ecletismo francês esta corrente procurava reunir em um bloco compacto, de teoria, as variantes doutrinárias já incorporadas à tradição cultural brasileira. Os pensadores desse momento desejavam, de alguma forma, conciliar os valores tradicionalistas, já enraizados, com o anseio de modernidade também presentes à época. Aludiam adotar os princípios liberais econômicos e político e ao, mesmo tempo, se esforçavam para conservar a unidade nacional. Empenhavam-se em, partindo da precariedade de condições, dotar o país de instituições modernizadas. A adoção do empirismo, liberal, clássico inglês levaria a necessidade da adoção de princípios políticos-econômicos rígidos a ele atrelado, contrários à tradição conservadora, ainda alimentada pelos moldes canônicos da igreja católica. (BARROSO, 2007. p.6).

Os intelectuais brasileiros, como o Prof. Joaquim Nogueira, viviam este momento de contradição. Da busca do novo e o apego às tradições. O pressuposto do positivista Durkheim representaria a tradição e Basedow, Pestalozzi, Froëber e Herbart, a inovação. O que me leva a pensar que, Joaquim Nogueira foi um homem do seu tempo; um educador em busca de uma prática pedagógica que não renegasse o passado e nem refutasse o futuro, pois ao mesmo tempo em que percebemos algumas das bases norteadores do pensamento durkheimiano, há visibilidade do gérmen da Escola Novista, que no espectro da educação, diverge do anterior.

Ainda sobre o Espiritualismo Eclético, Paim informa que,

A primeira corrente de filosofia rigorosamente estruturada após a Independência, o espiritualismo eclético, tinha todos os ingredientes para elaborar uma análise da Filosofia no Brasil e presumivelmente o fez, embora não tenhamos conseguido localizá-la. Preservaram-se, contudo, os indicadores essenciais da posição que guardavam em face da meditação nacional (PAIM, 1999, p.15).

Com a citação, Paim situa o pensamento predominante no início do século XX, auge das reflexões sobre Educação e confirma, sob o meu ponto de vista que, certamente, o Prof. Joaquim Nogueira estava entre os intelectuais que adotaram o Espiritualismo Eclético como forma de pensar e de viver.

Desta maneira, qualquer crítica valorativa à prática educacional de Joaquim Nogueira, precisa situá-lo no seu tempo para que não se atribua deméritos ao educador em função do seu ecletismo, para alguns, hoje, contraditória; e que não se incorra em anacronismo, como na informação de Silva ao afirmar que, sob a batuta do método intuitivo e prático, a prática da leitura, e as lições no Instituto de Humanidades deveriam ser pelas coisas, pela

comunicação oral, pelas narrativas de contos para envolver todos os sentidos das crianças. Cujo método deveria seduzir à criança a participar das atividades prazerosamente, o que não aconteceu na prática da leitura no Instituto, pois sua rotina da sala de aula recaía sobre as cartilhas. (SILVA, 2010).

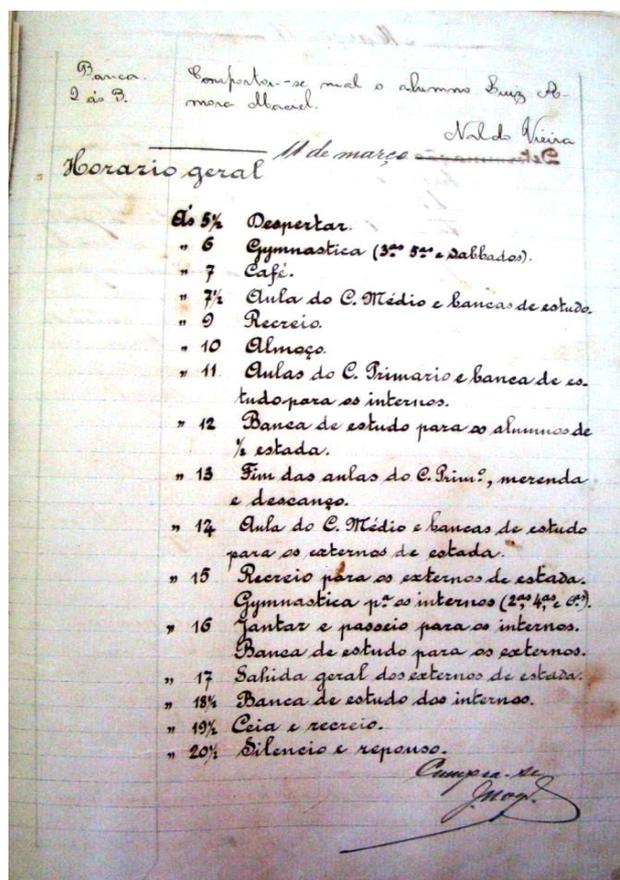


Imagem 14: Horário Geral dos alunos internos e externos do Instituto de Humanidades, 1908. Os alunos internos iniciavam suas atividades no Instituto às 05h30min e finalizavam às 20h30min, já os alunos externos finalizavam suas atividades às 17h. Fonte: Livro das Partes do Instituto de Humanidades-Arquivo Público do Estado do Ceará).

No Instituto de Humanidades ou como em qualquer outra instituição de ensino, nem sempre, a aquisição do conhecimento e mais propriamente da leitura é feita de forma sedutora. O processo de leitura e produção de texto é um processo árduo. Ainda segundo a autora, o ritual das premiações instituído pelo Prof. Joaquim Nogueira, prática rotineira e habitual, acabava por viabilizar a disputa entre alunos e turmas que davam funcionalidade à visibilidade da leitura, a segurança de que a leitura, além da moral seriam ferramentas imprescindíveis à ascensão social do indivíduo.

Aqueles que obtivessem êxito nas atividades propostas eram imortalizados, em fotografias, no Livro “Anno Escolar” e “Revista Escolar”, já os que não conseguiam atender as normas, “levavam pau” e eram punidos e faziam parte da “rabada da classe”. Na gíria escolar usada na instituição, “levar pau” significava ser marcado pelo professor por cada erro cometido e “rabada” era as últimas carteiras escolares localizadas no final da sala, constituída dos alunos mais atrasados (NOGUEIRA,1925).

Mesmo que, nas imagens de sucesso escolar imortalizadas pelo “Anno Escolar” e pela “Revista Escolar” não houvesse lugar para as divergências, os conflitos na esfera educacional estariam presentes, independente do seu tempo e do espaço pedagógico em que os atores se movimentariam.



Imagem 15: Retrato dos Conquistadores dos Prêmios do Curso Primário do Instituto de Humanidades, em 17 de julho de 1910. Fonte: Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades -Arquivo Público do Estado do Ceará.

No “Livro das Partes” e no livro “Vida Escolar” do Collegio Nogueira, noto que em algumas correspondências entre pais, alunos e professores há queixas de todas as partes: de pais pela atribuição de notas dadas aos seus filhos; de professores relativas aos alunos, pedido de pais para que o diretor assumisse a função da família e aplicasse castigos pelo mau desempenho dos filhos nas

atividades escolares, e outros que se queixavam do rigor, de alguns professores junto aos seus filhos. Toda essa movimentação, observada pelo diretor, que ao final dos textos, assinava-lhes dando ciência aos acontecimentos.

Ao deter-me a esses documentos, vi explicitado o quanto a educação não está isenta de conflitos e tensões de toda a ordem, e que tais conflitos configuram-se nos mesmos, atualmente, à medida que tratamos da sociedade de classe. Ontem, hoje e sempre.

3.6 - O educador e editor

Nos anos de 1920, a produção editorial brasileira encontrou campo fértil. Com a modernização das tipografias e do fomento da escola novista relativa à produção didática, as iniciativas editoriais foram muito bem vindas.

No Ceará, um grupo de autores e editores deram o pontapé inicial para a nova empreitada, dentre eles, destacou-se Rodolpho Theophilo, que nos finais do século XIX, produziu “Cienciasdas Naturais em Contos”, em que transformou conteúdos bastante complexos em texto literário. (SILVA, 2010).

Em São Paulo, o escritor Monteiro Lobato, comprou a briga dos produtores editoriais endereçando circular aos comerciantes de todo o Brasil, incentivando-os a vender livros em seus empreendimentos como outro produto qualquer. Abaixo a circular:

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será seu lucro. Quer vender também uma coisa chamada “livros”? V. S. não precisa inteirar -se do que essa coisa é. Trata - se de um artigo comercial como qualquer outro; batata, querosene ou bacalhau. É uma mercadoria que não precisa examinar nem saber se é boa nem vir a es ta escolher. O conteúdo não interessa a V., e sim ao seu cliente, o qual dele tomará conhecimento através das nossas explicações nos catálogos, prefácios etc. E como V. receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma nos propomos. Se vender os tais livros, terá uma comissão de 30p. c; se não vende -los, no-los devolverá pelo correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa (HALLEWELL, 1985, p.245).

Segundo o autor esta estratégia lhe rendeu uma rede de quase dois mil distribuidores em todo Brasil e a prosperidade nos seus negócios, o que o tornou um dos escritores mais lidos no século passado. (HALLEWELL, 1985)

Na educação, o ensino intuitivo defende o uso de livros para a educação de crianças e jovens, como meio de afastá-los da ignorância, além de ressaltar o seu papel de instrumento didático do professor. Assim, um circuito autoalimentado por educadores e editores para a infância no Ceará, nas três primeiras décadas do século XX, nutria as condições de produção do livro didático (SILVA, 2010)

Joaquim Nogueira presenteou seu filho, José Nogueira com uma máquina fotográfica afim de que ele registrasse o cotidiano do Instituto, salas de aula, sabatinas, além dos seus festejos. Mais tarde, a Typographia Escolar de propriedade do professor ficou sob a responsabilidade do filho. A gráfica compunha não só o patrimônio de Joaquim Nogueira e José Nogueira, como expressava também uma concepção de cultura que alia às possibilidades técnicas à educação.

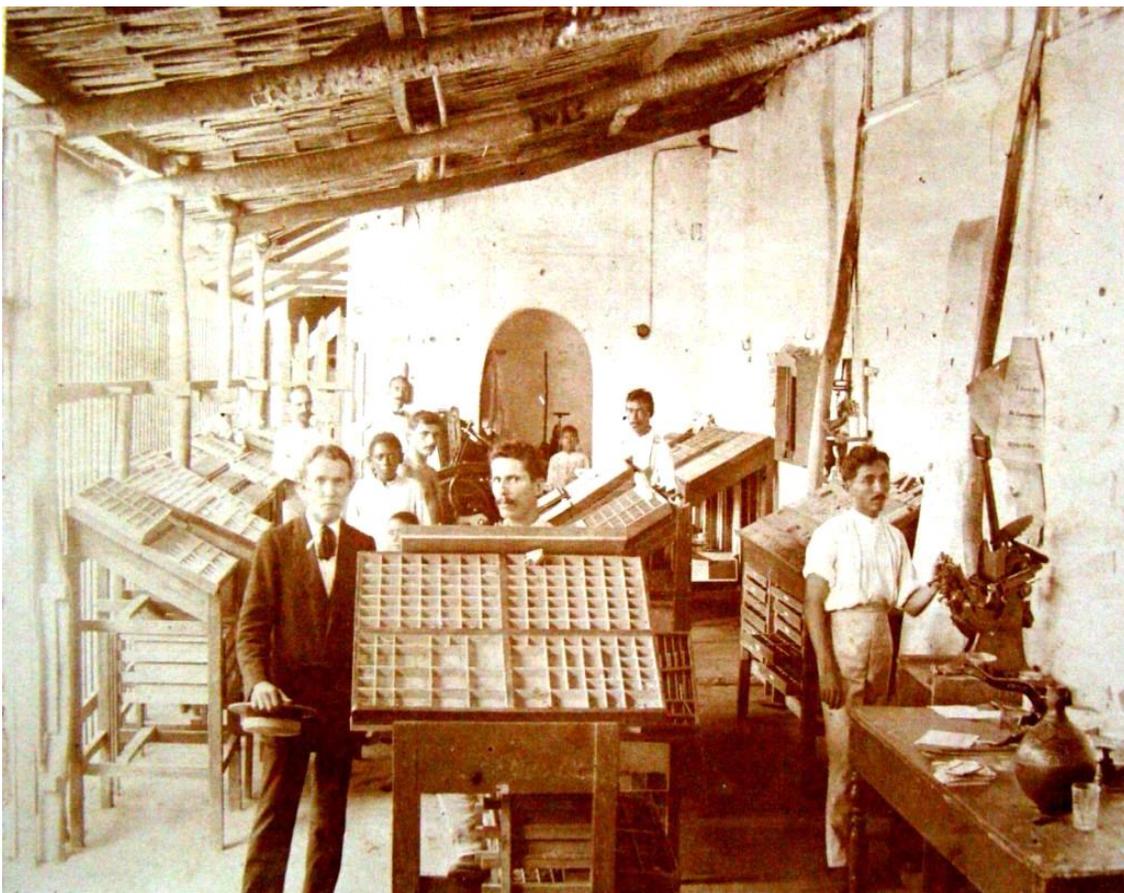


Imagem 16: Parte interna da Typographia Escolar, propriedade do Prof. Joaquim Nogueira e José Mendonça Nogueira. Na foto encontra-se a figura do gerente José Martins (de paletó escuro) e dos funcionários. O mobiliário é de madeira escura e o maquinário de ponta. Sobre a mesa há uma “quartinha” com água e um copo para as horas de sede dos funcionários. A Typographia do

Instituto de Humanidades funcionava ao lado do Instituto e produzia não só os livros usados pelos alunos na Instituição como diversos gêneros textuais no Ceará. Fonte: Acervo próprio.

Não só produzia os livros didáticos usados no Instituto de Humanidades, como, também outros gêneros literários. Sobre a oferta da máquina fotográfica, José Nogueira (1908, s/p), fez a seguinte anotação em seu caderno de registros:

Fui apresentado por papae de uma Machina Photographica, comprada na Pharmacia Pasteur, de Eduardo Bezerra, por 115\$. Neste mesmo dia apprendi a trabalhar, (...) duas vistas: A Estação Central e o Quartel do 9º Batalhão de Infantaria.

Essas edificações registradas por José Nogueira representavam uma Fortaleza em consonância com o progresso. A Estação Central era a via de acesso da produção da Serra de Baturité à Fortaleza.



Imagem 17: Uma das primeiras fotografias feitas, em 18 de junho de 1908, por José Mendonça Nogueira após ganhar do seu pai uma câmera fotográfica. A imagem é da Estrada de Ferro de Baturité. A iniciativa para a construção da estrada de ferro foi do Jornalista João Brígido. Situa-se ao norte da Praça do Senador Castro Carreira (Praça da Estação) Fonte: Caderno de anotações de José Nogueira- Arquivo Público do Estado do Ceará.

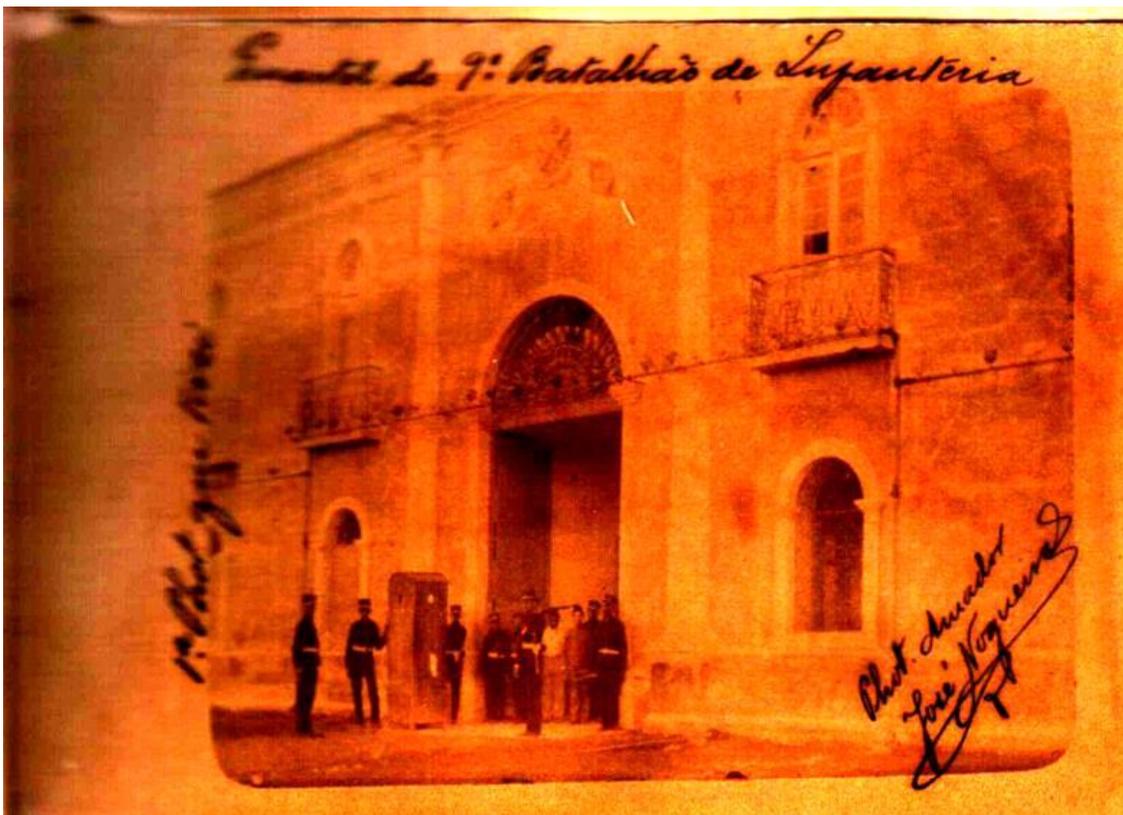


Imagem18: Fotografia do Quartel do 9º Batalhão de Infantaria, em Fortaleza, em 18 de junho de 1908, feita por José Nogueira, após ganhar uma câmara fotográfica do seu pai. O 9º Batalhão de Infantaria chegou à Fortaleza, em 28 de maio de 1907, sob o comando do Major João Emygdio Ramalho e em 27 de abril de 1909, partiu para o Paraná. Na fotografia, acima da assinatura de José Nogueira, ele se autodenomina “Phot. amador.”

Assim, com a parceria entre pai e filho, entre o educador e o editor, o diretor do Instituto de Humanidades e agora editor de livros; editorou, publicou, divulgou e comercializou livros para uso das atividades pedagógicas, se inserindo na rede de edições didáticas que circulava no Brasil.

Joaquim Nogueira e o seu filho apropriaram-se das tecnologias de ponta de então, em função do ideal da educação e levaram ao conhecimento da população, a importância do saber e da instrução, através da “mídia” impressa ou dos festejos em que a escola saía dos muros escolares.

Dentre suas obras mais visíveis destaco “Anno Escolar”, a “Revista Escolar”, a revista “Bric-à-Brac”, o “Jornal Bandeirante”, o “Anuário Cearense” para 1912, o livro “Lições e Progressões” de Primeiras Letras, o “Baralho Aritmético” e “Lições de Aritmética”. É também autor de vários textos publicados, em suas edições ou em periódicos.

3.6.1 Sobre o livro “Anno Escolar”

O livro “Anno Escolar” foi publicado em três edições, a primeira edição é de 1908, a segunda de 1910 e a terceira de 1921, esta última prefaciada pelo jurista Clóvis Beviláqua que segue abaixo:

UM BENEMERITO

Há vocações que assumem a forma e o alcance de verdadeiras missões sociais. A de Joaquim da Costa Nogueira é dessa categoria privilegiada.

Tem ele do ensino escolar uma concepção digna de aplausos, porque correspondendo à capacidade assimiladora dos meninos, estimula, nutre e orienta as inteligências, de modo a dar-lhes iniciativa, confiança, amplitude e penetração. Certamente o método não cria essas qualidades; mas aproveita-as, onde as encontra; descobre-as, onde se escondem; desenvolve-as, e, por assim dizer, transforma um mesquinho germen numa viçosa planta.

A par disso, possui elle um dom particular de comunicar-se com o espirito das crianças, que torna a aprendizagem para estas um encanto, pela doçura com que é ministrada, e uma satisfação dignificante, porque é a revelação do valor de cada uma, feita a si mesma, revelação que se acompanha da consciência progressivamente formada do que seja o mundo moral, em que o sentimento do dever é forma de affecto e estímulo de acção.

Acompanhei, com muita sympathia, a publicação da Revista Escolar, onde vi os espiritos dos educandos, guiado pela competência do professor, erguer-se, expandir-se, e realizar trabalhos superiores aos que se poderiam esperar delles, na idade em que se achavam. Apreciei no Anno Escolar a mesma orientação produzindo os mesmos resultados. E esses documentos me autorizam a fazer do benemerito professor o juizo que acabo de externar.

Rio, 28 de Janeiro de 1920.

Clovis Beviláqua (NOGUEIRA, 1921)

O reconhecimento público do Governo do Estado do Ceará, pelo seu trabalho de educador e produtor de livros didáticos se dá quase duas décadas após o início de suas atividades no magistério.

As duas primeiras edições do “Anno Escolar” são destinadas, exclusivamente, aos alunos e professores do Instituto de Humanidades e Colégio Nogueira foram confeccionadas na Typographia Escolar, de propriedade do mestre-escola e de seu filho, José Mendonça Nogueira. A última edição, adotada pelas escolas públicas e primárias do estado do Ceará, em decreto lei de No 1.682, de 30 de setembro de 1919, foi confeccionada pelos editores Leite Ribeiro e Maurillo na cidade do Rio de Janeiro, pois no ano de 1921, a

Typographia Escolar já não mais existia em Fortaleza, desde o advento da morte prematura de José Mendonça. O texto do decreto informava que,

O povo do Estado do Ceará, por seus representantes, decretou e eu promulgo a seguinte resolução:

Art. 1.o – Fica adoptado nas escolas públicas do Estado o livro denominado “Anno Escolar”, de autoria do professor Joaquim da Costa Nogueira.

Art.2.o- O Governo adquirirá, para distribuição gratuita pelas escolas primarias, 2.000 a 2.500 exemplares do referido livro.

Art. 3.o- Anualmente concederá o Governo a subvenção de quatro contos de reis como auxílio à publicação da Revista Escolar, do mesmo professor, que será paga em doze quotas iguaes.

(...)

Palácio da Presidencia do Ceará, em 30 de setembro de 1919.

João Thomé de Saboya e Silva.

J. Moreira da Rocha (CEARÁ, 1921, p. VII).

Tanto o “Anno Escolar” quanto a Revista Escolar subvencionados pelo governo são amparados pelo poder público e aclamados pelos educadores, intelectuais e população e o Prof. Joaquim Nogueira sente o gosto do reconhecimento pelo seu trabalho.

O “Anno Escolar” é dividido em duas partes. A primeira denominada “CIVISMO” contemplava: a) Ephemerides nacionaes, principais acontecimentos do Brasil - fundações, movimentos revolucionarios, phases de governo, desde o seu descobrimento até a época atual; b) Explicação das grandes datas que relembavam os grandes feitos e seus protagonistas; c) Hymnos e canticos patrioticos; d) Questionario sobre a Constituição Federal quanto às formas de governo e sua história; poderes da Nação; organização dos Estados, sua divisão e administração; qualidades, direitos e deveres dos cidadãos.

A segunda parte dedicada à “MORAL” compreendia a Literatura Escolar: a) Cousas Históricas - nomenclatura e descrição; b) Phrases Literarias - explicações; c) Reflexões Moraes, conselhos, maximas, proverbios; pequenos contos, anedotas infantis, etc; d) Preceitos de Civilidade applicados a differentes casos da vida social; e) Sabedoria - Enumeração de factos, cousas ou individualidades sobre Religião, Moral, Civismo, Historia Geral e Historia Patria, Geographia, Astronomia, Historia Natural, Philologia, Mathematica, etc; f) Jogos de Espírito - Grande numero de questões a serem propostas aos alumnos de differentes classes. (NOGUEIRA, 1921).

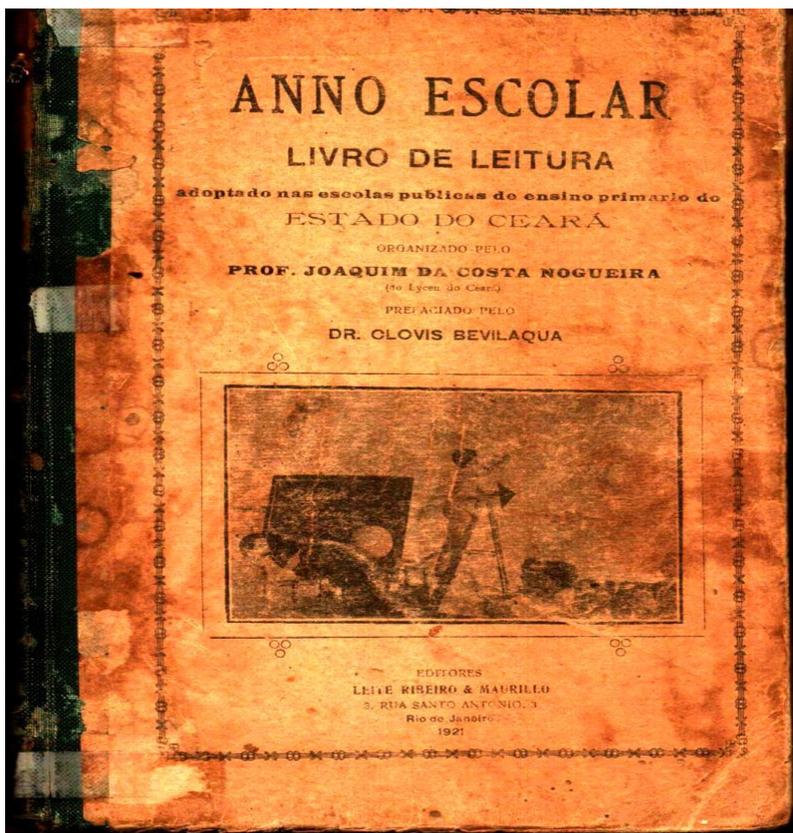


Imagem 19: Exemplar do Anno Escolar, 1921. Na capa da obra constam as informações de que o referido livro foi adotado pelas escolas de ensino primário públicas do estado do Ceará e prefaciado pelo Jurista Clóvis Beviláqua. Outra informação é a referência, abaixo do nome do Prof. Joaquim Nogueira, de que, naquele momento ele era docente do Liceu do Ceará, instituição de ensino de grande importância no cenário educacional do Ceará. A referida edição é da Editora Leite Ribeiro & Maurillo, localizada à Rua Santo Antônio, 123, no Rio de Janeiro. Fonte: Acervo Próprio.

O “Anno Escolar” de 1921, com 322 páginas, traz vários autores que contribuíram com gêneros textuais diversos. Na seção intitulada “Ceará Intelectual”, se destacam: Pe. Antonio Thomás, Juvenal Galeno, Dr. Pedro de Queiroz, Cel. João Brígido, Mario Linhares, Rodolpho Teophilo, Barão de Studart, Cruz Filho, Antonio Salles, Julio Maciel, Papi Junior, Andrade Furtado, Dr. José Lino, Campos Salles, Dr. Fernandes Távora, Irineo Filho, Antonio Bezerra, Beni Carvalho, Clovis Monteiro, João do Norte, Dr. Antonio Theodorico da Costa, José Albano, Mozart Monteiro, João Nogueira, Luiz Correia, Eusebio de Souza, Leonardo Motta, Gregoriano Cruz, Joakim (sic) Catunda, Alba Valdez, Antonio Drummond, Pe. Sylvano de Souza, Ferreira dos Santos, Julio C. Monteiro, Ephren Silva. O livro além dos textos, possuía fotografias dos seus respectivos colabores e vez por outra, algumas ilustrações referentes ao conteúdo apresentado. É perceptível o trabalho feito pelo professor Joaquim Nogueira na

sua organização, na busca de abranger uma grande quantidade de conteúdos, em que textos e exercícios são contemplados.

Sobre a compilação dos conteúdos Silva cita Anne Marie Chartier e Jean Hébrard que indicam quão redundante, difuso e estilhaçado são as edições instrutivas do início do século XX, que acabam por se constituir em livros enciclopédicos para a educação primária.

Este modelo de livro para o iniciante, livro único de conhecimentos úteis, essenciais e curiosos, não obedece a qualquer progressão ou organização aparentes. Nenhuma distinção de valor ou de método entre as “matérias” que entulham o sumário, numa lista que pareceria hoje (grifo nosso) um inadmissível quarto de despejo: deve-se saber de tudo, como no catecismo, da maneira mais escrupulosa e fiel possível. Este encadeamento de moral, higiene, viagens ou cerâmicas, que nos parece provir de um inventário dos Bórgia, não passa de uma apresentação muito corriqueira dos conhecimentos elementares. (NOGUEIRA, 1921).

A acumulação de conteúdos, propostas pelas edições enciclopédicas reflete a pedagogia vinculada à ideia da formação humana pelo acúmulo de saberes, típico das ciências positivistas, ao mesmo tempo em que dialoga com as ciências modernas. Na citação da pesquisadora, vale ressaltar que, a palavra “hoje” (explícita) faz um contraponto com o “ontem”, (implícito) ; um tempo em que a busca por práticas pedagógicas adequadas à realidade brasileira, acabava por permitir esses “encontros” considerados paradoxais para alguns pesquisadores atualmente; o que para mim soa como uma avaliação equivocada sob a luz (ou a falta de luz) do anacronismo.

3.6.2 Sobre a “Revista Escolar”

A Revista Escolar foi “a menina dos olhos” do Prof. Joaquim Nogueira. O periódico mensal editado a partir de 1904 finaliza as suas edições em 1926. As recorrentes práticas de leitura e de escrita no Instituto de Humanidades são expostas nas festividades escolares, além de serem publicadas na Revista Escolar. No periódico, também, são visíveis as fotografias do corpo docente e de alunos que se destacam nas atividades escolares.

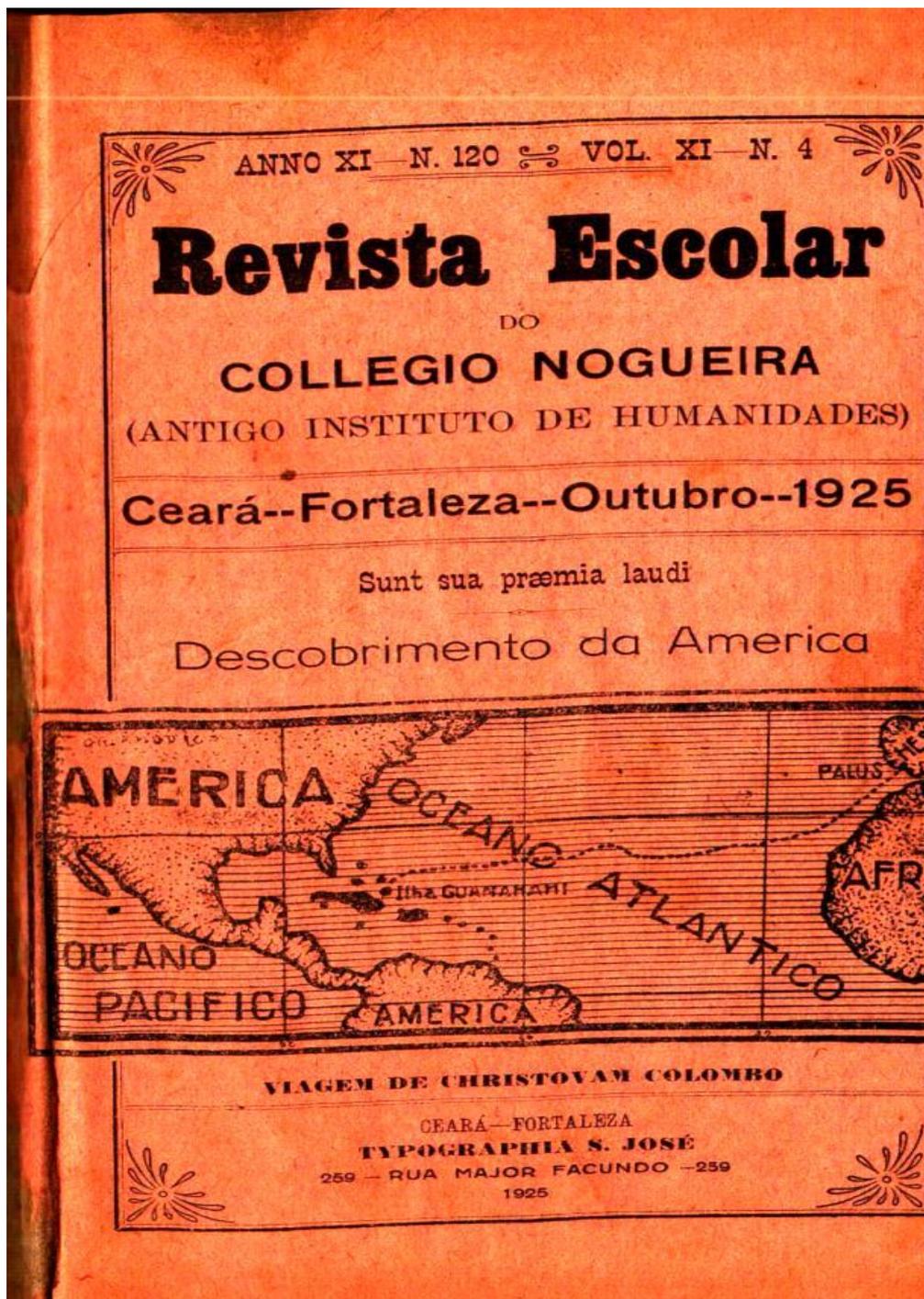


Imagem 20: Revista Escolar do Collegio Nogueira (2ª. fase), faz referência ao Antigo Instituto de Humanidades, informa implicitamente que as práticas consagradas pelo Instituto também se faziam presentes no Collegio Nogueira. Na capa desta edição o Descobrimento da América foi contemplado como tema central do número. A Typographia São José , localizada à Rua Major Facundo foi a responsável pela edição. Fonte: Acervo Próprio.

A revista constituiu-se no local de coroamento da pedagogia aplicada no Instituto, em que alunos e professores eram exibidos, seja na publicação de artigos, prêmios ou homenagens recebidas, como também, a partir de imagens.

Foi o instrumento em que unia o sucesso das práticas pedagógicas do Instituto de Humanidades e do Collegio Nogueira à vaidade de se fazer visível por méritos conquistados. Como exemplo, na “Revista Escolar” de 1926 foram agraciados, no mês de abril, os seguintes alunos:

No C. Médio.
 Portuguez- Benoit Bittencourt Barbosa- 6,6
 Francez- Bruno Vasconcellos do Carmo- 8,1
 Arithmetica- Jorge Salim Hissa- 7,8
 Geographia- Edison Carlos Cabral- 5,9
 No C. Primário
 4o. Anno-Alcir Sedrim Rocha Lima- 7,9
 3o. Anno-Otacílio Moésia Rolim- 7,4
 2o. Anno- 2a. Divisão- Vicente Moreira de Sousa-6,6
 1o. Anno- Francisco Fleix da Silva- 6,6
 Curso Infantil- Jorge Botelho- 6,5 (NOGUEIRA, 1926, p. 24).

3.6.3 Sobre o livreto “Ceará Intelectual”

O “Ceará Intelectual” , como o próprio nome sugere, é um enxerto do livro “Anno Escolar”, cujos textos, de diversos gêneros são de autores cearenses. Foi editado nos anos de 1908, 1910 e 1921. A obra inclui fatos, fenômenos, personalidades, inquietações, História, Sociologia, Antropologia, Geografia, cultura cearense adequada à educação básica primária. Tem em sua composição, noções sociológicas, antropológicas, estéticas, políticas e pedagógicas. Possui um caráter literário, apesar dos temas de perfil moralizador, civilizador e científico na construção da autoimagem cearense. A compilação de textos de autores cearenses, fez com que a intelectualidade local fosse conhecida e reconhecida pelos pequenos leitores e por outros intelectuais Brasil à fora. O “Ceará Intelectual” foi difundido na imprensa e provocou reações positivas de jornalistas, educadores e intelectuais do Brasil.

3.6.4 - Sobre o Anuário Cearense para 1912

O Anuário Cearense, de 1912, foi editado por José de Mendonça Nogueira. pela Typographia Escolar. O jovem editor, então com 21 anos, possuía não só uma capacidade de lidar com a fotografia, como também com o gênero de edições, que consistia em informações variadas, com perfil popular e para um público com interesse na formação e instrução. Na apresentação do Anuário, o

editor reafirma a necessidade de organizar um impresso marcado por dados e informações da cultura cearense, o que converge com as publicações no Brasil do início do século XX, que indicava uma necessidade de satisfazer um público ansioso por informações; o que levou o editor do Correio do Acre a afirmar que este material era “o melhor almanaque que já se publicou no Ceará”. (SILVA, 2010, p. 140-41).

4 “DIZES-ME COM QUEM TU ANDAS” : A TEIA DE SOCIABILIDADES DE JOAQUIM DA COSTA NOGUEIRA

Acompanhar as trajetórias pessoal e profissional do Prof. Joaquim Nogueira, acabou me levando a pensar sobre a sua trajetória social e quais os atores envolvidos neste seu percurso. A busca por esses personagens, configura-se em algo de extrema relevância na pesquisa, uma vez que somente assim foi possível entender como esse grupo de indivíduos atuaram de maneira considerável, numa Fortaleza nas três primeiras décadas do século XX, e qual lugar social, nos fios das teias de sociabilidade, estariam ligados ao meu biografado.

Muitos deles surgiram na história do Prof. Joaquim Nogueira como personagens recorrentes, outros nem tanto, apenas em alguns momentos de sua vida, significativos ou nem tanto. Todavia, todos foram relevantes ao entendimento do homem e do educador, de quais rodas sociais ele frequentava, com quais atores ele dialogava.

Algumas aproximações com esses atores aconteceram naturalmente por laços consanguíneos, apesar de que esses foram em sua minoria identificados e pouco serão contemplados na pesquisa, mas sobretudo àqueles por interesses profissionais, políticos e ideológicos, se mostraram significantes na inserção do Prof. Joaquim Nogueira no cenário educacional cearense e na sociedade fortalezense.

Assim, compreender o funcionamento dessas redes ajuda no entendimento da própria dinâmica da sociedade cearense e brasileira de então, pois a trajetória de Joaquim Nogueira, não será entendida em face às relações familiares e sim, em face às relações profissionais desenvolvidas no Ceará, e em tantas outras que ultrapassaram territórios. A rede de sociabilidades construída no viver pelo mestre-escola, representava uma elite econômica e intelectual num Ceará que aspirava modernidade; e estar inserido num contexto educacional era a própria representação da tão aspirada modernidade.

Examinei esse grupo de indivíduos, tamanha relevância na sociedade cearense de então, por se transformar na principal base de sustentação na construção de seu percurso. Compreendo também, que dentre esses nomes, alguns foram antagonistas do meu biografado, seja na esfera pessoal, político-ideológica e profissional, pois o contraditório, creio eu, também faz parte do viver e da própria construção do indivíduo, como pessoa e como profissional.

Ligados à sua Teia de Sociabilidades encontrei vários personagens que entranharam-se ora em sua vida pessoal, ora profissional, ou em ambas, a partir do que pude interpretar em fontes primárias que saltaram-me aos olhos; dentre elas, cartas pessoais endereçadas a ele ou à sua família, inquérito, testamentos, artigos de diversos jornais, revistas, livros, certificados, fotografias, dentre outras.

Em relação às correspondências três fontes exerceram fundamental importância na construção da sua teia pessoal. A primeira é o livro “Carta de pessoas amigas dirigidas a Joaquim Nogueira sobre a morte do seu filho José” ; a outra é “Apontamentos Biográficos do Professor Joaquim Nogueira Nascido em 28/12/1866 e falecido em 20/07/1935. A outra é o livro “Meu Filho” de Joaquim Nogueira em que narra a circunstâncias do assassinato do seu filho.

Sobre informações relativas ao seu exercício profissional, as fontes principais foram “Livro de Matrículas do Instituto de Humanidade”, “Livro das Partes”, o “Anno Escolar”, a “Revista Escolar”, além dos livros que usei para a construção de sua teia pessoal, já citados. Jornais, como o “Cearense”, “O Povo”, “A República” e outros, disponíveis no setor de microfilmagem da Biblioteca Menezes Pimentel, nortearam-me na construção de sua Teia de Sociabilidades.

Afora essas, as fontes iconográficas do meu arquivo pessoal, do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, do Arquivo Público do Estado do Ceará, do Arquivo Nirez, o “Livro de Anotações de José Nogueira” mostraram-se essenciais para a interpretação e entendimento do meu biografado no seu universo social.

4.1 Sobre as teias: Pessoal (TP), Profissional (Tpr) e Pessoal/Profissional (TPP)

Organizei os coadjuvantes de sua história em 3 teias: 1) Teia Pessoal (TP), em que há indícios de que os atores nela inseridos apresentaram-se a essa pesquisa como pessoas das relações pessoais de Joaquim Nogueira, observadas sobretudo, em correspondências direcionadas ao professor. O conteúdo e os elementos textuais foram significativos para esta compreensão; 2) Teia Profissional (Tpr) em que as personagens aqui inseridas saltaram-me, através das fontes, como oriundas de um relacionamento profissional com o

mestre-escola; 3) Teia Pessoal/Profissional (TPP) àqueles que tanto constavam como atores no seu universo pessoal, como profissional.

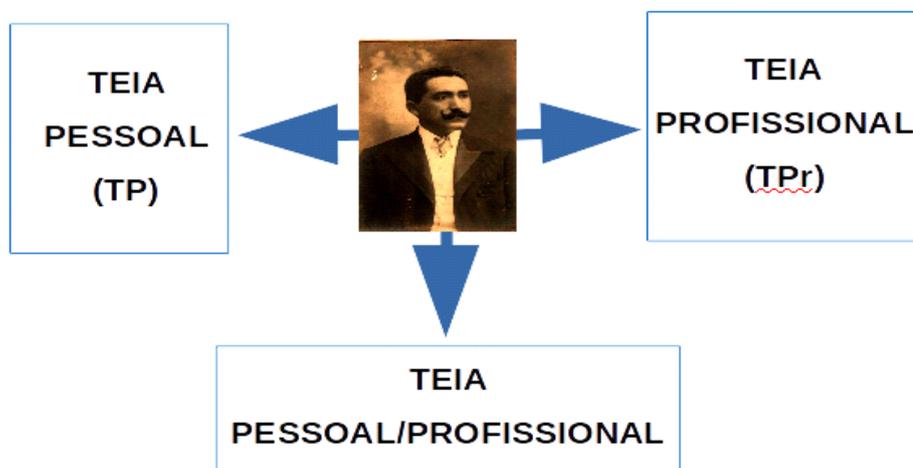


Imagem 21: Quadro com a divisão dos atores coadjuvantes na história do Prof. Nogueira- (Própria autoria)

Encontrei, tanto na TP quanto na TPr ou em ambas, sujeitos que emergiram na pesquisa em oposição, seja pessoal, profissional ou ideológica ao meu biografado. Estes serão identificados na pesquisa como “antagônicos”.

Saliento que, essas pessoas, por vezes, deslocaram-se de uma teia para outra, ou mesmo foram inseridas em ambas as teias, afinal as relações sociais são dinâmicas e modificam-se no próprio exercício do viver; contudo aqui estarão da maneira como se apresentaram através das fontes.

Como exemplo do trajeto de uma teia para outra cito o assassino de José Nogueira, Sixto Bivar, que fazia parte da Teia Pessoal de Joaquim Nogueira, por ser amigo da família e do próprio José, além da Teia Profissional, por ter se relacionado, também, profissionalmente com o Prof. Nogueira. Além disso, configura-se, a partir do seu gesto desvairado, como um personagem antagônico ao biografado.

Vale também enfatizar que muitos dos personagens, sobretudo os professores que fizeram parte das instituições de ensino, levou-me a imaginar que talvez fizessem parte de sua teia pessoal, sobretudo pelo convívio diário

com o Professor, porém não dei margem a suposições, apenas às leituras possíveis das fontes. Assim, muitos se apresentaram a mim por meio de documentos relacionados ao exercício da profissão e assim permaneceram na pesquisa.

Na união dos fios para a construção de sua teia de sociabilidades, foi necessário situar Joaquim Nogueira e os “coadjuvantes” de sua história em seu tempo e espaço, na busca de compreender o universo cultural e social do qual fizeram parte, pois os contatos individuais são assimilados “nos diferentes contextos sociais” (CERUTTI, 1998, p.189). Logo, uma breve biografia de cada um deles se fez necessário na estruturação do perfil de cada um, como forma de reforçar o universo social de cada um deles.

Para isso, vislumbrei também o diálogo com o historiador italiano Ginzburg e o seu modelo do “paradigma indiciário”, que introduziu uma nova forma de fazer História, com ênfase nos fenômenos marginais, intemporais ou negligenciáveis. Neste modelo há uma busca, por uma documentação diferente para a elucidação dos feitos históricos, dentre eles, documentos iconográficos, edifícios, medalhas, moedas, atas judiciais e processos inquisitoriais, que em geral, foram tratados com certo preconceito pelos historiadores mais tradicionais e que hoje, compõem fontes históricas de maior importância à historiografia.

Ginzburg defende que cabe ao historiador “captar e decifrar os indícios, à semelhança do que faz o médico, o detetive e outros ‘investigadores’ que só atingem o *geral* a partir de sinais particulares valendo-se da erudição e mesmo da intuição” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 227, grifo do autor).

Portanto, a partir dos fios soltos do passado, ora frágeis, ora fortes, ora inteiros ou quebradiços, encontrados nas diversas fontes que chegaram a mim, os analiso e os intersecciono nas direções possíveis, como forma de apreender e compreender a rede de sociabilidade do Prof. Joaquim Nogueira.

Os nomes desses atores, aqui mencionados, não foram escolhidos por mim, acredito que eles tenham me elegido, pois somente pude catalogá-los e buscar indícios sobre o percurso individual de cada um a partir do momento em que eles saltaram das fontes. Estão aqui dispostos em ordem alfabética e não em importância na história do Joaquim Nogueira, visto que todos foram relevantes em sua trajetória, de uma maneira ou de outra.

Neste processo, vali-me de obras sobre a História do Ceará, como: “Dicionário Biobibliográfico Cearense”, de revistas, “Revista do Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico do Ceará”, sítios da internet sobre a História do Ceará, como o “Portal da História do Ceará”, da “Academia Brasileira de Letras”, do “Arquivo Nirez” e diversos blogs particulares sobre as famílias cearenses.

4.2 Atores coadjuvantes na história de Joaquim Nogueira

4.2.1. Alba Valdez

Alba Valdez, pseudônimo de Maria Rodrigues Peixe, nasceu em S. Francisco de Uruburetama a 12 de Dezembro de 1874 e mudou-se para Fortaleza, em 1877, por motivo da grande seca, que expulsou sua família da Província. Fez seus estudos na Escola Normal em Março de 1886, diplomando-se em 1889, sendo depois nomeada para reger uma das cadeiras de ensino público em Fortaleza. Professora e intelectual atuante, fez parte do “Centro Litterario”, da “Bohemia Litteraria” e da “Iracema Litteraria”. Em Dezembro de 1901 publicou uma série de contos em livro sob o título “Em Sonho”. Em Março de 1906 seu 2.o livro com o título de “Dias de luz. Recordações da adolescencia”, pela Typographia Minerva de Assis Bezerra em 1907. (NIREZ, 2001). Foi colaboradora de vários Almanques, além de presença marcante no livro “Anno Escolar” do Instituto de Humanidades, do Prof. Joaquim Nogueira e autora de correspondências pessoais direcionadas ao professor e sua família. (TPP). São suas as palavras:

Aos amargurados paes de José Nogueira, agradeço profundamente a offerta de um exemplar desse sentidissimo livro “Meu filho”, lembrança que me entenece e captiva, na qual vem gravada inesquecível dedicatória.

Deus os ampare nesse viver de dolorosa saudades, proporcionando-lhes dias de menos negror e mais bonança.

Da patr. e pequena amiga,
Alba Valdez.

Fortaleza, agosto de 1915. (CEARÁ, 1915)

4.2.2. Adonias Filho

O jornalista e fundador da Academia de Letras do Ceará, Adonias Filho, encontra-se na pesquisa, em Teia Pessoal (TP). Endereçou correspondência ao casal Nogueira, também, por ocasião do falecimento de José Nogueira. Ei-la:

Ilustre amigo Prof. Nogueira,
 Recebi seu livro, cujo feitio é a expressão mais sincera e profunda de sua dor.
 Agradeço-lhe e renovo-lhe os meus protestos de sincero pesar.
 Adonias Filho.
 Fortaleza, 13 de agosto de 1915. (NOGUEIRA, 1915)

4.2.3. Alípio Ferreira Baltar

Alípio Ferreira Baltar foi o delegado de polícia, no inquérito do assassinato de José Nogueira. (CEARÁ, 1915). Ele quem advertiu José Nogueira, quando este avançou em Sixto Bivar, na Libro Papelaria, após o comerciante (Sixto) ter xingado o seu pai (Prof. Joaquim Nogueira) de “gatuno”, por uma suposta dívida na livraria.(TP)

4.2.4. Álvaro Bomílcar da Cunha

Álvaro Bomílcar da Cunha, autor da letra do Hino do Instituto de Humanidades, foi professor e sociólogo, além, de chefe da delegação do Tribunal de Contas do Estado, para o ano de 1928. (NIREZ, 2001). Dele saltaram-me fontes que o evidenciaram na esfera profissional de Joaquim Nogueira. (Tpr)

4.2.5. Amélia Pinto de Mendonça

Amélia Pinto de Mendonça, sogra de Joaquim Nogueira (TP), surge em telegrama, por ocasião do assassinato do neto, José Nogueira: Quincas e Olívia.

Que fatalidade pésa sobre vocês. Que desastrosa morte teve o meu querido netinho e afilhadinho!
 Deus os proteja e lhes dê resignação. Partilho de coração os seus sofrimentos e os abraço, saudosa.
 Amélia P. de Mendonça. (Rio)
 (NOGUEIRA, 1915, p.38)

4.2.6. Anna Facó

A jornalista e literata, Anna Facó, apresentou-se , na pesquisa, como amiga do professor Joaquim Nogueira, interpretação possível pelas cartas pessoais endereçadas a ele. Foi colaboradora do Anno Escolar, livro do Instituto de Humanidades e da Revista Escolar, com artigos e poesias. Cearense de Beberibe, nasceu a 10 de abril de 1855. Fixou-se em Fortaleza, onde abriu a Escola Anna Facó. Foi diretora do primeiro Grupo Escolar de Fortaleza. Como jornalista, publicou no “Jornal do Ceará” o folhetim “Rapto Jocos”, utilizando o pseudônimo de Nitio-Abá, a que se seguiu o romance “Nuvens”. Morreu em Fortaleza, 22 de junho de 1926. No livro póstumo “Poesia” (1937) foi reunida sua produção poética. Autora, também, de Comédias e Canções, igualmente publicado em 1937. (NIREZ, 2001) (TPP). Em resposta a um pedido do Prof. Joaquim Nogueira para que colaborasse com o Anno Escolar, a jornalista escreve:

Ilmo Sr. Nogueira,

Saudação afectuosa.

Desculpe-me não ter respondido mais cedo seu delicado postal, em que me diz não dispensar minha collaboração para o 2º tomo de seu precioso “Anno Escolar”. Para que não supponha descuido de minha parte, vou expor-lhe o que me obrigou a essa dilação. Recebi seu cartão à tarde, de que dia não me lembro. Li-o com um sorriso de satisfação, rendi-me logo ao seu gentil- Não posso dispensar-que muito me lisonjeou. Agradeço a honra que me faz, consciente embora não a merecer. E a prova de que não mereço é, que naquelle mesmo instante decidi escrever um contoquinho para o seu interessante livro; mas no momento de invental-o, “Oh caso grande, estranho e não cuidado.” Estranharam-se minha vontade e minha penna! Esta que alem de resentir-se de muita ferrugem, está encarnecida e como dizem as creanças, escarrapichada, negou-se à obediencia; aquella que se julgou soberana e não quer ceder o spectro, empertigou-se, bateu com o pé e bradou: Obedecerás! Quem manda sou eu!

[...]

Sua sincera admi.

Anna Facó
11-12-09 (CEARÁ, 1909)

4.2.7. Antonio Bezerra de Menezes

Antonio Bezerra de Menezes, escritor, abolicionista e um dos fundadores da Sociedade Cearense Libertadora, assim como, do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) foi docente do Instituto de Humanidades e colaborador nas sabatinas, festividades e publicações referentes ao Instituto. (NIREZ, 2002). Encontrei no Arquivo Público do Ceará, correspondência pessoal endereçada ao Prof. Nogueira, além de diversos textos no “Anno Escolar” e na “Revista Escolar”, dentre eles, “A Carnahuba e o Cearense”, parte do texto intitulado “Notas de Viagem ao Norte do Ceará”. (TPP). Eis um trecho:

As carnahubas espalhadas caprichosamente pelo meio das ruas me causavam agradabilíssima impressão.

Aquellas majestosas palmeiras, de folhagem robusta e verdejante, cujas frondes sacudidas pelas auras rumorejam ciciosas harmonias, contrastavam de modo esplendido com a brancura das casas que se emmolduram.

[...]

(NOGUEIRA, 1921 p. 35)

4.2.8. Antônio Drummond

Jornalista e diretor do jornal “Gazeta de Notícias” foi membro fundador da Academia de Letras do Ceará (NIREZ, 2001), além de um assíduo colaborador no Anno Escolar e na Revista Escolar, das instituições de ensino do meu biografado. Na pesquisa surge, também, como amigo pessoal de Joaquim Nogueira. (TPP) Sobre sua amizade com o professor, encontrei carta endereçada, ao mestre-escola, por ocasião da morte do seu filho José. Segue o texto:

Meu querido Joaquim Nogueira,

Logo que aqui circulou a notícia do infortúnio de José- telegrapei a José Luiz de Castro sollicitando os informes a respeito do horroroso acontecimento e, só no dia do telegrammo, tive, desgraçadamente, a certeza do brutesco assassinio; motivo que só tardiamente enderecei a v. a minha palavra de pesar. Reitero a v. e a D. Olívia a manifestação sincera do meu sentir pela dôr que os compunge e ha de eternamente compungir, dor que afigura intensissima nu'a alma vibratil e educada como a sua.

Aceite o desolado amigo o abraço consternadíssimo do seu *ex-corde*.

Itapipoca.

Antonio Drummond. (CEARÁ, 1914)

4.2.9. Antonio Salles

O poeta, romancista, jornalista, Antonio Salles, nasceu em Paracuru em 15 de junho de 1868 e as primeiras letras fez entre a terra natal e a cidade de Caucaia. Foi um dos fundadores do Centro Republicano, em 26 de julho de 1889 e um dos “padeiros” da agremiação literária, Padaria Espiritual. Pela estética naturalista publicou, em 1913, sua obra de maior destaque, “Aves de Arribação”. Inicialmente, a novela foi publicada em folhetins do Correio da Manhã (Rio de Janeiro) pelo período de cinco meses. Na cidade carioca participou de rodas intelectuais onde conviveu com personagens como Machado de Assis, do qual tornou-se amigo e ao lado desses intelectuais ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras. Além de atuar nos campos da literatura, foi também, funcionário público. (NIREZ, 2001). Surge na história do meu biografado, em textos para o “Anno Escolar” e “Revista Escolar” do Instituto de Humanidades e Collegio Nogueira, além de cartas pessoais endereçadas ao Prof. Nogueira. Numa delas, o escritor lamenta a perda irreparável de José Nogueira. (TPP). São suas as palavras:

Meu caro amigo,

[...]

Se pudesse haver um consolo para essa desgraça que fez de você e sua esposa dois infelizes chumbados para sempre aos grilhões da dôr, esse consolo seria a repercussão que teve a sua magua em todos os corações amigos ou apenas humanos e o horror causado pelo nefando attentado. Guardarei com carinho “Meu Filho” como uma recordação do bello e optimo rapaz, que eu prefereira não ter conhecido conhecido pessoalmente para que sua recordação não me evocasse essa forte e gentil figura que a fatalidade tão brutalmente arremessou no tumulto. Com um abraço cordial agradeço a sua offerta e beijo às mãos à sua digna esposa, a quem Alice envia um abraço.
Disponha aqui do amigo const. e obrº.

Antonio Salles

Rio, 07 de setembro de 1915
252, Rua Haddoch Lobo. (CEARÁ, 1915)

4.2.10. Antonio Theodorico da Costa Filho

O geógrafo Antonio Theodorico da Costa Filho, consta na pesquisa como amigo pessoal do professor Joaquim Nogueira e grande colaborador no Instituto de Humanidades, na disciplina de Geografia. Vários textos do professor foram publicados no Anno Escolar e na Revista Escolar. Encontrei-o em algumas fotografias, em sua residência, datadas em 15 de agosto de 1908, na passagem do seu aniversário, junto a vários convidados. (TP P).



Imagem 23: Fotografia feita por José Nogueira, na casa do Prof. Theodorico da Costa, por ocasião do aniversário do professor, em 15 de agosto de 1908, conforme informações do próprio José, na fotografia. Na primeira, ao centro, o aniversariante e alguns colaboradores do Instituto de Humanidades, dentre eles, identifico Andrade Furtado. (Fonte: Livro de Anotações de José Nogueira, p.13- Arquivo Público do Estado do Ceará.)

4.2.11. Padre Antonio Thomaz

O Padre Antonio Thomaz entrou na pesquisa como autor de versos e outros gêneros textuais no livro "Anno Escolar". O religioso nasceu em Acaraú, no ano de 1868, porém suas primeiras letras, latim e francês foram feitas em Sobral. Entra para o seminário de Fortaleza e se ordena em 1891. Por ter feito voto de pobreza, passou praticamente toda a sua vida em paróquias do interior, levando vida modesta, dedicado à missão, escrevendo versos e cuidando dos

passarinhos. (GIRÃO, 1959). (TPr) Sua poesia revela-se nesses versos, no “Anno Escolar” , em secção denominada “Ceará Intellectual”:

Contraste

Quando partimos no verdor dos annos,
Da vida pela estrada florescente,
As esperanças vão connosco à frente,
E vão ficando atraz os desenganos.
Ruído e cantando, celeres, ufanos
Vamos marchando descuidosamente;
Eis que chega a velhice, de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos.
Então, nós enxergamos claramente
Como a existência é rápida e fallaz,
E vemos que succede, exactamente,
O contrário dos tempos de rapaz:
Os desenganos vão connosco à frente
E as esperanças vão ficando atraz. (THOMAZ, 1921. p. 221)

4.2.12. Arthur Thiré

Professor do Ginásio Nacional-RJ e do Instituto Nacional Bernardo de Vasconcelos, no Rio de Janeiro, manteve contatos com o mestre-escola através de cartas endereçadas a ele. As que chegaram ao meu conhecimento possuíam conteúdo relacionados ao ofício do meu biografado ou em assuntos relacionados à educação, todavia não foi possível transcrevê-las pela sua ilegibilidade. Thiré foi professor do Ginásio carioca, lecionou na Escola de Minas, de Ouro Preto, na Escola Politécnica de São Paulo, atuou como diretor da Sociedade Minas de Ouro de Faria, além de ter ocupado a chefia do Centro Agrícola de Vargem Alegre, no Rio de Janeiro. Tornou-se catedrático do Instituto Nacional Bernardo de Vasconcelos e foi lente ainda do Ginásio Nacional, ou seja, do Colégio D. Pedro II. Suas obras publicadas foram “Aritmética dos Principiantes”, “Aritmética Ginásial”, “Álgebra Elementar”, “Rudimento de Ensino Científico”, “Lições de Corografia do Brasil”. Presença marcante no livro “Anno Escolar” do Instituto de Humanidades e “Revista Escolar”, com exercícios e textos didáticos para o aprendizado da matemática pelo corpo discente do Instituto. (BINDÁ, 2010, p.98)
(Tpr)

4.2.13. Ataliba Pires do Amaral

O educador paulista e político do Partido Constitucionalista é hoje nome de escola em Limeira, SP. Identifiquei carta de condolências direcionada ao Prof. Joaquim Nogueira por ocasião do falecimento de José Nogueira. Não foi possível sua transcrição pela má conservação em que se apresentava. (TP)

4.2.14. Barão de Studart

Barão de Studart ou Guilherme Chambly Studart nasceu em Fortaleza, no ano de 1856. Iniciou seus estudos no Ateneu Cearense, cursou o Ginásio Baiano e a Faculdade de Medicina da Bahia. Foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, com intensa produção intelectual, dentre elas: “Descrição do Município de Barbalha”, “O rio Ceará”, “Datas e fatos para história do Ceará”, “Achegas de Geografia do Ceará”, “Dicionário biobibliográfico cearense”(STUDART, 1980, p.284) . Localizei diversos textos de sua autoria no “Anno Escolar” e na “Revista Escolar” do Instituto de Humanidades. Foi assíduo colaborador das famosas “Sabatinas” do Instituto, participando das bancas do concurso. (BINDÁ, 2008) (Tpr).

4.2.15. Beni Carvalho

O professor e bacharel de Direito da Faculdade de Direito de Recife, Benedito Augusto Carvalho dos Santos, nasceu em 3 de janeiro de 1886, na cidade de Aracati, no Ceará. Foi professor da Faculdade de Direito do Ceará e catedrático do Colégio Militar do Ceará, transferindo-se mais tarde para o do Rio de Janeiro. No Exército, atingiu o posto de general. Foi vice-presidente do Ceará, Deputado Federal e Interventor Federal no Ceará para os anos de 1945 e 1946. Foi ainda membro do Conselho Nacional de Educação. Criminalista e filólogo. (NIREZ, 2002). Colaborador recorrente no “Anno Escolar”. (Tpr)

4.2.16. Boanerges de Queiroz Facó

Nasceu em Beberibe, na comarca de Cascavel, a 30 de Setembro de 1882. Começou os seus estudos em Beberibe, onde foi professor de português e 2.º Secretário do Gabinete Beberibense de Leitura. Em 1903, em vista de seu desejo de prosseguir nos estudos, teve um convite de sua tia Anna Facó que o acolheu em sua residência. Foi auxiliar do ensino médio, no Instituto de Humanidades, em 1908. Fez o curso de Humanidades exigido pela Academia em 4 anos, prestando exames, avulsamente, no Liceu do Ceará e bacharelou-se na Faculdade de Direito do Ceará a 25 de Novembro de 1911. Pertenceu ao corpo editorial e foi colaborador das revistas “Bohemia dos Novos” e “Bric-à-Brac”-, e do “Jornal do Domingo”, como também, dos jornais “A Republica”, “A Tesoura”, “O Guarany”. Fez parte do Grêmio Literário “Rocha Lima”, onde lia, aos domingos, os seus trabalhos literários: contos e discursos. Nos tempos acadêmicos fundou com Joaquim Pimenta e Adonias Lima “O Demolidor”. Colaborou no “Jornal do Ceará”, no “Unitario”, “na Revista Escolar” do Instituto de Humanidade e “Fortaleza”. Durante os seus cursos preparatório e jurídico lecionou humanidades em colégios e casas particulares. (STUDART, 1980). Auxiliar do Curso Médio no Instituto de Humanidades, no ano de 1908. Dele encontrei carta pessoal direcionada ao Prof. Joaquim Nogueira. (TPP) Eis a carta:

Baturité, 11 de agosto de 1915.
Meu caro Joaquim Nogueira

Tenho em mãos, lido e relido o seu sentido livro expressão sincera de ois corações amantíssimos, que chorarão, eternamente, uma grande desgraça, que os feriu de modo brusco e terribilissimo. Sou-lhe gratissimo à distinção dada ao meu pallido, o mais pallido escripto, mas em compensação pode ser dos mais sinceros.

Quanto ao talento, que amigo descobriu em seu suctor, não passa de bondade de seu coração de amigo.

Ao seu inteiro dispor, fico aguardando as suas ordens.

Boanerges Facó. (CEARÁ, 1915)

4.2.17. Cabral de Alencar

O médico e literata cearense de Baturité, Cabral de Alencar ou Abdhul Assur, da Padaria Espiritual, mostra-se na biografia de Joaquim Nogueira em artigos de jornal em que trata da trajetória profissional do Prof. Nogueira. Dentre esses artigos está “Um Educador”, datado em 19 de fevereiro de 1907. (Tpr)

4.2.18. Carneiro de Mendonça

O interventor do Estado do Ceará, Carneiro de Mendonça, nasceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 13 de dezembro de 1894. Na história de Joaquim Nogueira, apresenta-se em oposição ao meu biografado no seu contexto profissional. Foi ele quem “aposentou” Joaquim Nogueira, prematuramente, por que o mestre-escola suspeitou e abriu inquérito para descobrir quem havia falsificado a nota de um aluno, em sua caderneta de notas no Liceu do Ceará. Como os encarregados por Carneiro de Mendonça, não conseguiram confirmar o delito, o interventor resolveu punir o professor, aposentando-lhe prematuramente infração, sido auditoria sob a acusação do professor ter falsificado uma caderneta de notas, no Liceu do Ceará. (ESPÍNDOLA, 1966) (Tpr e Ant.)

4.2.19. Clóvis Beviláqua

O jurista e intelectual irrompe neste trabalho através de diversas cartas, de cunho pessoal e profissional, endereçadas ao Prof. Joaquim Nogueira e sua família. Afora isso, prefaciou o livro “Anno Escolar” para o ano de 1921, quando este livro foi adotado nas Escolas Públicas Primárias do Estado do Ceará. Sua trajetória reflete um do mais robustos intelectuais do seu tempo. Iniciou seus estudos em sua cidade natal, Viçosa, ingressando, em 1872, no Ateneu Cearense. Daí transferiu-se para o colégio oficial de Fortaleza, em 1875. No ano seguinte, com 17 anos, embarcou para o Rio de Janeiro, onde prosseguiu nos estudos frequentando o Externato Gaspar e o antigo Mosteiro de São Bento, concluindo os preparatórios juntamente com Paula Ney e Silva Jardim. Em 1878, embarcou para Recife, iniciando os estudos jurídicos na renomada Faculdade. Com Martins Júnior, começa a publicar o folheto Vigílias Literárias e, a seguir, o jornal A Idéia Nova. Ambos trabalharam no jornal República, nos folhetos Escalpelo, Estenógrafo e O crime de Vitória. Prestou concurso para professor de filosofia na Faculdade de Direito de Recife. Autor do Código Civil Brasileiro (Nirez, 2001)) (TPP). Do autor selecionei a seguinte correspondência:

Meu Benemérito,

Há vocações, que alicerçam a forma e o alcance de verdadeiras missões sociais. A de Joaquim da Costa Nogueira é dessas categorias privilegiadas.

Tem elle do ensino escolar essa concepção digna de applausos, porque correspondendo à capacidade assimiladora dos meninos, estimula, nutre e orienta as intelligencias, de modo a dar-lhes iniciativa, confiança, amplitude e penetração. Certamente o methodo não criou essas qualidades; mas aproveita-as, onde as encontra; descobre-as, onde se escondem; desenvolve-as, e, por assim dizer, transforma um mesquinho germen numa viçosa planta.

A par disso possui elle um dom particular de communicar-se com o espirito das creanças, que torna a aprendizagem para estas um encanto, pelo com que é ministrada, e uma satisfação dignificante, porque é a revelação do valor de cada uma, feita à si mesma, revelação que a acompanha da consciência, progressivamente formada, do que seja o mundo moral, em que o sentimento do dever é forma de affecto e estímulo de acção.

Acompanhei com muitaa publicação da Revista Escolar, ... o espirito dos educandos guiados pela competencia professor, erguer-se , expandir-se e realizar trabalhos superiores aos que poderiam expressar delles, na idade, em que se achavam. Apreciei, no Anno Escolar, a mesma orientação, produzindo os mesmos resultados. Esses documentos me autorizaram a fazer do benemérito professor o juízo, que acabo de externar.

Rio, 28 de janeiro de 1920.

Clóvis Bevilacqua.

(CEARÁ, 1920)

4.2.20. Cruz Filho

Encontrei o poeta Cruz Filho, diversas vezes, na história do Prof. Nogueira, em cartas pessoais direcionadas ao Prof. Joaquim Nogueira, em fotografia com José Mendonça Nogueira, filho do professor, além de textos no “Anno Escolar” e “Revista Escolar”, cujos sonetos eram a sua marca nas publicações. (TPP) . José da Cruz Filho nasceu em 16 de outubro de 1884, em Canindé e faleceu a 29 de agosto de 1974, antes de completar os seus 90 anos de idade. Autodidata, fez as suas primeiras letras numa escola de sua terra natal e foi professor da disciplina de Português e Literatura, no Liceu do Ceará, mesmo não tendo formação superior sua sólida formação humanística contribuiu para que o poeta

fosse considerado um dos melhores poetas de sua geração. (AZEVEDO, 1975).
Dele, transcrevo uma de suas contribuições para o Anno Escolar, de 1921:

A PARASITA,

Foi semente, a principio. O vento, acaso, uma dia,
Num vórtice, a conduz através do deserto
E, entre folhas e pó, a semente erradia
E anonyma, seguiu o seu destino incerto...
De alto jacarandá, que na floresta, abria,
Gigante, a fronde ao sol, de outros gigantes perto,
Pousou o humilde embryão entre a copa sombria
E, à sombra, emfim, grelou na rude côrcha inserta.

Grelou, cresceu alli- rendada trama implexa-
A ramagem se alonga, agora desce, enlaça
O tronco, às inflexões da fronde circumflexa.
Haure a seiva nutriz, sorve o rócio celeste
E, à luz do grande Sol, cheio de amor e graça,
A impudica nudez do annoso tronco veste...

(NOGUEIRA, 1921. p. 242).

4.2.21. Custódio Meneleu de Pontes

Custódio Meneleu de Pontes foi funcionário do Ministério da Fazenda, além de professor de Música no Instituto de Humanidades, sendo o autor da melodia do Hino do Instituto de Humanidades. (NIREZ, 2001) (Tpr).

4.2.22. Djacir Lima de Menezes

O intelectual e filósofo foi um dos principais colaboradores da Revista Escolar do Collegio Nogueira, são vários os artigos para a Revista, durante os anos de 1925 e 1926. (TPr) O colaborador nasceu no município de Maranguape, no Ceará, em 16 de outubro de 1907. Concluiu o antigo ginásial no Liceu do Ceará, em 1925. Iniciou o curso de Direito na Faculdade de Direito do Ceará e o concluiu, em 1930, na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. De volta ao estado natal, defendeu, em 1932, a tese de doutorado intitulada: “Kant e a Idéia do Direito”, tornando-se, a partir de então, professor catedrático da Faculdade de Direito do Ceará. Fundou, em 1938, a Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, sendo também o seu

primeiro diretor, e foi Inspetor Regional de Ensino e sócio efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. (NIREZ, 2002).

4.2.23. Eduardo Salgado

Eduardo Salgado, afamado clínico geral da cidade de Fortaleza e amigo da família Nogueira, surge na pesquisa como o anfitrião da festa, no Clube dos Diários, no fatídico 28 de outubro de 1914, dia e local onde José Nogueira foi assassinado. (NOGUEIRA, 1915). Encontra-se na Teia Pessoal de Joaquim Nogueira. (TP)

4.2.24. Ernesto Ramos de Medeiros

O comandante do 2º Corpo de Polícia do Estado, Ernesto Ramos de Medeiros, emerge na biografia de Joaquim Nogueira como uma das testemunhas da briga entre José Mendonça e Sixto Bivar, no final da manhã, do dia 28 de outubro 1914, nas proximidades do Café Java, que culminou com o assassinato de José Nogueira, horas mais tarde. (NOGUEIRA, 1915).(TP)

4.2.25. Euclides César

O professor Euclides César, em artigo para a imprensa local, intitulado “Florilégio”, de 27/08/1929, escreve um “kodak”, segundo ele próprio, do Prof. Joaquim Nogueira. No texto ele descreve o perfil do educador. O artigo encontra-se no livro “Apontamentos Biográficos Do Professor Joaquim da Costa Nogueira nascido em 28 de dezembro de 1866 e falecido em 20/07/1935.”, acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará. (Tpr).

4.2.26. Eusébio de Souza

Eusébio de Souza foi historiador e fundador da Revista do Município, em Fortaleza, no dia 13 de fevereiro de 1929. (NIREZ, 2001). Atribuídos a ele encontramos diversos textos no “Anno Escolar”. Dentre eles evoco “O Estado do Ceará e a sua Bandeira, publicado no “Anno Escolar” de 1921, em que trata

da falta de um dispositivo oficial para a criação da bandeira do Estado do Ceará (Tpr). Segue trecho do texto:

O Estado do Ceará e a sua bandeira

Não há dispositivo oficial estabelecendo a criação de uma bandeira para o Estado do Ceará.

Falta por demais sensível é a que se assignala e da qual são responsáveis os que, com o poder nas mãos, nada teem querido fazer em prol da effectividade dessa aspiração, não podendo o povo cearense dar vivo attestado do alto grão de sua educação civica, mostrando saber assim venerar, com justificavel orgulho, o symbolo augusto de seu berço nativo.

Nesse particular, não se acha o Ceará em relação inferior: se alguns estados da Republica possuem a respectiva bandeira, outras, ha, que o teem acompanhado nessa indecisão.

Pernambuco, por exemplo, o valoroso Leão do Norte, tão ennobrecido de feitos que dignificam os seus filhos, só há pouco tempo despertou desse esquecimento, tornando-se official a sua bandeira.

Tal acontecimento se deu após significativas festas do centenario da revolução de 1817, tendo resolvido o governo da lendaria terra de Nunes Machado a doptar a própria bandeira que servira, cem annos atraz, de lábaro aos cabecilhas do predito movimento revolucionario. O Ceará, até hoje, tem vivido de tentativas, de ligeiros ensaios possuindo apenas simulacro de bandeira.

[...]

Fortaleza, Novembro de 1919.

Eusébio de Souza- Do Instituto do Ceará.

(SOUZA, 1921,p. 296)

4.2.27. Faustino Nascimento

O literato, magistrado e político, Faustino Nascimento foi presença recorrente nos textos da Revista Escolar do Collegio Nogueira para os anos de 1925-1926. O magistrado nasceu em dezembro de 1901, em Missão Velha/ Ce, cursou humanidades no Liceu do Ceará, de 1918 a 1920. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, cursando de 1921 a 1925. Fundou em Fortaleza, quando acadêmico, a revista de letras, artes e história “Argos”. Em 1929 defendeu tese para professor catedrático de Cosmografia do Liceu Cearense, tendo sido classificado em 1º lugar, sendo nomeado para o cargo, em maio de 1934, porém no fim do mesmo ano a disciplina foi extinta, assim, transferiu-se, para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Magistratura do Distrito Federal. Em 1938, foi nomeado Sub-Pretor do Juízo da 7ª Pretória Criminal. Chegou ao cargo de Desembargador na capital fluminense. Faleceu em 1980, na capital

fluminense”. (Tpr) Sobre o ensino da História e a Reforma do Ensino, o autor dissecou os defeitos e consequências e assume o seu ponto de vista, em artigo publicado na Revista Escolar:

Não somos intransigentes ao ponto de negarmos a necessidade de reformar as leis- seja uma simples lei sobre o ensino, ou uma constituição política. No correr da vida de um povo verificam-se constantemente grandes transformações: surgem novas necessidades, aparecem problemas novos, alguns até demasiados complexos, que requerem soluções promptas. O legislador, portanto, prescrutando, conscientemente, essas necessidades do povo a que serve, tem obrigação mesmo de decretar medidas necessárias para remediá-las: cria leis novas ou reforma as já existentes.

Somos, portanto, apologista das reformas, mas somente das reformas liberais. Não aplaudimos, pois, antes temos motivos para fortemente verberar as reformas que não se justificam senão pelo simples prazer de reformar, ou, o que vem a ser ainda pior, a reforma que, por ignorância ou má-fé dos reformadores, não põe o remédio às necessidades novas da nação, antes as tornam mais complexas.

Está, certamente, neste caso, a última reforma de ensino, que, de novo e tantas vezes refundida, ainda não satisfaz as exigências do povo. Os próprios reformadores não têm bem entendido o que querem com os novos dispositivos, cheios de incoerências e absurdos.

Entre outros dispositivos decretou a famigerada lei que o ensino da História Universal devia ser ministrado no 1º e 2º anos dos cinco do curso gymnasial. Muito mais lógicos andaram os legisladores precedentes, determinando se fizesse aquele estudo no 4º ano. Aliás, os orientadores da reforma, compreendendo o absurdo da lei, que não se inspira na lógica nem nos princípios da pedagogia, resolveram, depois das primeiras e frustradas experiências, transferir o ensino da História Universal para o 2º e 3º anos do curso seriado.

[...]

(NASCIMENTO, 1926, p.5)

4.3.28. Francisca Clotilde

A professora, jornalista e poetisa, Francisca Clotilde, era grande amiga da família de Joaquim Nogueira, mostrando uma especial afeição ao José Nogueira. Consta na história do Ceará como uma abolicionista das mais fervorosas. Do sertão dos Inhamuns se mudou para a Serra do Baturité e de lá, passou a estudar em Fortaleza, no Colégio da Imaculada Conceição, de onde saiu apta ao magistério. Fundou em 15 de janeiro de 1891, o Externato Santa Clotilde. (NIREZ, 2001). Dela encontramos diversas cartas pessoais endereçadas ao Prof. Nogueira e D. Olívia, em que revela intimidade com a família Nogueira. A correspondência aqui apresentada revela a sua indignação perante à absolvição do assassino de José. Diversos textos de sua autoria foram

publicados no Anno Escolar e na Revista Escolar. (TPP) Segue carta direcionada ao Prof. Nogueira, datada no dia em que José aniversariava, o que lhe causou saudades do amigo :

Aracaty, 05 de maio de 1915.

Illm°. Sr. Nogueira

O dia de hoje despertou-me tantas recordações de José que me resolvi endereçar-lhes algumas linhas.

Não tenho palavras para consolal-o. Só Deus pôde derramar em sua alma um conforto, um lenitivo.

Passam-se os dias, passam-se as horas; mas as recordações amargas persistem e quem poderá esquecel-as?

Tinha um culto especial pelo José ainda não me conformei com o seu desastroso fim.

Ah! Elle não merecia uma sorte tão cruel!

As meninas se lhe recommendam e aqui ninguém o esquece. Crea sempre na amizade sincera e inteira da apr. e obr.

F. Clotilde. (CEARÁ, 1915)

4.2.29. Francisco Carlos Rodrigues

O ex secretário do Liceu do Ceará, Francisco Carlos Rodrigues, vizinho da família Nogueira, em 1914, surge neste trabalho como um dos primeiros a tomar conhecimento da desavença entre Sixto Bivar e José Nogueira. Ofereceu-se a acompanhar o Professor até em casa após este sair da delegacia com o filho (NOGUEIRA,1915). Morreu em Fortaleza, no dia 27 de agosto de 1945, aos 77 anos de idade. (TP)

4.2.30. Francisco Rodrigues da Fraga Loureiro

O intelectual capixaba, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e Diretor do Grupo Escolar, em Vitória-Es, mostrou-se na pesquisa em correspondência pessoal endereçada ao Prof. Joaquim Nogueira, datada em 25/05/2015, em que indignado, trata da possível “neurastenia” de Sixto Bivar, que os defensores do assassino de José Nogueira apresentaram ao júri, culminando com a absolvição do acusado. Além de participar da Teia Pessoal de Joaquim Nogueira, assoma em sua Teia Profissional a partir de colaborações na “Revista Escolar”. Na correspondência citada, o autor evoca o Prof. Nogueira, como “Amigo e Collega”, referência clara

em que o contextualiza em sua rede social (amigo) e profissional (collega). (TPP). Segue a carta:

Victoria, 25 de maio de 1915.

Presado amigo e collega.
Professor Joaquim da Costa Nogueira.
Meus sinceros affectos.

Accusando o recebimento do seu amavel e presado cartão, datado de 12 do corrente, agradeço sobremodo a remessa da Revista, que contou o luminoso parecer do digno medico sobre um consulta a respeito de neurasthenia allegada pelo patrono do covarde e miserável assassino de seu saudoso e presadissimo filho.

Effectivamente é para lastimar-se que o jury, instituição tão nobre, não se compenetre dos sagrados deveres...

Aguardo ancioso que o digno amigo e collega remetta-me o livro “ Meu Filho”, que está editando.

Nesse livro o digno amigo e collega, queira fazer menção de minha humilde pessoa, que sentiu e sente o terrível golpe por que tem passado o amigo e collega e Exma. Esposa.

Sei que não serei esquecido- tão gentil que tem sido comigo o digno e distinto collega, que, acredito, será igualmente generoso, desculpando-me as faltas por ventura commetidas.

Mais uma vez recommendo ao digno e distinto collega e Exma. Esposa a resignação, transmittindo as affectuosas e cordiaes expressões da amizade, que com intelligencia, procura mitigar a amargura dessa saudade indelevel, que invade o coração de um pae que chora um filho querido, que com a fronte illuminada pelos resplendores da Fé, Esperança e Caridade voou à suspirada Jerusalem eterna, onde existe a mansão dos justos, o céu.

Sem mais, queira apresentar à sua Exma. Esposa os protestos da nossa estima e consideração ,e ao amigo e digno collega uma abraço.

Do amigo e humilde collega
Francisco Loureiro. (CEARÁ, 1915)

4.2.31.Francisco Gomes Parente

O advogado Francisco Gomes Parente, primeiro cearense formado pela Faculdade de Direito do Ceará , morto em Fortaleza no ano de 1934, (NIREZ, 2001) direcionou diversas cartas de teor pessoal ao mestre-escola. Aqui não as transcrevo pela falta de legibilidade das mesmas.(TP)

4.2.32.Francisco Menescal Carneiro

O intelectual e homem de Imprensa, Francisco Menescal Carneiro, do município de Camocim-Ce (AGUIAR,1993), mostrou-se na história de Joaquim Nogueira em correspondência pessoal, datada de 29/05/2015, por ocasião da

morte de José Nogueira, no livro “Carta de pessoas amigas dirigidas a Joaquim Nogueira sobre a morte do seu filho José”, no Arquivo Público do Estado do Ceará.(TP)

4.2.33. Gregoriano Cruz

O jornalista, diretor e presidente da “Revista Policial”, primeira publicação do gênero relativa aos acontecimentos policiais do estado do Ceará, aparece nas minhas pesquisas como autor de carta, de cunho pessoal, direcionada ao Prof. Joaquim Nogueira por ocasião da morte de José Nogueira, encontrada no livro “Carta de pessoas amigas dirigidas a Joaquim Nogueira sobre a morte do seu filho José”, do Arquivo Público do Estado do Ceará. A somar essa relação na esfera pessoal, Gregoriano Cruz era presença marcante em artigos para o “Anno Escolar” e “Revista Escolar”, o que o insere na Teia profissional do professor (TPP). Em texto intitulado “A triste poesia do povo” , na secção “Ceará Intellectual”, o jornalista faz um relato sobre a Festa de São Francisco, em Canindé, descrevendo, sobretudo, os tipos humanos que celebram o santo. Trago à pesquisa, um trecho do texto:

A Festa de São Francisco de Canindé reúne, em tórno ao templo prestigioso, a mais variada colleção de typos sociaes. São vastas ondas humanas que affluem, sofregas, a presenciar os festejos celeberrimos do grande santo dos doces milagres. E alli, no borborinho tumultuoso dos pregões alacres, no confuso rumor das multidões complexas, cegos, leprosos e aleijados, todo o bando sinistro de infelizes para quem a vasta noite da vida não tem esperança de aurora, procura attrair a attenção indifferente dos ditosos extranhos para a sua immensa desventura sem remedio Os mendigos pedem esmolos cantando quadras. E o folk-lorista, curioso e deslumbrado, vê , então, abrir-se, antes os seus olhos de psychologo-amador, essa extranha flora de commoção, de vago e indefinido sentimento da rude alma de poetas que dizem, cantando, a sua immensa desdita.[...]. (CRUZ, 1921, p.300).

4.2.34. Gustavo Barroso

O professor, ensaísta e romancista, no percurso de vida de Joaquim Nogueira, deu-me pistas de que se encontrava em sua Teia Profissional. Nessa pesquisa sua presença foi percebida a partir de diversos textos para a “Revista

Escolar” do Instituto de Humanidades. Gustavo Barroso foi terceiro ocupante da Cadeira 19 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 8 de março de 1923, na sucessão de D. Silvério Gomes Pimenta e recebido pelo Acadêmico Alberto Faria em 7 de maio de 1923. Recebeu os Acadêmicos Pedro Calmon e Olegário Mariano. Nasceu em Fortaleza, a 29 de dezembro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 3 de dezembro de 1959. (NIREZ, 2001) (TPr)

4.2.35. Godofredo Maciel

Godofredo Maciel, prefeito interino de Fortaleza (1920-1921), surgiu na pesquisa em carta pessoal endereçada ao Prof. Joaquim Nogueira, em que afirma a amizade com o mestre-escola e o parabeniza pelo seu exercício junto ao magistério e pelo livro *Anno Escolar*. (TP) Segue a correspondência:

Rio, 2-04-08

Meu caro Nogueira. Saudações cordeais. Recebi o “Anno Escolar” e venho agradecer-lhe muito penhorado a inestimável oferta.

Tenho me gozado em seguir, com verdadeira *sympathia* e carinhoso interesse, a vida sempre e cada vez mais fecunda do seu Instituto de Humanidades.

Aos olhos dos que sabem, vêm a sua obra é uma lição de quanto póde o trabalho, e mais do que o trabalho, a perseverança nelle.

Tudo isso sim meio desgraçadamente sem estímulo e saturado de ódios e amôres... pessoas!

Embora longe, não sei se V. sabe, estou presente no Ceará, pelo coração e pelo espírito. [...] com um amôr proporcional a sua imensa desdita; pelo que, muito me consola e assina a certeza de que [...] todos, nem morreram os nossos fieis zeladores do nosso já tão desfalcado patrimônio moral.

Isto quer dizer, por outras palavras, que nossa terra esta combalida, mas não está morta e, mercê de Deus, não morrerá enquanto existir educadores do seu feitio, meu caro, purificando a seiva nova do Ceará [...] vale luzir o espírito, e sobretudo, engenhoso character da sua juventude.

É do cont° ami° e adm° Godofredo Maciel. (CEARÁ, 1908)

4.2.36. Henrique de Alencastro Aufran

O pernambucano radicado em Fortaleza, Henrique de Alencastro Aufran, era Bacharel em Direito, Engenheiro e Matemático. Foi professor de matemática, no Instituto de Humanidades e no Colégio Militar. Colaborador presente nas

festividades e sabatinas do Instituto, como em publicações na “Revista Escolar”. Dele encontrei diversas fotografias no Instituto de Humanidades. Morreu em Fortaleza, apenas um mês antes do Prof. Nogueira, em junho de 1935. (NIREZ, 2001) (Tpr)

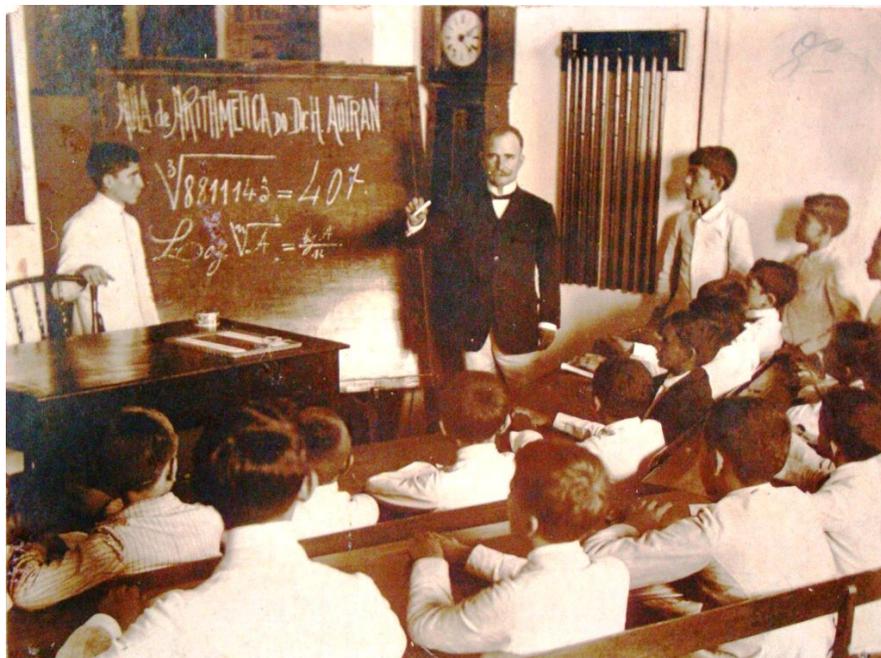


Imagem 24: Dr. Henrique Autran imortalizado em fotografia na sala de aula do Instituto de Humanidades- 1907. (Fonte: Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades- Arquivo Público do Estado do Ceará).

4.2.37. Heráclio Hélio Lima

O Capitão Heráclio Hélio Lima aplicou Instrução Militar no Instituto de Humanidades, em 1908, o que indica, claramente, o perfil republicano da Instituição. (BINDÁ, 2008) Dele, tive acesso apenas a uma fotografia em que ele consta no quadro de professores do Instituto de Humanidades. (Tpr)

4. 2. 38. Hermínio Barroso

O cearense de Canindé, Hermínio Barroso, era o dono da Hermínio Barroso e Cia, livraria em que Sixto Bivar, assassino de José Nogueira trabalhava. Foi também diretor do Liceu do Ceará, além de deputado federal. Aparece na minha pesquisa como alguém que fomentou a discórdia entre Sixto Bivar e José Nogueira. (NIREZ, 2001). Segundo relato do próprio Joaquim Nogueira, um dia Hermínio Barroso quis convencê-lo a adotar no Instituto de

Humanidades, os livros que vendia, por não acreditar na competência do mestre-escola na edição de livros didáticos. Em outro momento, por ocasião da morte de Pedro Gomes da Frota, amigo pessoal do Prof. Nogueira, alguns alunos do instituto fizeram uma homenagem ao morto, porém esta não foi publicada no rol de homenagens ao morto. Joaquim Nogueira foi saber o porquê da não publicação da carta, então Hermínio Barroso disse-lhe que não viu a carta, nem muito menos os alunos do Instituto. Segundo o próprio Joaquim Nogueira, o humor do homem era de um *kaiser*. (NOGUEIRA, 1915). Encontrei carta de condolências ao Prof. Nogueira pela morte do filho, porém não direcionada ao professor e sim a um parente seu Dr. Alfredo Dutra, o que para mim, soou como a certeza de uma relação conflituosa entre os personagens. Foram também colegas no Liceu do Ceará. (Tpr e Ant.). Segue o texto, com as palavras de Joaquim Nogueira ao apresentá-lo:

Sem commentarios, damos abaixo, com previa autorisação de seu digno destinatário, nosso prezado parente e amigo, à carta íntima que lhe fora dirigida:

Meu caro Alfredo Dutra

Venho trazer-lhe a expressão do meu intenso pesar no golpe rudíssimo e tão fundo lhe vae no coração. Estes meus sentimentos quero que apresente ao meu infeliz amigo Joaquim Nogueira, a quem não me dirijo directamente pelo receio de que as minhas palavras lhe relembrem o assassino que era meu empregado e lhe venham avivar cada vez mais, num paroxismo de angustia e tragedia do nosso querido e inesquecível José. Abrace por mim a esse pae sem consolo e a essa mãe infelicissima.

Do muito Amº.

Hermínio Barroso. (NOGUEIRA, 1915, p.28)

4.2.39. H. Geenem

H. Geenem, lente de lógica no Instituto de Ciências e Letras de São Paulo e autor da obra “Aritmética Primária”, que foi adotada em diversos colégios brasileiros do começo do século XX. (BINDÁ, 2008) O encontrei em textos didáticos e em exercícicos publicados na “Revista Escolar” e no “Anno Escolar”. (TPR)

4.2.40. Itamar Santiago Espíndola

O advogado e escritor, nascido em Fortaleza, no dia 14 de setembro de 1917, foi aluno do Collegio Nogueira, em 1929, além de ter sido vizinho do Prof. Joaquim da Costa Nogueira, à rua General Sampaio, no quarteirão entre as ruas Pedro Pereira e Liberato Barroso. (NOGUEIRA, 1915) Apesar de seu extenso currículo, Itamar Espíndola emerge na pesquisa na teia pessoal de Joaquim Nogueira (TP). Em texto que homenageia o mestre-escola traça um perfil do meu biografado:

O insigne professor deixava a barba crescer em ponta na parte inferior do queixo, tal como a usava o célebre General francês Cavaignac. O cabelo tinha permanentemente à escovinha. O tipo físico era de boa aparência e forte. Lembro-me muito bem dele, e tenho sua fotografia a mim oferecida, com palavras de amizade. Por isso faço-lhe o esboço sob análise da Psicognomia: Acentuadamente metucioso e amante da ordem e da disciplina. Poder de comando. Dava importância a questões pequenas. Obstinado. Caráter forte. Vontade firme. Amor ao trabalho. Antes de uma decisão, o pensamento funcionava muito. Desejo de ver o mérito próprio reconhecido pelos outros. Econômico. Não otimista. Desconfiado. Leal. Tendência para as ciências exatas, sobretudo a Matemática. Evitava o confronto, a fim de realizar os projetos traçados. Cauteloso, porém não tímido. Vaidoso no campo intelectual. De hábitos simples. Insensível às imposições sociais. (ESPÍNDOLA, 1991. p.92).

4.2.41. Pe. Jerônimo de Castro

O biógrafo de Santa Catarina de Labouré, à época em Mariana-MG, salta à pesquisa em textos para o “Anno Escolar” e em diversas cartas pessoais endereçadas ao Prof. Joaquim Nogueira e sua família. As correspondências revelaram uma amizade profunda entre o meu biografado e o religioso. (TPP) Segue uma delas:

Marianna, 20 de novembro de 1931.

Presadíssimo, querido e sempre lembrado amigo, Sr. Nogueira.

Laudetur Jesus Christus.

Como começar esta? Na nossa amizade não houve a menor diminuição de affecto, nem o menor deslize. Entretanto fui deixando de escrever-vos mais por um motivo de sobre-carga de trabalho, que tive ao assumir a Direcção do Collegio do Caraça, do que por decisão minha, nem por outro qualquer motivo, como seja o meu atrazo nas mensalidades, à nossa pobre.

A Sinhá Fortuna, avisou-me caridosamente que o meu grande amigo pensava em qualquer ressentimento meu, o que não houve absolutamente. De modo que ao começar esta devo pedir-vos um nobre perdão, e a continuação de vossas lettras sempre tão apreciadas por mim. E si tardei tanto em reatar estas caras visitas ao meu amigo intimo, é que eu quis primeiro ter a certeza de não interromper nossa correspondencia. Agora posso ser pontual, por não ser mais superior. Podeis portanto crer na minha palavra e escrever-me. Peço considerar este lapso de tempo como sendo de uma longinqua viagem deste vosso amigo.

Quantas e quantas vezes pensei na vossa saude, na boa D. Olívia, nos vossos interesses, sem ter animo de dirigir-me directamente a quem tanto me interessa, só pelo motivo da sobre-carga do Caraça.

Penso encontrar-vos o mesmo em bondade e em elevação espiritual, embora talvez mais cansado pelos annos da proveitosa existência, e precisando mais ainda de um amigo que fui ao vosso lado, e o que o sou com a mesma estima, mas culpado de inesplicavel silencio, hoje rompido felizmente.

No anno passado deixei o CARAÇA e fui mandado para Iraty, no sul do Paraná. Lá era vigário com tempo de sobra para escrever, mas meu estado de espírito estava alquebrado e o frio enervarva-me a ponto de me tornar uma múmia. Não escrevia a ninguém. De volta a MINAS, estive em continuas excursões evangelicas até agora, em que tenho férias ao menos nominaes.

Estou em falta convosco sobre as mensalidades à Maria Clara. Sobre este ponto não tenho justificativa alguma. Mas a quem vos pede humildemente desculpa, deveis rasgar qualquer resentimento e perdoar generosamente. Envio por esta a pequena quantia de RS 200\$000 para partir ao meio, sendo uma parte para pagar-vos os atrasados e a outra para entregar à socorrida. Como faz annos que não cumpro este piedoso dever, em Dezembro próximo enviar-vois-ei igual quantia para os mesmos dois fins supra.

Fico ancioso por vossas carissimas lettras, que me farão reviver as impressões mais fagueiras do meu Ceará. Sede prodigo em communicar-me as vossas noticias pessoaes. Deixo para próxima vez a minha apreciação sobre as "MEDITAÇÕES" que com agradavel surpresa recebi.

Minhas visitas à Santa d. Olívia e meus abraços ao amigo de minha alma.

Rezo pelo bem vosso.

Pe. Jerônimo de Castro. (CEARÁ, 1931, s/p)

4.2.42. João Perboyre e Silva

Filho de Redenção, no Ceará, O jornalista João Perboyre e Silva foi aluno do Liceu do Ceará. Ocupou vários cargos públicos: Delegado de Polícia de Fortaleza, diretor de Instrução Pública e Procurador Fiscal do Estado. Membro preeminente da Academia Cearense de Letras, como Titular 33 da Cadeira 33, que tinha como Patrono o renomado cientista, escritor, poeta, jornalista e professor, Rodolpho Marcos Theophilo. Jornalista vocacionado Perboyre e Silva, estudante liceista, muito jovem voltou-se para o jornalismo; editou um panfleto

semanário com o expressivo e sugestivo título de "A Farpa", contando com a colaboração de seus colegas de Liceu, Paulo Sarasate, Plácido Castelo e Otávio Facundo, todos exaltados e ardorosos admiradores dos jovens oficiais revolucionários de 1922, os tenentes contra o Governo Epitácio Pessoa, os mesmos heróis que passariam à História sob a legenda gloriosa "Os 18 do Forte de Copacabana". Foi redator e colaborador da "Revista Escolar do Collegio Nogueira"(1925-1926) , junto aos amigo do "A Farpa", Paulo Sarasate. (NIREZ, 2001) Um dos textos encontrados na Revista Escolar é a poesia "O poeta da inconfidência", cujo autor homenageia Thomás Antônio Gonzaga (Tpr):

Thomás antônio Gonzaga,
Compassivo coração,
Quis mitigar-nos a chaga
Da mais ferina opressão.

Trazendo nalma a cêntelha
Da mocidade viril,
sonhou a aurora vermêlha
Da grandeza do Brasil.

E essa revolta fremente,
Contra os pórtugas tyrannos,
Fê-lo viver rudemente,
Exposto aos sóes africanos.

Mente gravada naquella
Que mil versos lhe inspirou,
Thomás, preso à caravella.
Para outras plagas marchou.

Nos momentos angustiosos,
Em noite acerba e sombria,
aos meus olhos desditosos
O vulto della surgia.

E, nos dias de amargura,
Em que tão longe viveu,
Cresceu-lhe a nobre ternura
Pos "Marília de Dirceu".

Exposto aos negros rigores
Dum odio tão rubro e vil,
Pensava nos dois amôres:
Em Marília e no Brasil...

E, tendo o craneo queimado,
Nos combustos areiaes,
Expirou no fraco brado
Dos seus doloridos ais...

(PERBOY
RE e SILVA,4/1926, p.9).

4.2.43. J. Marques D'Ictong

Heterônimo de Joaquim Nogueira criado a partir das letras do seu nome (Anagrama). O personagem ministrava aulas de matemática para divertimento dos alunos. (ESPÍNDOLA, 1991). Despertou-me atenção o “enigma aritmético” assinado por ele: **(TPP)**

Arithmogripho

(Enigma arithmetico)

Há quatro números de quatro algarismos, que gosam das seguintes propriedades:

1^a- Não soffrem alteração quando invertidos;

2^a-A somma dos valores absolutos dos algarismos (de cada um) é 24.

3^a. Os excessos dos números formados pelos dois ultimos algarismos da direita sobre os formandos pelos dois primeiros da esquerda, são respectivamente: zero, 18, 36 e 54.

J. Marques D'Ictong

(NOGUEIRA, 9/1926. P.23).

4.2.44. Joakim Catunda

Joakim Catunda foi um intelectual e político nascido no Ceará, além de um dos fundadores do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, em 1887. Participou também do Centro Republicano Cearense e fez parte da rede profissional de Joaquim Nogueira, como colaborador do “Anno Escolar”. (NIREZ, 2001) Na edição de 1921, no texto “Relevo e aspecto do solo. Clima. Producções.” (Tpr). Eis um trecho:

É a provincia do Ceará um vasto território que se comprehende entre 2°45' e 7° e 15' de latitude meridional, e 2° 30' e 6° 40' de longitude oriental. Limitam-n'a o oceano Atlantico ao norte e ao nordést e sudést, a separa das provincias visinhas.

D'onde lhe veiu o nome se duvida, entendendo uns que de *suía-caça* (*), outros que do canto de um pequeno papagaio grasnador,

abundante do tempo da descoberta. Com melhor fundamento pretende Candido Mendes (**) que o nome é a contracção de *Ciria-poá*, Ciri-á-Ciriá-e depois Ciará, como primeiro se escreveu, nome que evoluiu das formas tupicas para as lusitanas e que lhe foi dado pelos primeiros colonos, os petiguares, transmigrados do ceará-mirim. Anteriormente era o seu territorio denominado-sertão do Jaguaribe-na parte meridional, e do camucy-na septentrional.

[...]

(CATUNDA, 1921, p.215)

4.2.45. Joaquim Fabrício de Barros

O nome de Joaquim Fabrício de Barros, surge no Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades como professor de Álgebra, para o segundo ano do curso secundário da referida instituição. (CEARÁ, 1904) (Tpr)

4.2.46. Joaquim Pimenta

Joaquim Pimenta lecionou a disciplina de Geografia, no Instituto de Humanidades. Em parceria com amigos da Faculdade de Direito, em 1906, fundou a Revista Fortaleza, revista filosófica, científica e comercial junto ao seu contemporâneo Raul Uchoa. (NIREZ, 2001). Percebi-o somente na esfera profissional do meu biografado. (Tpr)

4.2.47. Joaquim Magalhães

O Cel. Joaquim Magalhães, ex-presidente da Escola de Comércio Fênix Caixeiral, ex-secretário da Fazenda (NIREZ, 2001), surge na pesquisa em carta direcionada ao Prof. Joaquim Nogueira, por ocasião da morte de José Nogueira. Pela ilegibilidade não pude transcrevê-la. (TP)

4.2.48. João Brígido

O jornalista, advogado, político, cronista e historiador João Brígido, nascido na Vila de São João da Barra, no Espírito Santo, foi responsável pelos primeiros estudos e publicações a respeito da História do Ceará, junto com Tristão de Alencar Araripe (1821-1908), Pedro Franklin Théberge (1811-1864) e

Tomás Pompeu de Sousa Brasil, o Senador Pompeu (1818-1877). Chegou ao Ceará, ainda na primeira infância, onde desenvolveu toda sua formação física e educativa. Tornou-se um jovem combativo, polêmico e destemido. Iniciou-se na atividade jornalística em meados do século XIX, no jornal que fundou e dirigiu, “O Araripe”, na progressista cidade do Crato, na região do Cariri cearense. Posteriormente, mudou-se para Fortaleza, e passou a colaborar com “O Cearense”, do senador Tomás Pompeu de Sousa Brasil, de quem se tornou próximo. Foi aprovado em concurso para professor de gramática e de latim no Liceu do Ceará (1861) e entrou definitivamente para a política partidária três anos depois, quando se elegeu deputado provincial. Atuou por vários anos na política, tendo exercido mandatos de deputado geral (1878-1881), senador do Ceará (1892) e deputado estadual (1893-1894). Monarquista até à Proclamação da República Brasileira tornou-se um defensor do novo regime, até que fundou seu próprio jornal, “O Unitário” (1903), onde fazia oposição mordaz à oligarquia de Nogueira Accioly.

Como escritor e pesquisador destacou-se publicando obras como “Simplificação da Grammatica Portuguesa” (1870) e, principalmente, sobre a história do Ceará, entre eles “Resumo chronologico para a história do Ceará” (1887), “Miscelânea histórica” (1889), “O Ceará - lado cômico” (1899) e “Ceará - Homens e fatos” (1919), considerada sua mais importante obra do ponto de vista historiográfico. Com o livro “Apontamentos para a história do Cariri” (1888) tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, no Rio de Janeiro, embora nunca tenha eleito membro do Instituto do Ceará, mas é o patrono da cadeira nº 14 da Academia Cearense de Letras e da Cadeira nº 17 do Instituto Cultural do Cariri. (UFCEG, 2015) Na pesquisa emerge como intelectual citado em atividades do Instituto de Humanidades, além de ser autor de cartas pessoais ao Prof. Joaquim Nogueira. Destaco a datada em 02/12/1919, em que informa uma breve genealogia dos “Nogueiras”, como forma de mostrar os homens de bem que são e o não merecimento de um Nogueira (José)ser assassinado (TPP). Ao final da correspondência, João Brígido afirma:

José Nogueira era uma exemplificação do nosso completo encaminhamento de povo, a civilizar-se; todos o queriam, todos o ouviam e elle constituia as delicias do seus paes.

Um perverso dos que ainda contam na terra, o apunhalou e agora os que protestam com seus progenitores contra esse crime tão chorado constitue a população inteira.

José Nogueira estava sendo collaborador finissimo do nosso futuro, tão estimavel e estimado, que ainda hoje se derrama por ele torrentes de lagrimas ardentes e piedosas. O seu acabamento magnou de [...] resistentes.

[...]

Nogueira o pae, Nogueira o filho, o povo inteiro do Ceará, e a Mãe lacrimosa são marcos que ficam para encaminhar as gerações que se aproximam.

J. Brígido

Fortaleza, 2 dez 1919.

Copiado por Loló Brígido. (CEARÁ, 1919)

4.3.49. João Hipólito Campos de Oliveira

O bacharel João Hipólito Campos de Oliveira, ex aluno do Instituto de Humanidades e auxiliar de ensino no Collegio Nogueira, inaugura, em 1937, o seu Colégio Nogueira, em homenagem ao velho professor, na Praça do Carmo, na esquina das ruas Barão do Rio Branco e Clarindo de Queirós. Foi uma das pessoas que mais lembrou o nome de Joaquim da Costa Nogueira como um dos grandes educadores cearenses. (TPP). Em texto publicado na Revista do Instituto Histórico do Ceará, em saudação a João Hipólito, José Adenizar Macedo relembra:

[...]

Continuemos, porém, o vosso escorço biográfico. O vosso currículo primário foi ministrado pelo excelente Colégio Nogueira e o secundário pelo velho Liceu do Ceará, de cujos umbrais saía esse também que vos saúda, pelos idos de 1936. ainda quando liceísta, fostes auxiliar de ensino do Colégio Nogueira, como seu antigo ex aluno. Data daí uma nobre qualidade, já bem rara nos discentes de hoje, e por isso mesmo tanto mais valiosa: refiro-me à vossa comovida e fiel amizade ao vosso ex-professor. Joaquim da Costa Nogueira, de quem tendes sempre sido um cultuador da memória respeitável daquele magnífico exemplo de educador e dedicado mestre da nossa mocidade. (OLLIVEIRA, 1959)

4.2.50. João Hipólito Azevedo e Sá

O professor João Hipólito Azevedo e Sá, pessoa de confiança de Carneiro de Mendonça foi quem instalou inquérito sobre a falsificação de notas

na carteira de Joaquim Nogueira, o que após investigação, culminou com a aposentadoria prematura do professor (BINDÁ, 2008). Encontra-se como personagem na sua teia profissional e de maneira antagônica ao meu biografado. (Tpr e Ant.)

4.2.51. José Arimatéia Cisne

O Pe. José Arimateia Cisne nasceu em Sant'Ana, em 1880 e ordenou-se padre, a 28 de março de 1903. Atuou como docente no Colégio Nossa Senhora do Carmo, Instituto Miguel Borges. No Instituto de Humanidades, lecionou a disciplina de Religião e Moral colaborando com diversos textos nas páginas da Revista Escolar.(STUDART, 1980) (Tpr)

4.3.52. José Carlos de Mattos Peixoto

Foi professor do Instituto de Humanidades para a disciplina de Português. Em 12 de maio de 1928 é eleito Presidente do Estado (NIREZ, 2001). Encontrei-o apenas em fotografias relativas ao exercício do magistério no Instituto de Humanidades. Assim, o inseri na teia profissional do Prof. Joaquim nogueira. (Tpr).



Imagem 25: Dr. Mattos Peixoto, em imagem imortalizada no Instituto de Humanidades, em 1907. Fonte: Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades- Arquivo Público do Estado do Ceará.

4.2.53. José Eliseu de Melo

O professor baiano da Villa de São Felipe, emerge na pesquisa em carta datada de 30 de maio de 1915, em que lamenta o infortúnio da Família Nogueira com o desaparecimento do seu filho José. (CEARÁ, 1915) (TP)

4.2.54. José Ribeiro da Frota

O médico José Ribeiro da Frota, membro fundador do Centro Medico Cearense e sócio efetivo do Grêmio dos Hospitais da Bahia, surge na pesquisa como frequentador do Café Elegante, junto ao Prof. Joaquim Nogueira. (GIRÃO, 1959) (TP)

4.2.55. José Lopes de Aguiar

Iniciou sua vida profissional como auxiliar do curso médio responsável pela disciplina de Civismo, para o primeiro ano do curso secundário e Línguas, para o curso médio no Instituto de Humanidades (BINDÁ, 2008). Assim encontra-se inserido na teia profissional do meu biografado. (TPr)

4.2.56. José Martins

José Martins foi jornalista e um dos diretores do jornal “O Rebate”. Foi gerente da Typographia Escolar de propriedade de Joaquim Nogueira e José Nogueira. (NIREZ, 2001) Deparei-me com ele em fotografia na Typographia Escolar e em cartas direcionadas ao Prof. Nogueira por ocasião da morte de José Nogueira, além de textos sobre o filho do professor. (TPP) Eis um trecho do texto intitulado “Ligeiros traços”:

Amigo que fui de José Nogueira, embora dos mais obscuros e, também, humildíssimo companheiro de trabalhos manuaes, pois no mesmo departamento em que moirejava, desde 1909, na ingrata profissão que, ha bem logos annos, venho exercendo, elle empregava a mór parte de sua extensa actividade nos arduos labôres do seu atelier photographico-arte de que era dedicado e esperançoso amator, serme-ia impossivel sopitar os desejos incontidos de rabiscar essas linhas, sobre a vida modelar desse tão infortunado mancebo , cujo prematuro, brusco e deploravel desapparecimento fez lancinar o coração extremosissimo de seus prezados paes, para quem elle era o mais sagrado enlêvo, a alegria plena e constante, a vida, em summa. E-me sobremodo doloroso e simultaneamente salutarissimo, reminiscenciar, aqui, ainda que de passagem, alguns traços ligeiros de sua existencia tão prazenteira e impolluta. [...] (NOGUEIRA, 1915, p.6)

4.2.57. José Silveira

Foi professor de Francês no Instituto de Humanidades e de línguas no Liceu do Ceará. Exerceu o cargo de deputado estadual durante o Governo de Justiniano Serpa (1921 a 1924) e de prefeito de Trairi, por oito anos. Foi o introdutor do futebol no Ceará e participou de alguns jogos das primeiras equipes conterrâneas. Filho de portugueses, Silveira havia morado em Saint Gallen, na Suíça, e passado pela Inglaterra. Com 22 anos, o jovem retornou e apresentou o esporte aos amigos de Fortaleza, cidade de 50 mil habitantes. O local escolhido

foi a praça do Passeio Público, principal ponto de encontro da capital. (O POVO, 2011) (Tpr)

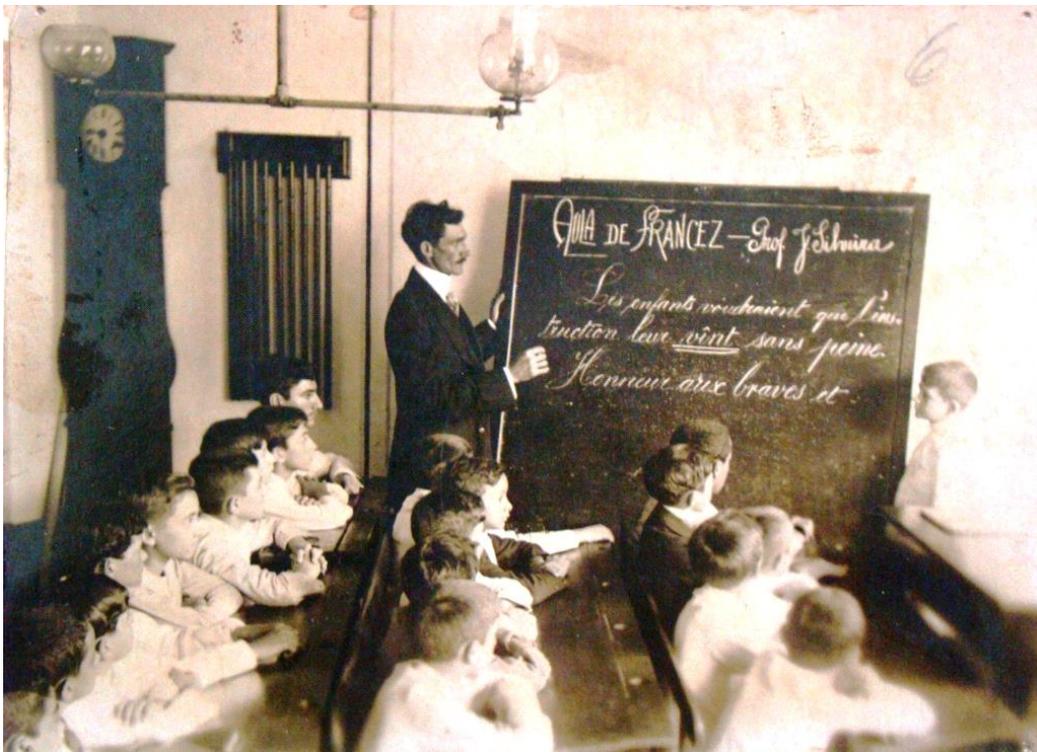


Imagem 26: José Silveira em exercício profissional no Instituto de Humanidades- Fotografia de 1907. Fonte: Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades- Arquivo Público do Estado do Ceará.

4.2.58. José Sombra

Escritor e sócio-fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Recife a 31 de Março de 1906, nasceu em Vienna d'Austria a 21 de Março de 1883. Foi o autor do Discurso proferido em Sessão Comemorativa da Fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil realizada no Liceu Cearense em 11de agosto de 1905, como representante da classe acadêmica. Foi colega de profissão de Joaquim Nogueira no Liceu do Ceará. (NIREZ, 2001).

4.2.59. Juvenal Galeno

Juvenal Galeno, jornalista e escritor, nasceu em Fortaleza, a 27 de setembro de 1836, em uma residência na Rua Formosa, nº 66 (hoje Barão do Rio Branco). Em 1851, matriculou-se no Liceu do Ceará onde cursou Humanidades até 1855. Em 1853, fundou e fez circular o primeiro jornal da imprensa estudantil no Ceará, o jornal “Mocidade Cearense”, também de efêmera existência, em virtude, da transferência de seu sócio e colega Joaquim Catunda para o Rio de Janeiro. Após o Curso, foi para o Sítio Boa Vista ajudar o pai na administração das atividades agrícolas, principalmente na cultura cafeeira, numa época em que o café assumia expressiva importância na economia cearense. Com o intuito de aperfeiçoá-lo em assuntos agrícolas, seu pai mandou-o para o Rio de Janeiro em busca de adquirir maior conhecimento nas técnicas do plantio do café. Levava consigo uma carta de recomendação de Rufino José de Almeida apresentando-o a Francisco Paula Brito, proprietário da Marmota Fluminense. Ali Juvenal Galeno travou relações de amizade com Machado de Assis, Saldanha Marinho, Joaquim Manoel de Macêdo, Quintino Bocaiuva e outros. (SECULT-CE, 2013) Foi vizinho da família Nogueira, na rua Gal. Sampaio. Encontrei-o em textos para a “Revista Escolar” do Instituto de Humanidades. (TP e Tpr)

4.2.60. Leonardo Motta

Leonardo Motta ou “Leota”, poeta, folclorista, membro da Academia Cearense de Letras e Instituto do Ceará. No jornalismo, fundou em Ipu a Gazeta do Sertão e em Fortaleza trabalhou como redator do Correio do Ceará e diretor da Gazeta Oficial. Destaca-se na pesquisa em artigos de jornal, em que trata do Método aplicado pelo Prof. Joaquim Nogueira, no Instituto de Humanidades(NIREZ, 2001). (Tpr)

4.2.61. Manuel Antônio de Andrade Furtado

Andrade Furtado nasceu em Quixeramobim a 28 de Janeiro de 1890. Fez os preparatórios no Liceu do Ceará, e havendo cursado a Faculdade de Direito do Estado, bacharelou-se. Foi escolhido para representar a turma dos bacharelados no ato da colação do grau. Fundou o jornal “O Bandeirante” e

colaborou longo tempo na “Revista Escolar” do Instituto de Humanidades, de onde era professor. Também foi docente no “Collegio Colombo”, “Instituto Miguel Borges” e “Phoenix Caixeiral”. Foi igualmente redator secretário do “Diário do Estado” e colaborador do “Cruzeiro do Norte”. Foi redator do “Correio do Ceará” e Secretário Geral do Círculo Católico de Fortaleza. Amigo pessoal do Prof. Joaquim Nogueira, surge em fotos e documentos do Instituto de Humanidades, além de cartas pessoais endereçadas ao Prof. Joaquim Nogueira.(NOBRE, 1996). Insere-se na teia pessoal e profissional do biografado. (TPP).

4.2.62.Maria Lirêda Nogueira

Filha de Joaquim da Costa Nogueira, nasceu em 30 de setembro de 1920, em Fortaleza e faleceu em Maricá, no Rio de Janeiro, em novembro de 1914. Foi professora dos colégios São José, Farias Brito e Lourenço Filho. Emergiu na pesquisa, no testamento do Professor Nogueira, como, também, no testamento de Sra. Olívia de Mendonça Nogueira, em que foi herdeira dos bens do casal. Evidenciou-se no livro de matrículas do Collegio Nogueira e em cartas direcionadas ao professor, cujos missivistas mandava-lhes recomendações ou perguntavam por ela. (CEARÁ, 1930) Representou, para mim, a pedra fundamental para que essa pesquisa fosse feita. (TP)

N.º	ALUNOS	FILIAÇÃO	N.º	N.º	DATA DA MATRÍCULA			CURSO	CONDIÇÕES	CORRESPONDENTES	Observações
					DIA	ANNO	MEZ				
1	Marina Lirêda de Freitas	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
2	Quintino Galvão de Almeida	José Almeida de Almeida	23-5-1919								
3	Luís de Aguiar	Antônio Aguiar	21-1-1919	18							
4	Edmundo Aguiar	Antônio Aguiar	28-12-1920	9							
5	José Aguiar	José Aguiar	21-9-1920	9							
6	José Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
7	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
8	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
9	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
10	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
11	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
12	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
13	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
14	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
15	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
16	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
17	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
18	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
19	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
20	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
21	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
22	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
23	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
24	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
25	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
26	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
27	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
28	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
29	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
30	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
31	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
32	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
33	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
34	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
35	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
36	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
37	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
38	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
39	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
40	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
41	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
42	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
43	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
44	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
45	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
46	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
47	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
48	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
49	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							
50	Francisco Aguiar	Francisca de Freitas	30-8-1920	9							

Imagem 27: Maria Lirêda de Freitas, ainda sem o nome o sobrenome Nogueira, apresenta-se no Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades e Collegio Nogueira, como a aluna número 1, tendo a filiação de Francisca de Freitas, nascida em 30 de agosto de 1920, com idade de 9 anos à época da matrícula. Fazia o curso admissional no Collegio Nogueira, sendo aluna externa, tendo como seu correspondente Joaquim da Costa Nogueira. O livro também informa que “Liredinha” saiu do colégio em junho do mesmo ano. Fonte: Arquivo Público do Estado do Ceará.

4.2.63. Marianna Nogueira

Marianna Nogueira, mãe de Joaquim Nogueira (TP), desponta na pesquisa em correspondência ao casal Nogueira por ocasião da morte do neto:

Quincas e Olívia, meus filhos. Profundamente abalada com a horrorosa notícia do assassinato de meu querido e amoroso netinho, abraço-os, pedindo a Deus em minhas preces bom agasalho para sua alma de eleito. Tenham resignação, não desfaleçam. Que Deus os proteja em tão afflictiva situação. Marianna Nogueira- (Cannindé) (NOGUEIRA, 1915, p. 78).

4.2.64. Meira Filho

Publica, em Fortaleza, a revista "Boemia dos Novos", com redação de V. de Arruda Gondim, José Clodoveu de Arruda Coelho (Clodoveu Coelho) . A revista era mensal e publicada na Typographia Minerva. (NIREZ,2001). Meira Filho desponta na pesquisa como Auxiliar no Instituto de Humanidades na quarta classe. (TPr)

4.2.65. Murilo Mota

O advogado, jornalista, editorialista do Correio do Ceará brota na pesquisa, em artigo, "Um Velho Precursor", no Jornal A Rua, coroando a prática pedagógica do Prof. Joaquim Nogueira na imprensa local., encontra-se transcrito no corpo deste trabalho. (CEARÁ, 1914) (Tpr)

4.2.66. Nestor Lima

O educador potiguar da Escola Normal de Natal , Nestor Lima, surge nas minhas pesquisas em correspondência direcionada ao Prof. Nogueira, datada em 21/05/1915. (CEARÁ, 1915) No texto o autor se solidariza com o Prof. Joaquim Nogueira, pela morte do filho. Outros textos são publicadas na Revista Escolar do Instituto de Humanidades, em que o assunto se relaciona à Educação. Um em particular, chamou-me minha atenção, em que Nestor Lima, corrige o texto da referida revista, que trata da origem do nome do estado do Rio Grande do Norte. (TPP).Segue trecho:

A "Revista Escolar", de Fortaleza, Ceará, dirigida pelo emerito Prof. Joaquim da Costa Nogueira, em seu nº 8 do corrente mez, tratando das-"Origens" dos nomes dos Estados do Brasil, asseverou: "Rio Grande do Norte- sua origem é devida ao rio deste nome, ou Potengy, que banha o Estado".Tal é, aliás, a noção que corre mundo em os diversos trabalhos de chorographia que teem ferido esse ponto da nossa nomenclatura especial. Entretanto, não me parece lógica ou verosimil, nem justa a origem attribuida vulgarmente ao nome deste Estado, mas considerando-a como um equivoco, ou engano de muitos annos e muitos auctores, que merece contradicta para a devida correcção. [...] (LIMA, 3/1926, P.2)

4.2.67. Nogueira Accioly

O oligarca governou o Ceará durante 16 anos, porém foi deposto, através das armas, em 24 de janeiro de 1914. A revolta popular foi consequência da indignação contra o autoritarismo e desmandos da oligarquia apiolina. Para se manter no poder por tanto tempo, a oligarquia contou com o apoio político do Governo Federal e de coronéis do Interior (a “política dos governadores”), e usou e abusou da fraude eleitoral, voto de cabresto, nepotismo, desvios de verbas. Ademais, espancou adversários, empastelou jornais oposicionistas e reprimiu trabalhadores, como foi o caso em que a polícia disparou contra os catraieiros que ousaram fazer greve a 3/1/1904, matando sete e ferindo 40. Com a chacina, a oposição política à oligarquia cresceu na Capital reunindo oligarquias dissidentes, profissionais liberais, comerciantes, populares e intelectuais como Rodolfo Theophilo, João Brígido e Antonio Salles. Surge na pesquisa como personagem antagônico ao meu biografado. Joaquim Nogueira foi difamado em diversos artigos de jornais que apoiavam a oligarquia, como consta no corpo desta pesquisa e fez oposição ferrenha ao oligarca em textos publicados na Revista Escolar. (NIREZ, 2001) (Tpr e Ant.)

4.2.68. Orlando Correa

Orlando Correa ministrou Civismo e Geografia, para o primeiro ano do curso secundário do Instituto de Humanidades. (BINDÁ, 2008). Encontrei-o em fotografia do corpo docente do Instituto de Humanidades, no Livro de Matrículas do Instituto. No arquivo público do Instituto do Ceará. (Tpr)

4.2.69. Paulo Eleutherio

Ex aluno do Instituto de Humanidades, acadêmico da Universidade de Manaus e substituto da Escola Normal do Amazonas, em carta datada de 14/09/1914, o autor refere-se às boas lembranças enquanto aluno do Instituto de Humanidades. (TPP) A correspondência foi escrita em papel timbrado do

Instituto de Humanidades, mesmo quando não mais era aluno de lá, o que sob minha percepção, reforça o teor afetivo da correspondência:

Hei por muito bem passado o dia de hoje, antes que o sol haja atingido o Zenith. Bôa parte desta clara manhã de setembro vivificou o meu espírito ansioso de lus, na convivência superior que mantive com o ilustrado professor Joaquim da Costa Nogueira, muito preclaro mestre, meu e de todos os que na pugna incruentas do estudo, assentam os alicerces de seu futuro. Não sei mesmo de outra impressão igual a de hoje, nesta minha viagem de observação do meu país. O professor Nogueira já era espiritualmente um dos meus queridos mestres, através de seus trabalhos pedagogicos, originaes e flagrantes de alto poder intuitivo. A sua Revista Escolar , que sempre ocupou destacado lugar em minha estante, foi o primeiro vehiculo de nossa aproximação intellectual e, valioso meio esse de vulgarização, infelizmente o único em todo o norte brasileiro, em seu genero! Mas, da minha admiração pelo professor Nogueira e seu Instituto de Humanidades longe estaria a magnifica impressão de hoje, que muito singelamente deixo inserta, nesta página solta. Sobretudo porque da theoria escripta passei a ouvir e assistir a pratica, muito meticulosa e precisa, que é o grande apanagio da methodologia nova que adnota o professor Nogueira, ensinando, ao mesmo tempo, que diverte o espirito do alumno.

Que antecipadamente me desculpe o velho professor cearense, mas hei de importunar-o de agora em diante com as minhas consultas à sua proficiência, onde quer que esteja entregue à difficil missão de crear novos elementos para os futuros dirigentes da nossa Patria.

A minha maior tristeza em tudo isso é não ter sido seu discípulo desde creança. Valha-me, porém, a certeza de que o distincto mestre não me regateará nunca o conforto de suas licções. Nestes rápidos traços impressionistas, saúdo no pro Nogueira a nobre classe dos professores cearenses.

Fortaleza, 14-09-1914

Paulo Eleutherio

(Academico da Universidade de Manáus e substituto da Escola normal do Amazonas) (CEARÁ, 1914)

4.2.70. Paulo Sarasate

Filho do maestro Henrique Jorge Ferreira Lopes e de Júlia Jorge Ferreira Lopes, nasceu em 3 de novembro de 1908. Concluiu os preparatórios no Liceu do Ceará, em 1925. Muito jovem ingressou na Faculdade de Direito, colando grau em 8 de dezembro de 1930. Sua vocação para o magistério se solidificou quando, juntamente com o Dr. Antônio Filgueiras Lima, fundou, em 1938, o Colégio Lourenço Filho, do qual foi diretor. Com o jornalista e colaborador do Collegio Nogueira, Perboyre e Silva dirigiu o panfleto "A Farpa" iniciativa que lhe custou muitas perseguições e dissabores. Redigiu com Demócrito Rocha, seu sogro, a revista "Ceará Ilustrado", e foi ainda com Demócrito que em 7 de junho de 1928, fundou o jornal "O Povo", do qual foi redator-chefe e diretor. Como

político foi deputado, senador e governador do Ceará. Faleceu no estado da Guanabara-RJ, em 1968. (NIREZ, 2001) Foi aluno, do Prof. Joaquim Nogueira, no curso primário, do Instituto de Humanidades, e o magistério primário foi a sua primeira atividade, fazendo parte do corpo docente do Instituto de Humanidades. Paulo Sarasate saltou à pesquisa, também, como colaborador de textos para o “Anno Escolar” e “Revista Escolar”. Situa-se na Teia Profissional de Prof. Joaquim Nogueira. Em texto intitulado “Tonifiquemos o Civismo”, o autor trata da destruição do sentimento cívico:

Corroído pelos alicerces, o sentimento másculo do Civismo, no Brasil, pouco a pouco, vae degenerando, num ameaço de quêda, debilitado profundamente, com uma enfermidade que já se vae tornando chronica. As paginas rutilas da História Patria, ponteadas de tantos actos de intrepidez, de abnegação e patriotismo, não são mimoseadas com o carinho e o acatamento que lhes são devidos. Os nomes gloriosos dos nossos heróes, atirados ao abysmo negro do esquecimento, mergulhados na bruma de um revoltante desprezo, raro, despontam no coração da nacionalidade.

[...]

Paulo Sarasate

(Academico de Direito- Prof do Curso Primário 0º anno)

(SARASATE, 1926, p.2)

4.2.71. Pedro da Costa Nogueira

O escrivão do município de Milagres, apresenta-se como parente de Joaquim da Costa Nogueira em correspondência pessoal, em virtude do assassinato de José Nogueira, no livro “Cartas de pessoas amigas dirigidas ao Joaquim Nogueira sobre a morte do seu filho José”, no Arquivo Público do Estado do Ceará. (CEARÁ, 1914) (TP)

4.2.72. Plácido Aderaldo Castelo

O advogado, jornalista, prefeito de Fortaleza e governador do Ceará, Plácido Aderaldo Castelo foi colaborador e editor da Revista Escolar do Collegio Nogueira para os anos de 1925 e 1926. (Tpr). Em discurso após ser proclamado governador do Estado do Ceará, narra como começou a trabalhar com o Prof. Joaquim Nogueira:

Soubemos que no colégio particular do saudoso professor Joaquim Nogueira, precisava-se de um auxiliar. Não hesitei junto aos parentes: não voltarei, vou conseguir o lugar. A declaração foi recebida quase com hostilidade, ao mesmo tempo que se feriam os brios do moço. Procurei o professor Joaquim Nogueira, conversamos, acertei comparecer dia e hora. E o Diretor, após a aula que ministrava, convidou o jovem candidato a ocupar o posto. Pus em prática o que assimilei naquele momento: “que analogia há entre as palavras pão, mão, são? – Palavras monossilábicas. – Outra analogia? – ditongos nasais. E continuei: que analogia, entre as palavras: Fortaleza, Natal, Belém? – São substantivos próprios locativos. Outra analogia que não seja gramatical? – São capitais de Estado”. E assim, intercalando conhecimentos gerais, terminei a aula. Fui aceito, ganharia 25% do que pagavam os alunos. Mais de setenta mil réis, importância que me livrava de regressar ao sertão. (CEARÁ,1966, s/p)

4.2.73. Papi Júnior

Nasceu no Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1854 e faleceu em Fortaleza no dia 30 de novembro de 1934, aos 80 anos de idade. Veio jovem para Fortaleza, onde fixou residência e constituiu família. Exerceu toda a sua atividade profissional no comércio e no magistério tendo ensinado várias disciplinas no Liceu do Ceará. Foi romancista, teatrólogo, contista, crítico e poeta. Teve uma intensa atividade literária e, em companhia de outros intelectuais, fundou jornais e revistas como “O Domingo”, “A Avenida” e “O Ceará Ilustrado”. Pertencia à “Padaria Espiritual” e ingressou na “Academia Cearense de Letras” no dia 8 de setembro de 1922. Na primeira reorganização ocupou a cadeira 34 e, na segunda, a 27, cujo patrono era o romancista Oliveira Paiva. Em 1951 foi escolhido patrono da cadeira número 5 da ACL. Pertenceu ao Centro Literário. (NIREZ, 2001). O literato surge nas pesquisas como colega de Joaquim Nogueira, no Liceu do Ceará e como colaborador no Anno Escolar.

4.2.74. Pedro Eugênio de Sousa

O comerciante, Pedro Eugênio de Sousa, proprietário da Sorveteria Nice, em Fortaleza, em nota publicada na imprensa em 16/11/1907, agradece ao Prof. Joaquim Nogueira pelos serviços prestados em favor da educação dos seus filhos e da sociedade cearense. (CEARÁ, 1907) (Tpr)

4.2.75. Pedro Pinto de Mendonça

Pedro Pinto de Mendonça é provável parente do Professor Nogueira, pois o seu sobrenome é o mesmo de solteira da mulher do meu biografado, Sra. Olívia Pinto de Mendonça. Todavia, surgiu na pesquisa em sua teia profissional como auxiliar no internato do Instituto de Humanidades. (Tpr) (BINDÁ, 2008)

4.2.76. Raimundo de Arruda

Raimundo de Arruda, professor de Português e ex deputado estadual, presença recorrente, no Café Elegante, junto ao Prof. Joaquim Nogueira. (GIRÃO, 1959). O reconheci na Teia Pessoal do meu biografado. (TP)

4.2.78. Rodolpho Teophilo

O farmacêutico, sanitarista e literato Rodolpho Teophilo, emerge na pesquisa como colega de trabalho do Prof. Joaquim Nogueira, no Liceu do Ceará. Era professor da cadeira de Meteorologia, Mineralogia e Geologia, enquanto o meu biografado era professor da cadeira de Desenho. Grande benemérito no Ceará, onde viveu toda a vida, nasceu na Bahia, em 6 de maio de 1856. Participou ativamente da campanha abolicionista no Ceará, primeira província brasileira a declarar livres os seus escravos. Foi Padeiro Mor (presidente) da Padaria Espiritual, em sua terceira gestão. Autor de diversos livros, dedicou-se aos mais diferentes gêneros. A partir de 1900, até o final da vida, dedicou-se à campanha pela vacinação, sem apoio governamental, contra a epidemia de varíola, causando-lhe todo tipo de perseguição política. Faleceu em 1932. (Tpr)

4.2.79. Monsenhor Quinderé

José Alves Quinderé, filho de Maranguape, nasceu a 1 de janeiro de 1882, ainda adolescente encaminhou-se ao Seminário Episcopal de Fortaleza. Teve

sua educação custeada pela irmã Tereza Gagné, madre superiora do Colégio da Imaculada da Conceição. Em 1910 foi nomeado Professor de Latim do Liceu do Ceará, e em 1913 funda o Colégio Cearense. Foi deputado estadual por duas vezes. Escreveu obras de diversos gêneros, literários, históricos e apostólicos. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2007 p. 2) Pe. Quinderé emerge na pesquisa sobre o Prof. Nogueira junto a ele em sua atividade profissional, no Liceu, e como uma das figuras que, em oposição ao meu biografado, contesta o Professor quando ele quer levar à frente a investigação sobre as rasuras de notas em sua caderneta. Ver “O recomeço de vida profissional e o começo do fim da vida” neste trabalho. (TPr)

4.2.80. Sixto Bivar

Sixto Bivar, funcionário da Livraria de Hermínio Barroso e assassino de José Nogueira. Fazia parte do círculo de amizade da família de sua vítima. Na obra, “Meu Filho”, de Joaquim Nogueira, o professor relata que o assassino do seu filho por diversas vezes frequentou a sua casa, como se um parente fosse. (NOGUEIRA, 1915). Foi absolvido na terceira sessão do Júri. Após a sua absolvição mudou-se para o Rio de Janeiro e a sua família que ficou em Fortaleza, mudou de nome para que não fosse estigmatizada. (TP e Ant.)

4.2.81. Soriano Albuquerque

O historiador, jornalista e poeta Soriano Albuquerque, foi um dos colaboradores mais atuantes na Revista Escolar do Instituto de Humanidades e Collegio Nogueira. Foi bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife e Juiz de Direito do Crato e de Barbalha. Professor, dirigiu o Colégio Leão XII (Crato) e em Barbalha, onde criou cursos para os comerciantes. Ensinou na Faculdade de Direito do Ceará, em que instituiu a cadeira de Sociologia no currículo oficial. Membro da Plêiade e do Instituto do Ceará. Patrono da cadeira nº 27 da Academia Cearense de Letras. (NIREZ, 2001). Encontra-se na teia profissional do meu biografado. (TPr)

4.2.82. Virgílio Cardoso de Oliveira

Virgílio Cardoso de Oliveira, foi Diretor de Ensino Municipal de Belém-PA e do Instituto Cívico Paes de Carvalho. Autor de livros escolares “A Pátria brasileira”, “Leitura Cívica” e “Mosaico infantil”, destinados ao público infante juvenil. Tais livros foram adotados no Instituto de Humanidades. (BINDÁ, 2008). Desponta na pesquisa na rede profissional de Joaquim Nogueira. (TPr)

4.2.83. Waldemar Falcão

O magistrado Waldemar Falcão é um dos mais assíduos colaboradores da Revista Escolar do Collegio Nogueira. Encontrei diversos textos dele, nos anos de 1925 e 1926. O magistrado nasceu em 25 de janeiro de 1895, na cidade de Baturité, Estado do Ceará. Após os estudos primários na terra natal, matriculou-se, em 1908, no Liceu do Ceará (Fortaleza), permanecendo até 1911, quando, com a reforma do ensino, procedida por Rivadávia Correa, efetuou estudos especiais que lhe permitiram prestar o exame de admissão à Faculdade de Direito do Ceará, na qual ingressou em 1913. Conquistou o título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1916. (NIREZ, 2001) Encontra-se na teia profissional de Joaquim Nogueira. (TPr)

5 CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA



Imagem 28: José Mendonça Nogueira, aos 22 anos de idade. Sobre esta foto Joaquim Nogueira informa que: “Último retrato de José, tirado mezes antes de sua morte, quando risonho, nem previa o fatal e inopinado sacrifício que, dias depois o aguardava. Era seu firme intuito o reproduzir-se em innumeros postaes, de que deixou nítidas e belíssimas provas, afim de levar aos seus amigos as saudações alegres de Festas e Anno Novo que se aproximavam” Fonte: Arquivo Público do Estado do Ceará.

5.1. Assassinato de José Nogueira

Sua voz não mais a ouvimos; seus ouvidos estão surdos aos nossos clamores; seus olhos vítreos; cerrados para sempre, não mais se irradiam sobre nós; sua fronte é fria, insensível ao calor dos nossos beijos; seu coração não mais palpita de encontro aos nossos; seu corpo é cinza, não mais o prendem os nossos abraços!... (NOGUEIRA, 1915, P. III)

Ao passar defronte à Delegacia de Polícia, Joaquim Nogueira, percebeu um grande número de pessoas, curiosas, ao que acontecia. Fez pouco caso e

não quis se envolver, afinal já era quase o final da manhã e o professor muita coisa ainda havia de fazer no decorrer do dia.

Atravessou lentamente a multidão com discrição, quando foi alertado por um negociante da Praça José de Alencar, Sr. Américo Justa que aquela confusão estaria relacionada a ele. Pára, sem entender o que o comerciante falou, quando este prosseguiu: “Professor, aquilo é com o seu filho. Ele acaba de ser preso”.(NOGUEIRA, 1915).

Sem acreditar no que ouvia, imediatamente, passou pela multidão às pressas, e se dirigiu ao Posto onde se encontrava José Nogueira. Sentiu-se constrangido com a situação, sobretudo porque a própria arquitetura do Posto, não colaborou para que as partes fossem ouvidas discretamente. Quem estava na rua conseguia perfeitamente acompanhar tudo o que se passava na sala de audiência das partes envolvidas. E plateia nunca falta para confusão.

Ao entrar, viu o filho, calmamente, sentado ao sofá da sala e ao seu lado, em pé, com os braços cruzados sobre o peito, transtornado, encontrava-se o amigo Sixto Bivar. Percebeu que em outra sala se faziam presentes o Dr. Hermínio Barroso, chefe da Casa Barroso & Cia; o tenente de artilharia Ernesto Ramos de Medeiros, comandante do 2º Corpo de Polícia do Estado e outras pessoas que o nervosismo pela situação, não o deixou identificar. Tentou sem sucesso saber pelo escrivão de polícia o que havia acontecido, este não soube informar do que se tratava, muito menos o guarda que se acomodou no lugar do chefe. (NOGUEIRA, 1915)



Imagem 29: Retrato em pose de José Mendonça Nogueira, aos 21 anos de idade, em foto de 1912. Fonte: Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará do Ceará.

Atônito e inquieto com a situação dirigiu-se ao filho e perguntou-lhe o que havia acontecido. José Mendonça entristecido em vê-lo tão aflito contou o ocorrido ao pai, ao que o Joaquim Nogueira disse-lhe: “Sem rodeios”. O rapaz narrou o que se passou sob os olhares atentos do pai:

Mas, papae, eu preciso relatar primeiramente o que ocorreu entre mim e o Sr. Sixto, na Libro Papelaria, afim de justificar o acto que acabo de cometter. Como disse, fui à casa dos Srs. Hermínio Barroso & Cia, pedir uma conta de venda de romances que lhes tinha consignado. O Sr. Sixto então me disse que só no fim do anno; que a consignação estava escripturada em livros. Ponderei-lhes que precisava prestar minhas contas às Emprezas, que as fazia mensalmente e que aquella escripturação podia ser feita em livros mais simples e mais faceis de uma liquidação (MEU FILHO, 2015, P.19).

O comerciante, Sixto Bivar, de forma grosseira, fez pouco caso do pedido do jovem editor, chamou-o de gatuno e, além disso, o advertiu a pagar uma suposta dívida do professor Joaquim Nogueira junto ao comércio em que trabalha. O jovem, descontrolado com a injúria, avançou rumo ao comerciante e a briga foi apartada pelo Dr. Baltar. Todavia, antes de sair, avisou ao Sixto Bivar que, na primeira ocasião, exigiria uma satisfação.

Passada uma semana desta ocasião, José Mendonça encontrou Sixto Bivar no Café Java. Calmamente, pediu uma satisfação ao Sixto pela injúria a ele e ao Prof. Joaquim Nogueira. Sixto Bivar, ainda a remoer a raiva do acontecimento passado, sacou um revólver do bolso e disse-lhe: “A satisfação é essa!” Os dois rolaram no chão e com a mão esquerda, José Nogueira, conseguiu desviar a arma do seu corpo. Ambos foram levados à delegacia de polícia.



Imagem 30: O Café Java localizado na Praça do Ferreira foi o berço da Padaria Espiritual e local onde José Nogueira e Sixto Bivar brigaram. 1915. Fonte: Arquivo Nirez.

Assim que tomou conhecimento sobre o ocorrido, o Prof. Joaquim Nogueira exigiu uma providência da polícia e percebeu a ausência da autoridade ao que se ressentiu. Horas depois os dois jovens saíram da delegacia. Antes disso, o mestre-escola perguntou, indignado, ao delegado se ao menos o Sixto Bivar havia sido desarmado, já que foi solto, mesmo ameaçando José Nogueira de morte. Estarrecido com a imprudência da polícia no caso, saiu da delegacia dizendo que constituiria advogado para denunciá-lo por tentativa de morte.

Ao sair foram rodeados por algumas pessoas que viram o ocorrido e queriam acompanhá-los até em casa, porém, o professor Joaquim Nogueira receoso de que sua esposa, D. Olívia, fosse acometida por grande emoção, agradeceu-lhes o apoio, mas seguiu com o filho para casa. Mesmo assim, o Dr. Carlos Rodrigues, vizinho do professor e o seu ex-aluno José de Castro Monte, insistiram em acompanhá-los.

Após o ocorrido, sem a noção do que poderia realmente acontecer-lhe, José Nogueira, insistiu em ir ao ensaio do Grupo de Theatro João Caetano, pois estavam ensaiando uma peça para apresentarem na primeira oportunidade. Sobre os grupos dramáticos que coabitavam a cidade Lima afirma que:

No início do século XX foram aparecendo outros teatros e grupos dramáticos na capital cearense, como por exemplo, o Theatro João Caetano ; o Theatro Iracema ; o Theatro Rio Branco ; o Theatro Art Nouveau e o Theatro Polytheama . Alguns desses teatros surgiram por investimentos de empresários, mas também por iniciativas de grupos dramáticos ou sociedades esportivas, como por exemplo, o Theatro João Caetano. Este foi oriundo do Clube Atlético, que era uma sociedade esportiva formada por jovens do comércio, onde além das práticas atléticas, também organizavam seus dramas, tragédias, etc. (COSTA, 1972, p. 25 -26). Tais teatros e grupos dramáticos foram desenvolvendo práticas sociais e culturais na cidade de Fortaleza, nas quais foram ganhando contornos diversos, pois os teatros particulares não eram apenas investimentos de empresários, também eram espaços de diversões e sociabilidade de parte da sociedade fortalezense. (LIMA, 2010, p. 4)

José Nogueira que fazia parte do Grupo há bem pouco tempo, muito se entusiasmou com a descoberta de suas possibilidades como ator. Insistiu com o pai para que não faltasse ao ensaio, todavia, Joaquim Nogueira, negou-lhe o pedido e o levou para casa, para dar explicações à sua mãe.

D. Olívia Mendonça encontrava-se na sala em conversa animada com uma visita. Ao tomar conhecimento da nova ida do filho à delegacia o repreendeu pelo fato dele ser filho de um educador. Até então, a preocupação da senhora baseava-se no que a sociedade fortalezense iria dizer sobre o comportamento do filho de um professor, entretanto quando ouviu a palavra “revólver” no relato do filho, pressentiu o perigo pelo qual o filho passou. Inquieta e amedrontada, insistiu para que ele não retornasse, naquele dia, ao ensaio do grupo ao que o filho retrucou:

‘Mamãe, vou somente ao ensaio e, logo que termine, voltarei para casa. Mamãe, tranquilize-se, acalme-se! Hoje é a festa do Dr. Salgado... Já não vou mais à festa. Socegue. Vou com papae e volto com elle’. (NOGUEIRA, 1915, p.21).

Com a promessa do filho, D. Olívia, mais calma, respirou aliviada e deixou que o filho fosse ao tal ensaio, mas na companhia do pai. Assim, Joaquim Nogueira levou o filho ao ponto para que ele pegasse a condução. Durante a caminhada lhe fez uma série de recomendações para que não se envolvesse novamente em briga com Xisto Bivar. Ao despedir-se do filho, na Praça do Ferreira, no ponto final do bonde, o pai preocupado advertiu-o mais uma vez: ‘Não se exalte com o que fez. Evite os comentários. Faça-se de tímido. Espero-o aqui no mesmo ponto.’ (NOGUEIRA, 1915, p.21).

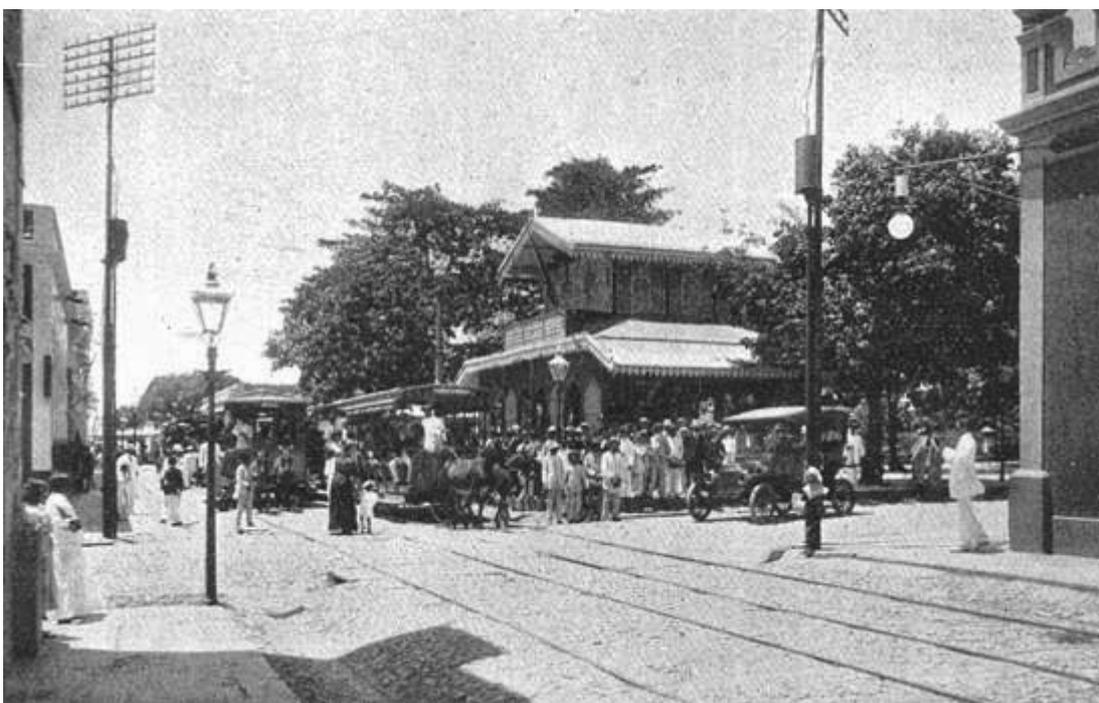


Imagem 31: Ponto de Partida dos Bondes Elétricos na Capital Cearense, localizava-se na Praça do Ferreira. Na foto observa-se, também, o Café Java. (Fonte: Arquivo Nirez).

Neste mesmo ano, 1914, os bondes elétricos chegaram à cidade e eram um dos meios de transporte mais utilizados pela população fortalezense. Era a novidade que o progresso trouxera para a cidade. Sobre os bondes elétricos Aderaldo afirma:

Em 1914 teve início a era dos bondes elétricos. Havia bondes de tostão em “tostão” e de “dois tostões”, isto é, de cem e de duzentos réis, que eram identificados pela cor de suas testas, o de segunda classe era prateado e o de primeira classe era pintado de verde. Os cupons das passagens, destacados pelos cobradores, condutores, como eram impropriamente chamados) à vista dos passageiros, eram a estes entregues porque valiam a centésima parte de seu preço, desde que resgatados em favor de associações de caridade, como a Santa Casa ,

o Asilo de Alienados, o Leprosário etc. Dessa forma, a empresa concorria para aquelas filantrópicas entidades e, ao mesmo tempo, controlava o movimento de passageiros, para efeito de tomada de contas.(ADERALDO, 1998, p.41)

Vários acontecimentos e inaugurações, para a melhoria do povo, sinalizaram Fortaleza como uma cidade que não estava aquém da evolução que acontecia no mundo. O Asilo dos Alienados São Vicente de Paulo, inaugurado a 1º de março de 1886, já prenunciava Fortaleza na vanguarda da saúde pública. Com a presença de inúmeras autoridades políticas, econômicas, médicas e religiosas, o médico Guilherme Studart, o Barão de Studart, em discurso afirmou que a ciência conseguiria grandes resultados sobre a loucura pela substituição de práticas severas e coercitivas, por trabalhos de jardinagem, horticultura e outros. Além disso, o Barão de Studart, solicitou que jamais fosse feito o uso de algemas, camisola, instrumentos reprovados pelos asilos europeus. (PONTE, 1993).

Enquanto aguardava a volta de José, o pai Joaquim Nogueira saiu à procura do Dr. Raymundo Ribeiro, magistrado e lente da Faculdade de Direito, com a finalidade de lhe contar o ocorrido e processar Sixto Bivar. Perambulou pelas praças, avenidas, cinemas, cafés à procura do amigo, afinal, quase sempre o encontrava à noite, num desses locais, para uma conversa informal, o que fortalecia a relação de uma boa amizade.

Fortaleza já possuía alguns equipamentos, para o lazer da população, é bem verdade que, muitos deles expressavam, especialmente, as divisões das classes sociais, em sua estrutura: O Teatro José de Alencar, de 1910; os Jardins da Praça do Ferreira, de 1902; da Praça da Sé e do Patrocínio, de 1903; a Praça do Passeio Público, os animatógrafos do italiano Victor Di Maio, instalado na atual Rua Guilherme Rocha, nos fundos do Maison Art Nouveau ; e o do italiano Messiano, à Rua Major Facundo, e o de Júlio Pinto.(PONTE, 1993).

Enquanto Joaquim Nogueira procurava pelo amigo, na busca de uma medida jurídica para a ameaça de morte contra o seu filho; a Sra. Olívia, mesmo com o coração apreensivo e ainda, aos sobressaltos, encontrava-se junto aos meninos internos, no Instituto de Humanidades, coordenando as últimas atividades, antes de levá-los para dormir, aproximadamente, às 19h30min.

Mesmo com tantas atividades, o que aconteceu a José, não saiu de sua cabeça. Ansiosa e sufocada pelo susto que teve, dirigiu-se à casa vizinha, após os meninos do Instituto deitarem, para arejar um pouco a cabeça e conversar amenidades, mas não houve jeito, entre uma palestra e outra, o ocorrido com o seu filho que marcou profundamente o coração daquela mãe, sempre retornava à conversa daquelas duas senhoras, sentadas à porta de casa.

Repentinamente, perceberam a passagem de Sixto Bivar, pela mesma calçada, onde se encontravam sentadas, em direção à casa que era fronteira com a da família Nogueira. Ali, perto de uma casa em construção, permaneceu parado, como de tocaia, entretanto ao ser surpreendido por um guarda civil que vigiava a obra, saiu, apressadamente, de cabeça baixa.

Encorajada pelo impulso de proteger o filho-o pressentimento materno, tão subjetivo e pouco compreendido- a Sra. Olívia correu em perseguição ao Sixto Bivar, sob os gritos e o olhar aflitos de sua vizinha para que ela não fosse ao encontro de Sixto. Mesmo com a sua falta de preparo físico para tão inesperado exercício, e segurando tantas saias que compunham sua vestimenta, ela correu com o fôlego e a rapidez de uma criança.

Ao se perceber seguido, Sixto Bivar, se escondeu numa viela perto da Praça dos Voluntários e desapareceu na escuridão. Ela vasculhou todo o quarteirão pelas ruas do Rosário e Pedro Borges e não mais o encontrou.

Ao perdê-lo de vista, Dona Olívia, ofegante, voltou para casa e pensou que, talvez tivesse se excedido, afinal José estava sob a tutela do pai; além do quê, o jovem prometeu não ir à festa do Dr. Eduardo da Rocha Salgado, no Clube dos Diários. Pensando assim, tranquilizou-se. A vizinha oferece-lhe um copo d'água e mais uns minutos de companhia.

O Club dos Diários, onde o Dr. Salgado promovia uma festa, foi fundado um ano antes, em 18 de março de 1913, era considerado um dos clubes mais frequentados e festejados pela sociedade Fortalezense. Seus fundadores foram João Garcia Arêas, Francisco da Costa Freire, Martiniano Silva, João MacDowell Guerreiro Lopes, César Cals de Oliveira, Henrique Jorge, além do próprio José Mendonça Nogueira. O Clube tinha a direção de Eliéser Studart da Fonseca e atingia ares aristocráticos, sendo frequentado também por Antônio Alves de Carvalho, Barão de Camocim, Joaquim Magalhães, Edgar Borges, José Sombra,

Idelfonso Albano, além das moças Liberalina Leite Barbosa, Ester Salgado, Leonísia Studart, Anita Borges, Núbia Baima e outras. (GIRÃO, 1959).

Joaquim Nogueira, ainda alheio à inusitada atitude de sua esposa conversou por um longo tempo com o Dr. Raymundo Ribeiro, sobre os último acontecimento por que passou seu filho. Decidiram, então, protocolar uma peça jurídica que fizesse com que o Sixto Bivar pagasse, em juízo, pela ameaça desferida a José. E assim foi o combinado.



Imagem 32. D. Olívia Pinto Mendonça e o Prof. Joaquim Nogueira no túmulo de José Mendonça Nogueira, localizado no Cemitério São João Baptista, em Fortaleza. Em pose, a imagem retrata a dor no semblante do casal Nogueira que homenageava o filho morto há exatos dois anos, revelada pelo ano manuscrito em tinta esferográfica, no lado superior direito da fotografia. O túmulo está repleto de homenagens e coroas de flores, demonstrando que o assassinato de José Mendonça e sua lembrança ainda estavam vivos na memória da cidade e mais do que nunca na vida do casal. O Prof. Nogueira enquanto foi vivo e após a morte do filho, encomendou as missas de aniversário de morte do rapaz, todos os anos, em todas as igrejas de Fortaleza. Fonte: Livro de Carta de Pessoas Amigas Dirigidas ao Prof. Joaquim Nogueira Sobre a Morte de Seu Filho- Arquivo Público do Estado do Ceará.

Ao se dar conta da proximidade do horário combinado com José para o seu retorno, despediu-se do magistrado, combinando se reencontrarem na mesma semana para colherem as assinaturas dos documentos. Dirigiu-se à esquina da Praça do Ferreira, fronteira ao Hotel Central, à espera do bonde que deveria trazê-lo. Enquanto aguardava, encontrou-se com um parente, Dr. Pedro Riquet Nogueira com quem manteve animada conversa. Neste momento, chegou o Dr. Arthur Eduardo de Oliveira, chefe da casa Lundgren, que lhe abraçou e lhe parabenizou pela atitude corajosa de José Mendonça, no último encontro que teve com Sixto Bivar.

Quando se desvencilhou do afetuoso abraço, percebeu que algumas pessoas o cercavam com um misto de curiosidade e perplexidade e retirou-se, incomodado, para o Café Riche, onde se encontrou com o parente e amigo Coronel Alfredo Dutra, que já estava à sua procura por saber do assassinato de José Nogueira. Antes que o amigo lhe preparasse para receber tão triste notícia, um guarda civil aproximou-se e bruscamente lhe informou: 'Mataram seu filho'. (NOGUEIRA, 1915, p.22).

Naquele momento, enquanto o mestre-escola processava a notícia, olhou para o infinito e percebeu que nada no mundo tinha cor. O céu escureceu, a vegetação e as flores da praça, em tons de cinza se configuraram; as pessoas ao seu redor perderam a importância, não conseguia mais escutar uma palavra; o silêncio de todas as dores do mundo se concentraram nele. Partiu, com ajuda das pessoas, ao encontro de José, esperançoso de que ainda fosse o encontrar com vida.

Primeiramente, José foi levado para a Pharmacia Pasteur pelo grupo de amigos que presenciaram à cena, mas devido aos graves ferimentos morreu por lá. Após a constatação do óbito, o corpo foi encaminhado para a Santa Casa de Misericórdia para que fosse autopsiado. Em documento expedido pelo delegado de polícia, Alípio Ferreira Baltar, em 29 de outubro de 1914, há a informação de outra vítima, mas não fatal:

Em 29 de outubro de 1914

“Chegado ao meu conhecimento, que hontem, por ocasião do lamentável facto do assassinato do inditoso môço José de Mendonça

Nogueira, à rua Barão do Rio Branco, a senhorita Laís Alves Lopes, filha do Coronel João Baptista Lopes, recebera um ferimento por um dos projectis disparados pelo assassino Sixto Bivar, ordeno ao escrevente Isaías Gomes de Mello que intime nesta capital, aos doutores Sinval de Borba Vasconcellos e Amadeu Furtado para comparecerem hoje às 12 horas do dia, na residencia dos paes da referida senhorita, à Praça dos Voluntários, afim de, na qualidade de peritos, procederem na mesma ao necessário exame de corpo delicto. Cumpra.

Alípio Ferreira Baltar. (CEARÁ, 1914)

A notícia da morte do jovem José Mendonça Nogueira correu rapidamente entre a população e nos jornais do Ceará, que causou grande comoção não só na capital, mas em outras localidades aonde a notícia chegou. A surpresa e a dor por muitos que receberam a notícia foram retratadas nas correspondências recebidas pelo casal Nogueira, durante meses e anos após o incidente, muitas delas estão transcritas no capítulo em que trata da sua Teia de Sociabilidades, em capítulo anterior.



Imagem 33: Fachada da segunda sede do Clube Iracema, imóvel ainda existente, localizado na antiga rua Formosa, hoje Barão do Rio Branco, onde, atualmente funciona, o Instituto do Ceará. Este foi o local do assassinato de José Mendonça Nogueira. O moço, segundo depoimentos das testemunhas nos autos do processo sobre sua morte, estava nas escadarias do prédio, quando foi atingido, pelas costas, pelo primeiro projétil de uma arma Mauser em posse de Sixto Bivar. O Clube dos Diários, nasceu de uma dissidência do Clube Iracema, e que se instalou no dia 23, no Palácio Guarani, no mesmo local antes ocupado pela Associação Comercial do Ceará. Depois juntou-se ao Club Iracema, denominando-se Club Diários-Iracema. José Mendonça Nogueira foi um dos seus fundadores. (Fonte: www.fortalezaemfotos.com.br)

José Mendonça foi velado no salão nobre da Assembleia Legislativa do Ceará, em sessão promovida pelo Grupo de Theatro João Caetano, do qual o rapaz fazia parte. Representantes do Club dos Diários, do Club Iracema, Sporting Club, Centro Academico, Grupo “Admiradores de Thalma”, Colônia Baturiteense, Gabinete Camonieense de Leitura e tantas outras agremiações por que José Nogueira frequentou ou era sócio estiveram presentes e prestaram homenagens ao jovem.(NOGUEIRA, 1915, p.71).

5.2 – O Impacto da tragédia: O Instituto de Humanidades e a Typographia Escolar fecham as portas

“Ao Exmo Sr. Joaquim da Costa Nogueira, o Padre Luiz Marciglaga envia sentidos pezames pela tremenda desgraça que o feriu, sentindo sinceramente a suspensão do “Instituto de Humanidades” e da apreciada “Revista Escolar”. Agradeço a comunicação. Gymnasio S. Joaquim-Lorena-São Paulo.” (NOGUEIRA, 1915. p.65)

A morte do filho no seio da família Nogueira foi um evento devastador. A partir daí, surgiu um outro Joaquim Nogueira. Um homem que, abatido, nem de longe lembrava o mestre-escola vigoroso e entusiasmado pelo que fazia. A morte do filho fez nascer um homem dilacerado por uma dor profunda, que carregou por toda uma vida.

O Instituto de Humanidades e a Typographia Escolar cerraram suas portas, sem a esperança de um dia voltarem a funcionar. O velho educador sofreu alterações comportamentais relevantes, o isolamento e o constrangimento social, além do desânimo para as atividades que outrora lhe davam prazer, foram uma constante, nos primeiros anos após a tragédia.

Evitava ao máximo o encontro com pessoas diretamente relacionadas ao acontecimento traumático; entretanto, as conversas com aqueles que se solidarizaram à sua dor foram recorrentes; e os pensamentos relacionados ao triste fim do filho, obsessivamente, não se apagavam de sua alma e coração de pai.

Respirou dia após dia o fim trágico de José. Chegou mesmo a culpar-se pelo ocorrido, afinal o jovem foi morto por não admitir que Xisto o injuriasse. E tocado pelo mais profundo sentimento de justiça, lutou, diariamente, para que o assassino do seu filho fosse punido impiedosamente.

Seleciono aqui, algumas dessas correspondências, que se encontram no Arquivo Público do Estado do Ceará e que ajudaram-me a compor a identidade do meu biografado, neste momento em que o educador sai de cena e dá lugar ao homem exposto às suas fragilidades.

Antes disso, creio oportuno tratar de correspondências como fontes de pesquisa e objeto de partilha, por não estar relacionado apenas a dois sujeitos, mas porque envolve sempre vários correspondentes indiretos, no momento mesmo de sua produção. Para Bezerra e Silva (2009, p 04),

No tratamento das cartas como fonte de pesquisa, é sempre importante buscar conhecer como se deu o início da troca epistolar, ou seja, o processo de troca de informação mediado por cartas ou demais formas de correspondência, que podem ser cartões-postais, telegramas, bilhetes (...).

Muitas das cartas recebidas por Joaquim Nogueira e sua esposa, D. Olívia, que chegaram ao meu conhecimento foram enviadas em função do evento fatídico que ambos vivenciaram e que redimensionou a vida do casal. A troca de correspondências, também, deveu-se ao fato de que o Prof. Joaquim Nogueira compilou uma obra em que narrou a trajetória da vida do filho e todos os detalhes sobre a sua morte, oferecendo-a a todos os que faziam parte de sua teia pessoal e profissional.

Pelo que pude apreender, a obra teve a intenção não só de homenagear o filho morto, como de esclarecer histórias mal contadas relativas ao crime que, certamente, deveriam fazer parte do imaginário local. Uma delas é a suposta dívida de Joaquim Nogueira, na papelaria em que Sixto Bivar trabalhava, e que

foi o motivo da desavença que culminou no assassinato do jovem. Sobre as histórias mal contadas, o mestre-escola adverte:

Mais do que ninguém me cumpre a mim, como pae, amigo e educador do inditoso José de Mendonça Nogueira, trazer ao publico as notas que se encontram em linhas abaixo, as quaes escrevei para os que bem nos julgaram, querendo-lhes dizer com isto que não empregaram mal o seu bom conceito; aos que nos julgaram mal, para que suspendam seu juízo até que a verdade se imponha; para os indifferentes não, porque não é possível sobre este caso haver indifferentes.(NOGUEIRA,1915.p.17).

Há também, por parte do meu biografado, a necessidade de expurgar a dor, o pranto, e agradecer as inúmeras cartas de condolências que recebeu, num só meio. Assim, tais correspondências acabaram por ser uma fonte de fundamental importância para compreender a comoção que o episódio causou à sociedade no seu tempo.

Os sujeitos envolvidos nas cartas, ora são missivistas, aqueles que trocam correspondências e assumem o papel de remetente e destinatário; ora são citados nos textos. Sobre os missivistas, o próprio Joaquim Nogueira, os nomeia em mais de 20 páginas da obra, com votos de agradecimento.

A imprensa internacional também noticiou o trágico acontecimento vivido pelo professor, destaque “O Vegetariano”, de Portugal; “Educacion Popular”, da Espanha; “Revue Internationale”, da França; “Boletim Salesiano”, da Itália; “Revista de la Universidad, de Honduras”; “Gaceta Juridica”, Revista de Instruccion Pública, da Venezuela; “Revista do Museo Social Argentino”, da Argentina; “Anales de Instruccion Pública” e “La Instruccion Pública Primária”, do Uruguai. (NOGUEIRA, 1915) .

Transcrevo algumas cartas escritas por amigos da família Nogueira e colaboradores do Instituto de Humanidades , que me deram a exata noção do sentimento de pesar e indignação que se abateu na sociedade pelo crime e também pela absolvição do homicida. Sobre o crime, o educador potiguar, Nestor Lima escreveu:

Janeiro, 24.

Presado mestre.

Atravez a distancia em que vivo, acaba de me chegar a dolorosa notícia da cruelíssima agonia que vos feriu o coração amantíssimo de pai extremoso, e é assim que venho cumprir o tristíssimo dever de enviar-

vos, bem como a D>Olívia, a expressão amargurada do meu pezar, juntamente com a minha indignação, pela barbara e covarde tragedia que vos roubou, em plena floração de uma existencia radiante e cheia de valorosas promessas, o vosso idolatrado e único filho- José - a quem conheci desde muito novo.

E foi dessa maneira atroz que tivestes o cruciante martyrio de perder o único affecto de 22 anos de cuidadoso e inexgotavel carinho...

Sei que há dores mortaes- e a vossa é uma dessas- para a qual todo consolo é pouco, pois nem o tempo-eterno balsamo às feridas d'alma- consegue suavisar, porém sei tambem que a religião christã, cheia de consolações, prega um sentimento, que conheceis, à resignação-unico abrigo em que podem encontrar guarida os corações como os vosso, que foram despedaçados, feridos que foram nos seus mais intimos e, quiçá, únicos affectos.

O vosso filho tão querido por todos que tiveram a feliciade de conhecê-lo -foi victimado pelas balas covardes de um tresloucado que alliou a sua perversidade à mais perfida traição; porém, elle, moço pundonoroso, cahiu em holocausto à honra e a dignidade de seu genitor , que era tambem a sua, tão vilmente offendida por aquelle que depois, completando sua negregada tarefa, eliminou-o d"entre a sociedade cearense que distinguira José Nogueira pelos nobilíssimos predicados que exornavam a sua bella alma sã e generosa.

Há occasiões em que a palavra escripta é pobre para exprimir um sentimento muito intimo que nos atormenta e confrange o coração triturado, e eu me sinto nestas condições, sinto que sou impotente para manifestar-vos o que me vai n'alma por tão infausto acontecimento, certo de que o meu pezar é profundo por ver tombar de maneira tão cruel um moço que promettia tantas esperanças glorias, não só aos seus, hoje, inconsolaveis paes, como à terra natal, à qual já vinha prestando assignalados serviços.

Assim, pois, de envolta com o meu pezar, aceitai o voto ardente que faço a Deus para que vos dê resignação e coragem em tão amargurado transe.

De seu antigo discípulo e amigo atto. admor.

Rubens Thaumaturgo
Acre- Xapury (CEARÁ, s/d)

A poetisa Francisca Clotilde, também, em carta ao amigo, externa toda a sua indignação com a absolvição do assassino. Ei-la:

Prezado Sr. Nogueira.

Revoltou-se-me todo o ser, num ímpeto de indignação e de horror, ao saber que o assassino de José Nogueira foi absolvido! Em que tempos, meu Deus, estamos nós?

Ah! Tiveram bem razão os que representaram a justiça com os olhos vendados.

Cega e bem cega ella o foi agora. Infeliz Ceará, ou antes desditosa Calabria, onde um moço honesto e digno cae sob as balas traiçoeiras de um *nevropatha* destruindo a felicidade de um lar, ferindo acerbamente os corações paternos esse crime nefando, para o qual encontra o jury tantas attenuantes, tantas justificativas!

Onde iremos parar? Quem nos assegura que amanhã o maior criminoso não ostentará sua personalidade, nas ruas mais públicas, desafiando mesmo a justiça que deixou de ser a deusa invulnêravel para se submeter ao mercadejamento torpe da consciência e da dignidade.

Eu me associo com toda a alma à sua grande magua quam ais exacerba a dor immensa que tanto o faz soffrer.

Sinto ser pequenina e pobre e não poder syntetyzar em phrases vibrantes o que me abala os recessos da alma.
 Console-se, porém. Deus existe, e a sua justiça, é infalível. Um dia ella resplenderá em todo o seu poder, e ai dos que transigiram com as leis santas que deviam vingar a victima innocente e castigar o criminoso!
 Não posso mais escrever.
 Recapitulo a scena de 28 de outubro e ...permitta que faça ponto aqui.
 Creia na estima sincera da
 apr^a. mto. Grata
 Francisca Clotilde. (NOGUEIRA, 1915, p.68).

Para o amigo e colaborador na Typographia Escolar, José Martins Fernandes, o sentimento de inconformação, não foi diferente:

Ilmo Sr. Joaquim da Costa Nogueira
 Respeitosas saudações.
 Compartilho-me com o vosso profundo sentimento, occasionado pela imprevista e injusta decisão do jury, absolvendo o assassino do vosso idolatrado e jamais esquecido filho, meu dedicado amigo.
 Mas, mesmo assim, com o vosso coração traspassado pela setta da ingratição, atirada pelos Srs. Juizes do Conselho de Sentença, à face de uma pae que chora amargamente a perda irreparável de um filho único; rogo-vos perdoar esses inconscientes, lembrando-vos destas palavras sublimes do Divino Mestre, citadas na horas mais angustiosa de Sua Vida: Pae, perdôa-lhes , porque não sabem o que fazem. (Evangelho de São Lucas, 23,24).
 Lembro-vos, ainda, meu respeitável amigo, meditareis nas sentenciosas palavras do Justo Juiz, Legislador Supremo, citadas no Evang. De S. Math, c.5: v.4, 6, 9, 10,21 e 44.
 E assim tereis, certamente, o consolo, a paz e a graça de Deus. Resignai-vos, pois, e confiai, do intimo do vosso coração, na decisão irrevogavel do Supremo Tribunal da Justiça Divina.
 Aceitae estas minhas humildes palavras como um lenitivo à vossa dor. Com alta estima e consideração, assigno-me.
 Do vosso menor amigo, creado grato.
 José Martins Fernandes (Fortaleza)
 (NOGUEIRA, 1915, p. 23)

As palavras dos autores, Rubens Thaumaturgo, Francisca Clotilde e José Martins Fernandes mediante o assassinato e a decisão do júri pela absolvição de Sixto Bivar, correspondeu ao sentimento de perplexidade da sociedade, à cegueira da justiça dos homens.

Durante muito tempo, a decepção com a justiça e sua falta de conformação com a morte do filho foram temas recorrentes nas poucas conversas que travava com os amigos, o que acabou reforçando o luto e a depressão pós-traumática. Sobre o assunto, meu pai relata que,

A vovó Olívia dizia que o vovô havia morrido de desgosto. Nunca se conformou com a morte do José e mais que isso, com a absolvição do

Sixto Bivar. Ela insistia em dizer que foi um Catunda que matou o José.
(INFORMAÇÃO VERBAL⁴)

Fiquei pensando também que, ao analisar e escolher essas correspondências, muitas, sobressaltaram por reforçar o sentimento de perda e depressão do Prof. Joaquim Nogueira, pois mesmo passados anos do evento fatídico, o assunto ainda era o mote recorrente, nessas correspondências.

Não que a perda de um ente querido tenha um tempo programado para o seu esquecimento, afinal, jamais se esquece a quem se amou, sobretudo da maneira bárbara que foi; porém encontrei correspondências, já de 1920, cujo o assassinato do rapaz, ainda permanecia muito presente nos textos. A perpetuação do homem dilacerado foi superalimentada em oposição aos seus méritos de educador. O homem Joaquim Nogueira permaneceu envolto por uma aura de dor, impotência e fragilidade longos anos. Aonde se encontrava o mestre-escola? Ele não mais se manifestaria? A dúvida era frequente nas rodas sociais, porém anos depois vieram as respostas.

⁴Informação repassada em conversa informal por Francisco Alberto Nogueira Bezerra, primeiro neto de Joaquim Nogueira, em Fortaleza, em fevereiro de 2015.

6 O RECOMEÇO E O FIM DA VIDA: FUNDAÇÃO DO COLLEGIO NOGUEIRA E APOSENTADORIA NO LICEU DO CEARÁ

Como já sabido, durante penosos quatro anos, Joaquim Nogueira padeceu com o luto profundo e com a falta de esperança no “homem”. Entretanto, em 1918, sua vocação o reconduziu ao magistério, e o velho professor funda o Collegio Nogueira Externato, à Rua General Sampaio, quase esquina com Pedro Pereira, ao lado da casa de Juvenal Galeno. Sobre esse endereço, meu pai, relembra que:

Era uma casa muito grande, o lugar onde nasci. Daquelas casas antigas, compridas. Essa era idêntica a do Juvenal Galeno, tinha a mesma planta. Brincava correndo de uma ponta a outra. Entrava também na casa do Juvenal Galeno, na maior correria, sob os olhares atentos e de reprovação da Vovó Olívia. Em frente a esta casa havia uma doceira chamada Odete. Foram várias as vezes em que atravessava à rua para comer os doces que ela fazia. Até hoje sinto o gosto dos seus doces. (INFORMAÇÃO VERBAL)

No Collegio Nogueira, segundo João Hipólito de Oliveira, havia os cursos infantil, primário e médio, sendo o último opcional, mas que poderia ser considerado mais um curso admissional pelos conhecimentos que proporcionava. Contrariando a memória do ex aluno, em encarte do Collegio Nogueira, há a indicação de que o externato funcionava com:

Curso Primario (Em 4 anos, adaptado às normas de ensino Regulamentado pela Diretoria da Instrução Publica do Estado)- Lingua Nacional, Aritmetica, Geometria, Geografia e História Pátria, Historia Natural e Instrução Moral e Civica.

Curso Infantil- Serão aceitas também neste Curso, creanças do sexo feminino, de 7 até 10 anos de idade.

Curso de Admissão-Habilitação de candidatos a exames de admissão ao Curso Seriado do Liceu, ao Colégio Militar, às Escolas de Farmácia e Odontologia, a concursos em qualquer repartição pública federal, estadual e municipal.

Curso Complementar, a cargo de professores de longo tirocinio, que também se encarregam de ministrar explicações a alunos matriculados em qualquer estabelecimento oficial. Neste curso os alunos se iniciarão nas materias que constituem o 1º ano seriado, não só do Liceu como do Colégio Militar.

A instrução moral e civica à qual adicionamos tambem a religiosa como preparo de espirito para conhecimento de Deus, da Patria e da Familia, será ministrada por meio de ditados e conselhos, exemplos e ações, emanados do próprio meio social. (NOGUEIRA, 1926, s/p).

O lema do Collegio Nogueira, o mesmo do antigo Instituto de Humanidades, perpetua sua pratica intuitiva e prática, o que lhe rendeu diversas honrarias e reconhecimento por educadores, no Brasil e fora dele. Afora isso, formou uma geração de homens da Medicina, Engenharia, Direito, Agronomia, Odontologia, Farmácia, Comércio, como Haroldo Juaçaba, Francisco Osmundo Pontes, Mozart Soriano Aderaldo, Waldemar Machado, dentre outros (ESPÍNDOLA, 1991, P. 42). Mais tarde, um dos seus ex-alunos, João Hypólito Campos de Olliveira, em homenagem ao velho professor, dirige um colégio a quem dá o nome de Colégio Nogueira. Sobre o seu estabelecimento de ensino, o ex-aluno informa que,

Dirigi um colégio, a que dei o nome de Nogueira, tendo contado com a valiosa colaboração dos irmãos, especialmente de José Maria, cuja direção transmiti a Alúisio Ferreira e este, por sua vez, em 1945, a Clodomir Teófilo Girão, que lhe atribuiu outra denominação (OLLIVEIRA, p. 196).



Imagem 34: Colégio Nogueira fundado em 1937, sob a direção de João Hipólito Campos de Olliveira, assim denominado em homenagem ao seu antigo professor.

Após o fechamento do Collegio Nogueira, em 1933, o professor se dedicou inteiramente à cátedra de Desenho no Liceu do Ceará, onde foi colega de trabalho de velhos amigos e colaboradores do Instituto de Humanidades. Digo inteiramente, pois contrariando as pesquisas já feitas sobre o professor, Joaquim da Costa Nogueira, não teve uma rápida passagem pelo Liceu, pois sua nomeação para a cátedra de Desenho na instituição ocorreu em 30 de outubro de 1915, ficando por lá até 1934, como atestei em Livro de Registro do Liceu do

Ceará que encontra-se no Arquivo Público do Estado do Ceará. Assim, foram quase duas décadas na instituição, descaracterizando a efemeridade do seu exercício profissional no Liceu.

C A D E I R A S		Pág.
FRANCÊS	Jorge de Sousa	1
INGLÊS		5
ALEMÃO	Hermínio Barroso	9
LATIM		13
ARITMÉTICA E ALGEBRA		17
GEOMETRIA E TRIGONOMETRIA	Rodrigues de Andrade	21
FÍSICA E QUÍMICA		25
HISTÓRIA NATURAL		29
GEOGRAFIA E CRONOGRAFIA	F.º Rodolfo	33
HISTÓRIA DO BRASIL	Ruy Mendes	37
HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO	Hermes de Faria	41
DESENHO	Joaquim da Costa Nogueira	45
LOGICA, PSICOLOGIA E HISTÓRIA DA FILOSOFIA		49
INSTITUCIONAL E GERAL		65
Geometria		130
Química		136
AULAS SUPLEMENTARES		138
Do caderno de Desenhos -		144
Português		15
Matemática		67
Geografia		120
PROFESSORES EM DISPONIBILIDADE		114
		61
ESCOLA DE COMÉRCIO		
DIREITO COMERCIAL E ECONOMIA POLITICA		69
CONTABILIDADE E ESCRITURAÇÃO MERCANTIL		73

PESSOAL ADMINISTRATIVO		
DIRECTOR		77
SECRETARIO		81
PREPARADOR		85
		89
AMANTEIRO		93
INSPECTOR DE ALUNOS		97
REGULADORISTA		101
CONTINUO (extinto)		105
FORNEIRO		109
Servente		125
Auxiliar de Inspector de Alunos		124
Instructor dos Escoteiros		128
Porteiro - Porteiro		132
Instructor Militar		134
Inspector de Alumnas		140
Vice-Director		143

Imagem 35: O referido documento, Índice da Matrícula do Liceu (ano não identificado), informa quais as disciplinas havia no Liceu do Ceará e alguns dos seus respectivos professores. Dentre eles, identifiquei Jorge de Sousa para o Francês; Hermínio Barroso para o Alemão; Rodrigues de Andrade para Geometria e Trigonometria; Francisco Rodolfo Geografia e Chorografia; Joaquim da Costa Nogueira para Desenho. Os cargos do pessoal administrativo são os de Director, Secretário, Preparador, Amanuense, Inspector de alunos, Bedel-Archivista, Contínuo (Extinto), Porteiro, Servente, Auxiliar de Inspector de alunos, Instructor dos Escoteiros, Servente-porteiro, Instructor Militar, Inspector de alumnas, Vice-director. (Fonte: Arquivo Público do Estado do Ceará).

Enquanto esteve por lá, afastou-se diversas vezes por motivo de saúde. Não coincidentemente, as doenças físicas concentraram-se nos anos posteriores à perda do filho e foram uma constante até o fim de sua vida. As licenças estão datadas em: 23 de maio de 1916, reassumindo suas funções em 18 de junho do mesmo ano; 05 de julho de 1916, reassumindo em 09 de julho do mesmo ano; 02 de abril de 1921, reassumindo suas funções em 15 dias; 19

de abril de 1921, reassumindo após 15 dias suas funções; 10 de maio de 1921 cujo período de sua licença foi de dois meses, porém em 01 de junho de 1921 reassume a sala de aula; em 18 de julho de 1922 obteve dois meses de licença; em 07 de julho de 1924, 30 dias; em 01 de agosto de 1924, dois meses; em 10 de agosto de 1928 obteve três meses licença. Durante sua licença concedida em 14 de maio de 1921, assume a cátedra, a professora Argentina de Carvalho Gurgel Alencar; em 21 de julho de 1921 assume sua disciplina o professor Adolpho Pompeu de Arruda, como também em 1 de agosto de 1924 e 10 de agosto de 1928.

O trabalho no Liceu do Ceará trouxe-lhe muito mais problemas do que propriamente os de saúde. Transcorria o ano de 1932 e o professor Joaquim Nogueira mantinha o hábito de não só anotar as notas dos alunos nos diários de classe, como em sua caderneta particular, que era guardada em sua residência. Numa conferência de notas, percebeu que uma nota havia sido adulterada e resolveu pedir uma sindicância. Sobre o episódio, seu ex-aluno, Espíndola relata:

Além do assassinio do filho José, o acatado mestre sofreu mais um fato traumático. Andava o ano de 1932, sendo interventor do Ceará o Capitão Roberto Carneiro de Mendonça, o qual esteve à frente do governo desde 22 de setembro de 1931 até 15 de julho de 1934. Nogueira, lente muito cuidadoso, registrava as notas dadas aos alunos, não somente na caderneta oficial, mas, também, numa caderneta particular, conservada em casa, para efeito de fiscalização. Certa vez descobriu uma contrafação. Em vez da nota zero por ele grafada na caderneta do Liceu, estava com oito. O discípulo fizera do zero um oito, tarefa muito fácil. Não obstante os conselhos do Mons. José Quinderé-este achava difícil apurar a falsificação- Nogueira, pessoa bastante perversa, postulou por escrito a abertura de uma sindicância para apurar sobre o ocorrido. A comissão de três professores, entre eles, o Dr. José Hipólito de Azevedo e Sá, da Escola Normal, concluiu pela não existência da fraude. (ESPÍNDOLA 1991, p.94)

Bindá traz à luz a versão do Monsenhor Quinderé, cujo o autor revela que foi constatada na sindicância que o próprio Joaquim Nogueira havia feito a rasura na caderneta:

Posteriormente, a mesma coisa se fez na caderneta de desenho do prof. Joaquim Nogueira. Tinha ele o cuidado de registrar, numa caderneta particular de bolso, a nota que dava no livro da chamada. Conversou comigo a esse respeito, muito indignado, e me disse que estava decidido a requerer um inquérito. Era na Interventoria Carneiro de Mendonça. Nogueira, obtemperei, não dê esse passo, porque inquérito e dinheiro de quem morre ninguém pode saber aonde vai parar. “Você não requereu, você não agiu, porque é insensível” – disse ele. “Eu não sou é galo de briga”, respondi. Carneiro de Mendonça,

despachando o requerimento, nomeia o sisudo e austero João Hipólito para instaurar o inquérito, o qual, por cautela traz um escrevente da sua confiança. Resultado: Apurou-se que o autor da falsificação fora o próprio professor Nogueira, que, como todos sabem, era um homem incapaz de tamanha indignidade! De maneira alguma se podia atribuir ao veterano aquela farsa. Mas, o certo é que o Interventor publicou um decreto com diversos considerandos, dos quais o último assim rezava: “Tratando-se de um cidadão que prestou relevantes serviços à instrução pública estadual, resolve não demiti-lo a bem do serviço público, mas aposentá-lo com o tempo de serviço que se apurar”. Nogueira foi arrebatado por violento choque traumático, perdeu a fala, e morreu logo após. (BINDÁ, 2008, p. 64)

As palavras de Monsenhor Quinderé soam, para mim, no mínimo inverossímeis. Qual o motivo de um homem com a credibilidade e o conceito do Prof. Joaquim Nogueira falsificar a própria caderneta para imputar a culpa a um alguém e mais que isso, protocolar uma sindicância para descobrir o autor da falsificação sendo ele mesmo? Pelos anos de pesquisa, pelo mergulho na alma do meu biografado, tal atitude em nada se parece com o perfil do Professor.

Existe uma outra versão apresentada por Espíndola, mais passível de credibilidade que contradiz a apresentada pelo Monsenhor Quinderé. Segundo ele, o interventor quis demitir o Prof. Nogueira pela acusação que ele havia feito e que não foi comprovada, porém o Secretário do Interior e da justiça, Olívio Câmara e o jornalista, Paulo Sarasate, intercederam para que isso não acontecesse. Para minorar a pena resolveram pela aposentadoria com vencimentos proporcionais ao tempo de serviço, considerando relevantes os serviços prestados pelo meu biografado. O ex- aluno informa ainda que o professor muito trabalhou e sofreu, além de ter sido vítima de injustiça amarga e cruel. (ESPÍNDOLA, 1991, p. 94).

Joaquim Nogueira mais uma vez perplexo diante dos acontecimentos da vida que convergiram a ele, indignado pela aposentadoria prematura, saiu de cena e se voltou para o seu mundo. Pouco saía. Emudeceu. Passou de um dos mais renomados professores que o Ceará já teve para alguém que se expressava através do seu silêncio.

Ninguém mais o viu como nos tempos áureos à frente do Instituto de Humanidades e do Collegio Nogueira. Ensimesmado, enlutado há mais de duas décadas pela morte do filho, inclusive no negro das roupas e na longa barba, vivia moribundo no refúgio de sua casa à Rua General Sampaio, ao lado do vizinho Juvenal Galeno (...)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU “ O TEMPO QUE SE QUER NÃO É O TEMPO QUE SE TEM”

Chego ao final desse trabalho com uma certeza, a de que algumas considerações aqui expostas poderão e deverão se tornar, novamente, objeto de pesquisa, consoante à importância de Joaquim da Costa Nogueira na Educação cearense e na sociedade em que estava inserido. A certeza de continuidade, também, parte do princípio de que a pesquisa acadêmica tem o seu tempo programado: o seu início, meio e fim. Entretanto, a centelha de pesquisador acesa durante esses anos de estudo, pelo diálogo com as fontes, pelas reflexões que ocuparam, ininterruptamente, o pensamento e pela própria escrita, permanece latente em razão de que: o tempo que se quer, não é o tempo que se tem.

Desse modo, o descompasso entre o tempo limítrofe da pesquisa e o espírito livre do pesquisador, acaba por oferecer a certeza de que o fim de uma pesquisa será sempre o começo de uma outra, ou o recomeço dela mesma.

Passados esses quatro anos de pesquisa, após noites mal dormidas, corpo exausto em cima do computador, chego a conclusão que escrever uma biografia é descobrir caminhos, atitudes e sentimentos do biografado; é enveredar na intimidade de alguém, muitas vezes, sem a sua permissão; é jogar com o desejo de *voyeur* do leitor e não ter a certeza de contemplá-lo.

Escrever a biografia de um parente é, além de tudo já citado, somado à sensação de remexer no que não deveria (ou deveria), pois nem sempre as lembranças daqueles que viveram as repercussões da história são agradáveis; é se emocionar com a narrativa de alguém tão perto e a partir daí, compreender suas atitudes no exercício do viver, outrora incompreendidas. É saber que as rachaduras na história de um alguém, nem sempre serão reparadas pelo parentesco, pois algumas fissuras também fazem parte da família e alguns segredos se revelarão, apenas, segredos. O enigma familiar que foi o pontapé inicial para essa pesquisa, a verdade sobre a filiação de minha avó, continua segredo. Afinal, “quem se faz biógrafo, obriga-se às mentiras, aos segredos, ao idealismo e até à dissimulação do que não compreende”, no dizer de Freud. (SILVA, 2002, p.45).

Iniciei o trabalho trazendo à luz algumas considerações sobre as narrativas ficcional e histórica. Para isso, foi inevitável levar à discussão os limites de cada uma e os pontos interseccionais entre elas. Tais reflexões me estimularam e prepararam-me à escrita da biografia do professor Joaquim da Costa Nogueira. O diálogo com autores que contemplam tanto as narrativas ficcionais, como historiadores, que tratam das narrativas históricas nortearam-me pelo caminho biográfico.

O meu Joaquim Nogueira, o menino da Villa de Aquirás e o professor renomado numa Fortaleza que aspirava modernidade nas primeiras décadas do século XX, representou uma elite intelectual cuja modernidade, também, se alicerçava no saber.

Acreditava que a escola domava a natureza impulsiva do homem e o levava a alçar voos. E assim o fez. Fundou instituições escolares, o Instituto de Humanidades e o Collegio Nogueira que se perpetuaram na memória dos ex alunos e na História da Educação do Ceará. Sua contribuição se estendeu ao Liceu do Ceará, a partir de 1915, na cátedra de Desenho.

As instituições fundadas e dirigidas por ele garantiram que os alunos fossem estimulados ao aprendizado com o que havia de mais inovador nas práticas educativas de então, o Método Intuitivo e Prático. Para dar robustez e solidificar seu fazer pedagógico, Pestalozzi, Fröeber, Norman Alisson Calkins o guiaram na sua vocação de mestre-escola, ao mesmo tempo em que, num ímpeto espiritualista e eclético, deixou com que Durkheim e Rousseau se aproximassem de suas instituições; todas essas contribuições aliaram-se à formação cívico patriótica que a República exigia. Assim, com o conhecimento que cada um lhe proporcionou, facultou cor nacional às suas práticas pedagógicas.

É de certo que muitos não compreenderam sua inovação, mas não se importando com isso e com a firmeza no que acreditava, obteve o aval profissional dos mais renomados professores do país e fora dele, além da amizade e admiração de muitos intelectuais que o aplaudiram em suas incursões profissionais, além da confiança da sociedade cearense na educação escolar dos seus filhos.

Em sua prática pedagógica, o livro didático deveria ser elaborado e organizado pelos próprios professores, afinal, ninguém melhor do que eles para conhecerem o seu corpo discente. Dessa forma, editou os livros didáticos, utilizados nas instituições de ensino, ao lado do seu filho José Mendonça Nogueira, na sua *Typographia Escolar*. Inserindo-as numa prática comum às escolas brasileiras, no início do século XX, a editoração de livros didáticos.

Dessa parceria surgiram publicações como o *Anno Escolar*, que em 1921 foi adotado pelas escolas primárias da rede estadual de ensino, no Ceará; a *Revista Escolar* que publicizou o Instituto de Humanidades e o *Collegio Nogueira* para o Brasil e para outros países, as glórias e os desafios de sua vocação de mestre-escola, além de ter dado voz a diversos intelectuais cearenses em suas páginas, alguns já consagrados e outros que despontavam no exercício intelectual. A *Typographia Escolar* produziu diversos gêneros, entretanto obrigou-se a fechar suas portas, em 1914, quando o jovem filho do professor foi assassinado.

Durante a pesquisa, o que inicialmente não estava previsto, ergueu-se imperiosamente das fontes: as diversas personagens coadjuvantes de sua história, que me auxiliaram na construção da sociedade local, assim como, na sua possível Teia de Sociabilidades. Várias personalidades na História do Ceará e que hoje nomeiam as ruas de Fortaleza fizeram parte do seu círculo pessoal e profissional.

Apesar de ter sido um homem bem relacionado, não deixou de passar por agruras na sua trajetória, como a premeditação do assassinato do seu jovem filho, José Nogueira, fruto também da incompetência da polícia à época do crime; a absolvição do assassino pelo júri de Fortaleza, e já nos anos 30, a sua forçada aposentadoria.

Estes acontecimentos fizeram do professor Joaquim Nogueira, um homem fragilizado psíquica e fisicamente até à sua morte, todavia o seu legado como educador ultrapassou o tempo, numa Fortaleza e com uma fortaleza, de quem soube escrever a sua própria história.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, Mozart Soriano. **História Abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a Cidade Amada**. Fortaleza: Programa Editorial da Casa de José de Alencar, 1998

AGUIAR, Frota. **O Último Canto do Cisne!** Editora Cátedra. Rio de Janeiro, 1993

ALENCAR, Cabral de. **Um educador**. Jornal do Ceará. S/d.

AMORIM, Sara Raphaela Machado de; MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **O Ideário Pedagógico de Nestor dos Santos Lima na Escola Normal de Natal (1911-1923)**.

ARCE, Alessandra. **Friedrich Fröebel: O Pedagogo dos Jardins de Infância**. Petrópolis RJ: Vozes, 2002

ARQUIVO PÚBLICO (CEARÁ). Inquérito nº1914/2 Caixa 3

_____.Livro “Apontamentos biográficos de Joaquim da Costa Nogueira”

_____.Livro Cartas de Pessoas Amigas ao Prof. Joaquim Nogueira por ocasião da morte de seu filho

_____.Livro de Matrículas do Instituto de Humanidades

_____.Livro de Matrículas do Liceu

_____.Livro de Testamentos.

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994

AVELAR, Alexandre de Sá. **Subjetividades contemporâneas e escrita biográfica: limites, desafios e possibilidades**. Revista História Oral, v. 13, n. 2, p. 33-51, jul.- dez. 2010

AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza Descalça**. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar - Programa Editorial 1978

AZEVEDO, Sânzio de. **Cruz Filho e sua poesia**. Revista da Academia Cearense de Letras, 1975

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação**. In: Biografia, Biografias. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/UNIJUI, Vol. 17, no. 33, 1997

BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Fortaleza. Edições Instituto do Ceará, Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1987 - Tomos I a II

BARROSO, Marco A. **A influência do Espiritualismo Eclético para a Filosofia no Brasil**. Revista Interdisciplinar de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos. Ano I, No 3, Juiz de Fora, Março – Maio/2007

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida – Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866 – 1915)**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002

BELTRAME, Mauria Bontorin; MOURA, Graziella Ribeiro Soares. **Edificações Escolares: Infraestrutura necessária ao Processo de Ensino e Aprendizagem Escolar**. Revista Travessias, Vol. 3, Nº 2, Unioeste, Paraná, 2009

BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. **Jogo de Cartas: A correspondência como fonte de pesquisas**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.2, dez. 2009

BINDÁ, Thirza Maria Bezerra. **Instituto de Humanidades: História de um Educandário Cearense na Belle Époque – 1904-1914**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal do Ceará. 2008.

BURKE, Peter. **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999

CAMPOS, Moreira. Uma história antiga ou a serpente. In: **O Puxador de Têrço**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969

CÂNDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1970

_____. Um impressionismo Válido; DANTAS, Vinícius. **Textos de Intervenção**. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Duas cidades; 34ª Edição, 2002

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997

CARRETERO, Mario. **Documentos de identidade: a construção da memória histórica em um mundo globalizado**. Tradução Carlos Henrique Lucas Lima. – Porto Alegre: Armed, 2010

CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do Ensino no Ceará**. Monografia nº. 22. Coleção do Instituto do Ceará. Dep. Imprensa Oficial, 1970

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (Org). **História e Memória da Educação no Ceará.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002

_____. **João Hipólito de Azevedo e Sá: o Espírito da Reforma de 1922 no Ceará.** Edições UFC, 2000

_____.; BEZERRA, José Arimatéa Barros (Orgs). **Biografias, instituições, ideias, experiências e políticas educacionais.** Fortaleza: editora UFC 2003

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: Jacques Revel (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** 2 Ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

CORDEIRO, Celeste. **Brinquedos de Memória: Em Fortaleza no Início do Século XX.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 1996

DECCA, Edgar Salvadori de; LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens.** Campinas -Porto Alegre: Editora da Unicamp, Ed. da UFRGS, 2000

DOSSE, Franças. **O Desafio Biográfico; Escrever uma vida.** São Paulo: EDUSP, 2009

DOURADO, Rosiene de Jesus. **As formas modernas da mulher brasileira (1920 –1939)** . Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Artes e Design, 2005

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia.** 70ª. Ed. Educação e Sociologia. Lisboa/Portugal-s/d

ESPÍNDOLA, Itamar. **Professor às Completas.** In: Revista do Ceará. Fortaleza, V 105, 1991

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.** Série Princípios. São Paulo: Ática: 2001

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

HÁ 100 anos, a queda da oligarquia Accioly. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniaio/2012/01/24/noticiasjornalopiniao,2772620/ha-100-anos-a-queda-da-oligarquia-accioly.shtml>. Acesso em 02 de maio de 2015.

HALLEWELL, Laurence. **O livro do Brasil: sua história.** Tradução de Maria da Penha Vilalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora Universidade de São Paulo, 1985

HOBBSAWN, Eric. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: Educação e Ética**. São Paulo: Scipioni, 1997

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO (CEARÁ). Arquivo Iconográfico Caderno de anotações de José Mendonça Nogueira.

JOÃO Perboyre e Silva. Disponível em :

http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/revistas/1991_92/ACL_1991_1992_05_Elogio_ao_Patrono_Joao_Perboyre_e_Silva_Ribeiro_Ramos.pdf . Acesso em 25 de maio de 2014.

JOSÉ Silveira Para Gregos e Troianos. O Povo, Fortaleza, 14 de maio de 2001. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/esportes/2011/05/14/noticiaesportesjornal,2243553/jose-silveira-para-gregos-e-troianos.shtml> . Acesso em 14 de dez de 2013.

JUVENAL Galeno. Disponível em: <http://www.casadejuvenalgaleno.com.br/p/juvenal-galeno.html> . Acesso em 23 de maio de 2015.

LE GOFF, Jacques. **A História e Memória**. 4 Ed. Campinas – São Paulo: UNICAMP, 1996.

_____. **São Francisco**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012

_____. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LIMA, Ana Michele da Silva. **Educação e Saúde: A Escola como Locus de Higiene no Ceará (1930 - 1960)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará UFC

LIMA, Camila Imaculada Silveira. **Nos palcos de Fortaleza: o teatro em seus aspectos culturais, sociais e políticos na capital cearense no início do século XX**. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. A NPUH/SP–UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. CD-ROM

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O Ensino de Música Na Escola Fundamental**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003

LUKÁCS, G. **A teoria do Romance**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MANACORDA, M. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2004

MACHADO DE ASSIS. **Quincas Borba**. In: Obra Completa Machado de Assis, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994

MADÉLENAT, Daniel. **La Biographie**. Paris: PUF, 1984

MARINHO, Inezil Penna. **História da educação física no Brasil**. S.i: Cia Brazil, 1986

MARTINHO RODRIGUES, Rui. A Busca das Fontes na Pesquisa Histórica e na Educação. In: Vasconcelos, José Gerardo, Vasconcelos Júnior, Raimundo Elmo de Paula (Orgs), **Interfases Metodológicas da Educação**. Fortaleza: Edição UFC, 2007

MOTA, Murilo. **Jornal A RUA**. Fortaleza, 12 de dezembro de 1933.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASPOLINI, Rodrigo Benedeti. **As primeiras faculdades de direito: São Paulo e Recife**. Disponível em:/http://www.egov.ufsc.br. Acesso em 30 de março de 2015.

NIREZ, Miguel Ângelo de Azevedo. **Índice Analítico e Iconografia da Cronologia Ilustrada de Fortaleza**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

NOGUEIRA, Joaquim da Costa. **Anno escolar. Livro de Leitura**. Rio de Janeiro: Editor Leite Ribeiro e Maurillo, 1921

_____. **Revista escolar do Collegio Nogueira**. 2ª. Fase. Ano XI No. 121. Vol. XI. nº.5, Fortaleza: Typographia São José. Novembro de 1925.

_____. **Meu Filho**. Fortaleza, 1915.

NOGUEIRA, José Mendonça. **Anuário Cearense para 1912**. Ano I, Fortaleza: TPY, Escolar. São Paulo: Ed. Papiros, 1996.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. História e Literatura: relação de sentidos e possibilidades. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano (Orgs.). **Linguagens da História**. Fortaleza: Imprece, 2003.

OLIVEIRA, Jackeline Holanda Thomaz; SALES, José Albio Moreira de. **História da Educação e Arquitetura Escolar: A escola Normal do Ceará e a Escola Ativa**. XI Congresso Nacional de Educação, PUC-Paraná, 2013.

O PADRE Quinderé. Diário do Nordeste.Fortaleza, 22 de dezembro de 2007. Disponível em <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/o-padre-quindere-1.469614>. Acesso em 12 de julho de 2014.

OLLIVEIRA, João Hipólito Campos de. **Prof. Joaquim da Costa Nogueira-Reminiscências Escolares I- Colégio Nogueira**. Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXXIII. Fortaleza: Imprensa da Universidade Federal do Ceará, 1959, p.388-394. Palestra conferida no Instituto Histórico do Ceará em 20/12/1965. Revista do Instituto do Ceará.

PAIM, Antônio. **Os Intérpretes da Filosofia Brasileira: Estudos Complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil**. V. I Londrina: UEL, 1999.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controles Sociais 1860-1930**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.

QUINDERÉ, José. **Reminiscências**. Ed. Edições UFC: Casa José de Alencar. Programa Editorial, 1998.

REVISTA ESCOLAR DO COLLEGIO NOGUEIRA Ano XI no. 121. Vol. XI. Nº5. Fortaleza: Typographia São José. Novembro de 1925.

RICOEUR, Paul. **Do texto à acção: ensaios de hermenêutica II**. Porto: Rés, 1986.

SAVIANI, Dermeval (Org). **História e História da Educação**. Campinas, São Paulo: Autores Associados – HISTDBR, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo Biografias, Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997.

SCHVARZM, Sheila. **Entrevista com Michelle Perrot**. Disponível em: <http://periodicos.bc.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1734>. Acesso em: 20/mai./2012.

SILVA, Ana Glória Lopes da. **O Livro Anno Escolar do Instituto de Humanidades de Fortaleza-Edições Escolares e a Cultura Cearense nas três primeiras décadas do século XX**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará-UFC, 2010.

SILVA, Paulo Neves da. **Citações e pensamentos de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Casa das Letras, 2012.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

STUDART, Guilherme. **Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense**. Fortaleza: Paulo Zózimo, 1915.

VALDEMARIM, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas: Análise dos fundamentos filosóficos do método do ensino intuitivo**. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

VALDEZ, Alba. A Sempre Nova Questão do Ensino. In: **Anno Escolar para 1921**. NOGUEIRA, Joaquim da Costa Nogueira (Org), 1921.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.

WOOLF, Virgínia. **A arte da Biografia**. Tradução de Nórída Teotônio Castro. Dispositiva nº 2 PUC: Minas Gerais, 2012.